



**UNIVERSIDADE CATÓLICA PORTUGUESA  
FACULDADE DE TEOLOGIA**

**MESTRADO EM CIÊNCIAS RELIGIOSAS  
ESPECIALIZAÇÃO: EDUCAÇÃO MORAL E RELIGIOSA CATÓLICA**

**NELSON LOURENÇO**

**A experiência de um projeto de mediação de  
conflitos: o contributo da EMRC para o  
desenvolvimento da paz escolar**

**Relatório Final da Prática de Ensino Supervisionada  
sob orientação de:**

**Professor Doutor Rodrigo Eiró Queirós e Melo  
e  
Mestre Juan Francisco Garcia Ambrosio**

**Lisboa  
2023**

Aos meus alunos, de todos os tempos e de todas as idades, na esperança de que este percurso não me venha dar a noção de um passado incapaz, mas que o resultado deste presente possa, no futuro que aqui começa, acrescentar a esses, outros tempos de maior qualidade.

Aos meus professores, de todos os tempos da minha história, com especial dedicatória aos que me ensinaram durante este percurso académico. Aos meus colegas, com uma gratidão impagável à minha amiga Catarina Amaral e Bruno Veloso, sem os quais não teria escrito estas palavras e não teria feito este caminho.

## Resumo

O tema da paz universal foi o escolhido na minha Prática de Ensino Supervisionada (PES). Ao longo das aulas dadas foi importante perceber o quanto os alunos se interessam pelas questões da paz, não apenas numa abordagem da mesma no que define o programa de EMRC do 7.º ano de escolaridade, como pela tentativa que se fez de uma abordagem que ligasse o tema e as vivências do dia-a-dia de cada aluno, fazendo-os entender que a ideia de uma paz universal só faz sentido se vislumbrada a partir de uma vivência quotidiana e muito pessoal da mesma.

É fundamental explorar, discutir, abordar com os alunos o tema da paz universal no seu percurso escolar. Seria desejável que se constituísse como um verdadeiro assunto a discutir em todos os níveis de ensino e, sugere-se que fosse abordado como tema inicial, numa perspetiva de introdução à disciplina de EMRC e fosse forma de preparar o próprio ambiente escolar para uma convivência pacífica. Porém, a paz universal, que na visão dos alunos é como que uma utopia difícil de perseguir, só faz sentido se for abordada numa visão que a contextualize nos seus quotidianos, permitindo um entendimento que a traga para uma prática vivida e vivenciada no ambiente escolar e deste parta para as relações sociais dos alunos.

Pretende-se oferecer aos alunos, de forma consistente e muito real não só a discussão do tema da paz, mas dar-lhes instrumentos que possibilitem uma aprendizagem do que é a mesma como realidade a construir nos ambientes em que cada aluno se insere, nomeadamente o escolar. Aprender a resolver os conflitos da vida real e vivida por cada um é a melhor aprendizagem que se pode oferecer aos alunos.

A criação em ambiente escolar de um espaço de diálogo, espontâneo e voluntário de resolução de problemas concretos ajuda os alunos a consolidar como aprendizagem uma opção serena sobre a paz e a aplicá-la no seu dia-a-dia e nas suas relações escolares e outras.

O processo de mediação de conflitos é esse espaço que completa as discussões das aulas sobre a abordagem do tema da paz e oferece a experimentação de uma paz com efeitos práticos e efetivos na vida dos nossos alunos, dando à disciplina de EMRC uma capacidade prática efetiva de ajudar os alunos e a comunidade.

**Palavras-Chave:** Paz Universal, Mediação de Conflitos, Educação Moral e Religiosa Católica (EMRC), Prática de Ensino Supervisionada (PES).

## **Abstract**

The theme of universal peace was chosen for my Supervised Teaching Practice (STE). Throughout the classes given on this subject, it was important to understand how much the students are interested in issues of peace, not only in terms of their approach as defined by the 7<sup>th</sup> grade EMRC programme, but also within a pedagogical approach that linked the theme and everyday experiences in each student life, making them understand that the idea of universal peace only makes sense if glimpsed from a daily and very personal experience of it. The theme of Universal Peace is fundamental to be explored, discussed, addressed with students in their school journey. It would be desirable for it to constitute a true subject to be discussed at all levels of education and it is suggested that it should be taught as an initial theme, introducing the discipline of EMRC and as a way of preparing the school environment itself for a peaceful coexistence. However, universal peace, which in the view of the students is like a utopia that is difficult to pursue, only makes sense if approached from a perspective that contextualizes it in their daily lives, allowing an understanding that brings them to practice it and experience it in the school environment. and from there on, to the social relationships of the students.

It is intended to offer students, in a consistent and very real way, not only the theoretical discussion of the theme of peace, but also to give them instruments that allows them to learn and experience peace as a reality to be built in their social environment, particularly at school. Learning to resolve conflicts of everyday life, as experienced by each one, is the best learning strategy that can be offered to students.

The creation in the school environment of a space for dialogue, spontaneous and voluntary, for solving concrete problems, helps students to consolidate learning about peace as a serene option and to apply it in their daily lives and in their school relationships and others.

The conflict mediation process is the space that completes class discussions on the theme of peace and offers the experience of peace with practical and effective effects in the lives of our students, giving the subject of EMRC an effective practical capacity to help students and the community.

**Keywords:** universal peace, conflict mediation, Educação Moral e Religiosa Católica (EMRC), Supervised Teaching Practice (STE).



## **ÍNDICE DE FIGURAS**

Figura 1 - Escola Secundária Jerónimo Emiliano de Andrade.....	25
Figura 2 - Caracterização dos alunos da turma quanto à idade e ao sexo. ....	28
Figura 3 - Confissão religiosa dos alunos da turma.....	29
Figura 4 - Frequência anterior da disciplina de EMRC.....	29
Figura 5 - Grau de Satisfação com a disciplina. ....	30
Figura 6 - Habilitações literárias dos pais. ....	31
Figura 7 - Processos em Mediação de conflitos. ....	105
Figura 8 - Encaminhamento das queixas.....	106
Figura 9 - Queixas mediadas em processo de mediação.....	107
Figura 10 - Análise temporal das ocorrências durante o ano letivo 2021/2022. ....	109
Figura 11 - Análise temporal e comparativa.....	110
Figura 12 - Mediação de conflitos escolares.....	111
Figura 13 - Análise quanto ao género dos queixosos.....	112
Figura 14 - Alvos das queixas efetuadas por género.....	113
Figura 15 - Géneros dos alunos envolvidos por situação.....	114
Figura 16 - Género dos alunos por situação.....	115
Figura 17 - Envolvimento do agregado familiar.....	116
Figura 18 - Análise comportamental quanto à existência de Violência física.....	117
Figura 19 - Conflitos quanto ao comportamento evidenciado.....	119

## **ÍNDICE DE TABELAS**

Tabela 1 - Constituição da turma da prática de ensino supervisionada.....	28
Tabela 2 - Planificações de Nível I/II.....	37
Tabela 3 - Planificações de Nível III.....	38
Tabela 4 - Critérios de Avaliação de EMRC.....	41

## Introdução

Este relatório surge no âmbito do curso de mestrado em Educação Moral e Religiosa Católica (EMRC), que integra o segundo ciclo de estudos do Curso de Ciências Religiosas, afeto à Faculdade de Teologia da Universidade Católica Portuguesa. O trabalho da Prática de Ensino Supervisionada (PES), foi desenvolvido na escola Jerónimo Emiliano de Andrade, numa turma de sétimo ano de escolaridade, com a qual foi abordado o tema que vem dar corpo a este relatório – a paz universal.

O presente relatório está dividido em três capítulos: reflexão sobre a prática de ensino supervisionado, um novo olhar sobre o estudo do tema da paz na escola, e a construção de um Gabinete de Mediação de Conflitos.

Esta minha introdução poderá parecer longa para um trabalho desta natureza, mas senti a forte necessidade de partilhar de forma mais pormenorizada os pressupostos e as intuições que tenho sobre este meu trabalho no que respeita à importância da paz no ambiente escolar e sobre a forma de o fazer, de que aqui dou conta.

Se é certo que a abordagem do tema traz aos alunos uma reflexão sobre o tema da paz, não é menos evidente a sua pertinência quanto a uma abordagem que possa ser instrutora de boas práticas junto dos alunos, nas suas relações em espaço escolar e daí com repercussões na vida e dia-a-dia fora da mesma comunidade. Parece-nos evidente, até pela experiência e partilha de reflexões que foram sendo feitas nas aulas no decurso da PES, que a disciplina de EMRC é um lugar privilegiado para a abordagem do tema junto dos alunos.

Um estudo da paz, tal como é projetado pela disciplina, não deixa de fora a possibilidade de uma tentativa de operacionalização da mesma no espaço escolar, com a criação de espaços de reflexão onde os alunos possam refletir sobre os seus problemas, permitindo-lhes uma requalificação dos momentos de ausência de paz e a oferta de ferramentas que possam ajudar a repô-la na vida das suas relações com os seus pares. Aqui surge a ideia de apresentar os resultados de um Gabinete de Mediação de Conflitos, no qual os alunos se permitem experimentar a possibilidade de resolver problemas num diálogo aberto e espontâneo com os seus pares.

Assim se vislumbra com firmeza a ideia de que a disciplina de EMRC e a ação dos seus docentes pode conter em si uma hipótese de ser presença na escola de uma possibilidade de educar verdadeiramente para paz, dando e trazendo aos conteúdos oferecidos pelo

programa uma vertente muito prática e com consequências efetivas sobre o direito e o dever de educar.

Se é certo o que nos diz a Conferência Episcopal Portuguesa, no seu documento de 2020:

Educar, direito e dever: missão nobre ao serviço de todos, que o principal objetivo da educação é suscitar e favorecer a harmonia pessoal, a verdadeira autonomia, a construção progressiva e articulada dos aspetos racional e volitivo, afetivo e emocional, moral e espiritual. Desta harmonia pessoal decorre a participação social e feliz, cooperante e solidária, que resulta na harmonia social.<sup>1</sup>

então, podemos acreditar que a nossa participação como educadores tem um sentido que ultrapassa a mera missão de docentes, no que diz respeito à sua capacidade de intervenção efetiva na vida da escola e se faz ultrapassar na condição de verdadeiros formadores da comunidade, e que o nosso impacto como docentes ultrapassa, sempre, os portões da escola onde lecionamos.

A nossa missão, no que diz respeito a um empenhamento na construção de espaços de resolução de problemas, fora da sala de aula e do tempo letivo, permitem ao professor de EMRC ser um docente com maior capacidade de intervenção educativa.

Quando dizemos, com a propriedade que é privilégio dos educadores, que a educação acompanha o ser humano desde a sua mais longínqua existência – quer como «seres» individuais, no seu percurso vivencial e de crescimento, na escola ou fora dela, quer no seu percurso histórico, como comunidade – estamos a assumir que educar é, e sempre foi, a forma mais evidente e relevante de ajudar a crescer o ser humano e a sua comunidade.

A educação é, sempre foi e sempre será, um lugar de fortes desafios para os seres humanos, assumam estes, no processo de ensino escolar, as funções que assumirem. Mas a educação evolui a cada passo que corajosamente dá, no sentido de uma resposta que se acredita, e se quer que seja a mais adequada para a comunidade que serve, e para os homens e mulheres que ajuda a instruir, a educar e a moldar.

---

<sup>1</sup> Conferência Episcopal Portuguesa, «Educação, direito e dever: missão nobre ao serviço de todos», acedido a 30 de janeiro de 2020, <http://www.conferenciaepiscopal.pt/v1/educacao-direito-e-dever-missao-nobre-ao-servico-de-todos/>.

A diversidade de disciplinas que hoje se oferecem na escola, seja na escola pública ou na privada, constituem um manancial de saberes que julgamos importantes para a formação completa e integral do ser humano. Porém, não basta a diversidade de saberes, é preciso completar esse manancial de conhecimentos que damos aos nossos alunos com uma prática na qual possam operacionalizar conhecimentos e reforçar a sua aprendizagem, como cidadãos de uma comunidade, na sua totalidade como seres humanos, numa sociedade e no mundo, nos quais vivam comprometidos, e influenciem com as suas atitudes e comportamentos que sejam formadores de seres humanos completos e educados para uma vivência que inclua todas as suas dimensões.

A disciplina EMRC assume, neste panorama, um lugar de destaque, porque; se queremos uma escola interventiva na comunidade, então é preciso que ela seja facilitadora de comportamentos, que se vão repercutir na vida para além dos portões da escola, onde por vezes se guarda o saber tão restritamente, que não tem impacto na sociedade.

A disciplina de EMRC é das poucas em que, no panorama disciplinar que se oferece aos jovens nos estabelecimentos de ensino, mais se alicerça num conjunto de conteúdos que estruturam uma pirâmide de valores humanos orientadores da vida e que, embora trazendo consigo uma marca cristã à qual os nossos jovens podem aderir voluntariamente, são referência para as sociedades humanas.

A paz, aqui tratada é um desses valores, e assume predominância, porquanto um ambiente de paz, que consigamos ajudar a construir, será por si só facilitador de todos os outros objetivos a que se propõe a escola, e dela possa partir, seguramente, para a comunidade.

Sem grande profundidade, é necessário compreender de que jovens falamos, quando nos propomos trabalhar o tema aqui proposto. Quem são os nossos alunos, aqueles para quem trabalhamos, na senda de os ajudar a construir percursos de vida? Quem são os que ajudamos a construir caminhos? O texto, que a seguir se transcreve, dá-nos uma definição que me parece ajustada e não longe da nossa realidade. Na verdade, é necessário compreender não apenas de que fase da vida estamos a falar – em termos de idades limite entre as quais colocamos a juventude, que queremos comprometida com os valores da paz, mas também compreender de que forma a mesma juventude se define, no seu ciclo de vivências e circunstâncias de vida, e de que forma estes jovens sentem uma necessidade efetiva e

premente de se assumirem capazes de ser construtores de uma paz, com a qual se possam sentir comprometidos em todos os seus momentos, idades, ambientes e circunstâncias.

A palavra juventude remete-nos para a ideia de uma fase da vida, situada entre a infância e a vida adulta, entre a dependência – caracterizada pela primeira – e a autonomia – caracterizada pela segunda. Mas ainda que na maior parte das sociedades, ao longo da história, a ideia de fases da vida esteja de alguma forma presente, elas adquirem diferentes recortes e significados. A noção de juventude, assim como as das demais fases do ciclo de vida, apresenta-se como uma construção sócio histórica. Em cada sociedade, em cada época histórica, e de acordo com os diferentes grupos que a compõem, as fases da vida assumirão características específicas quanto à duração de cada uma delas, às suas características e aos seus significados... No mundo atual, porém, a juventude não se torna apenas mais longa; torna-se também mais complexa. [...] Na sociedade contemporânea, podemos dizer que os jovens e as jovens não apenas se preparam para o futuro: inserem-se no presente, inserem-se na vida adulta; não têm na escola seu único espaço: fazem-se presentes em diferentes âmbitos da vida social. Ocupando os mesmos espaços que os adultos, destes se diferenciam pelo caráter mais experimental de sua inserção.<sup>2</sup>

Do que foi citado, há uma expressão que me conduz, sobremaneira, à definição da juventude dos nossos dias: o facto de os jovens da atualidade terem, de uma forma mais evidente, a dupla missão de, simultaneamente, se preparam para o futuro e terem de viver o presente, no qual se lhes colocam os maiores desafios em relação à paz e à descoberta e vivência da sua espiritualidade como fator propulsor da mesma. O mundo não oferece aos jovens de hoje a calma de outros tempos. O confronto dos jovens de hoje com as realidades de um mundo de que estão tão próximos, pela capacidade de comunicação que lhes é oferecida, cria dificuldades de interpretação sobre o que é a paz e como a podem viver.

Penso que há que aproveitar a capacidade, que se vai construindo nos jovens de assumirem a sua autonomia como conquista e resposta à sua, também, capacidade de estabelecer uma relação entre a responsabilidade e a liberdade, que lhes permite ser quem são, para os levar ao compromisso de que o mundo novo que sonham construir, e de que fazem parte, depende do seu empenho; essa descoberta de que a paz é essencial à vida humana, decorre do entendimento da mesma, incorporada e estruturante no relacionamento com os

---

<sup>2</sup> Conselho Episcopal Latino – Americano. *Civilização do Amor–Tarefa e Esperança. Orientações para a Pastoral da Juventude Latino-Americana*. Seção Juventude –SEJ, (São Paulo: Paulinas, 1997), 16.

outros, entre comunidades, entre sociedades, sendo o elo mais seguro de uma relação humana sem fronteiras de qualquer género.

O nosso investimento numa educação para a construção da paz deve acompanhar os espaços e os tempos em que vivem os nossos jovens. São esses espaços que vão definir a necessidade de construção de uma visão, não só adequada às suas realidades e que lhes dê respostas concretas na resolução de problemas e conflitos, mas também como um olhar sobre os grandes conflitos de que vão tendo conhecimento, e que têm impacto nas suas vidas de uma forma tão direta, sobretudo hoje, porque fruto da globalização e da justificada interdependência das sociedades humanas.

O mundo, em constante mudança, é uma comunidade global de que todos fazemos parte, e em nenhum momento da nossa História é permitido o esquecimento das realidades vividas em todas as partes do planeta, por todos os homens e mulheres da Terra, na perspectiva de que é preciso universalizar a dignidade da condição humana. Sobre o assunto, vejamos o que nos diz Etienne Verhack:

A mudança implica um alargamento da perspectiva de vida, os desafios colocam-se claramente, os meios estão disponíveis e a vocação do docente fica purificada. Os aspetos negativos da nossa época colocam-nos mais uma vez, tanto como os positivos, a questão da nossa liberdade humana.<sup>3</sup>

O facto de os jovens da nossa contemporaneidade viverem uma circunstância ininterrupta de acontecimentos, que lhes exigem respostas imediatas, será, porventura, o motivo por que os devemos preparar, em simultâneo, para uma vivência que, por ser tão direta dos acontecimentos, os disponha para a existência de tempos estruturados numa realidade boa, e que depende deles planear e ajudar a construir, porque, como nos diz o manual de EMRC do sétimo ano de escolaridade: «A paz é condição essencial para a convivência humana»<sup>4</sup>.

É esta a juventude que temos na contemporaneidade, uma juventude diferente da de outros tempos pela capacidade que têm de conhecer uma realidade mais abrangente do mundo, tornando-se o seu mundo um mundo mais ampliado em termos de comunicação e

---

<sup>3</sup> Etienne Verhack, «A missão dos educadores cristãos: caminhar como árvores», *Pastoral Catequética* 9, 27 (2013): 98.

<sup>4</sup> Portugal et al., *Queremos Saber!* (Lisboa: FSNEC, 2021), 123.

informação. Jovens que precisam de encontrar, no caminho da paz, uma espiritualidade que os conforte na construção de um mundo novo, no qual se presencia a paz, e que a devem querer viver de forma comprometida a fim de que possam viver o bem da espiritualidade de que precisam, e que sirva de alicerce à sua condição humana.

Parece certo, pela experiência que vamos tendo, que há na juventude um compromisso efetivo com a paz, seja nas suas relações pessoais do dia-a-dia, seja pela forma unânime como se manifestam contra as ausências de paz que o mundo lhes vai oferecendo. Estas circunstâncias, que a vivência humana nos vai oferecendo, vêm, na minha perspectiva, dar um sentido mais seguro de que o nosso contributo para a formação dos jovens é fundamental e alicerça uma vivência cada vez mais sedenta de valores humanos, que orientem a conduta dos nossos alunos e os possa preparar, na vida, para uma responsabilidade social de que não devem fugir como cidadãos, porque são partes integrantes de uma comunidade que, fruto da globalização, é cada vez mais universalizadora de comportamentos que se desejam presentes na construção de um mundo melhor.

Os factos aqui apresentados relacionam-se com as questões apresentadas ao longo de todo o percurso deste curso: «Qual é o lugar que o valor da paz tem na vida dos jovens? Como é que procuram vivê-lo na prática? Que respostas e escolhas práticas procuram implementar para obter e realizar essa paz?».

Tendo em conta que devemos abordar o tema na perspectiva de um enquadramento que tenha como protagonistas os jovens, e ainda fazer o esforço de ligar esta reflexão ao programa de EMRC, torna-se «necessário averiguar se os jovens atuais identificam (ou não) as religiões - e em concreto a religião cristã - com um contributo concreto para a paz e porquê?». Estas são as metas a que pretendo chegar dando um contributo sobre o tema, também completado pela experiência que vou tendo no meu percurso de docente da disciplina de Educação Moral e Religiosa Católica.

Apesar das dificuldades, para as quais fui alertado, não me foi possível fugir ao tema e às dificuldades de abordagem do mesmo. O caminho impôs-se como aquele que tentarei pensar, pela experiência e com a ajuda de alguma bibliografia, que fui lendo e refletindo. Assim, fui ensaiando a minha visão sobre o tema, tendo em conta a experiência dos meus largos anos de ensino da disciplina de EMRC, nas escolas públicas do arquipélago dos Açores, terra na qual nasci, e da qual fiz lugar privilegiado da minha vivência, como homem e como crente.

Deverei começar o meu trabalho tentando definir, como chaves de pensamento, os conceitos de *paz*, que me ligam em absoluto ao tema central do meu trabalho e à necessidade mais premente do mundo atual – de *espiritualidade* –, pela noção e crença de que é pela espiritualidade que a paz encontra lugar onde se alicerça, na condição da humanidade, e de *juventude* de uma forma muito particular, permitindo-me, de alguma forma, centrar nesta faixa etária as minhas preocupações de docente, que tem o dever e a responsabilidade de os ajudar a formar para uma vivência pacífica nos seus grupos, nas suas comunidades e na sociedade onde vivem. São conceitos que na sua definição identitária, contêm já um forte sentido e significado do que podemos enraizar numa relação que conduza os Jovens à vivência de uma espiritualidade, que inclui em si a paz, da qual são adeptos indiscutíveis, e nos oferece uma possibilidade engrandecida de relações, que nos permite compreender a possibilidade de dar resposta ao título deste trabalho, afirmando-o como uma existente e real possibilidade de levar os jovens, pela paz, à espiritualidade, num caminho que pode ser feito nos dois sentidos, ao compromisso de serem construtores de paz, pela espiritualidade.

Urge, ainda, partir para uma compreensão de que é viável dar uma resposta que combine com a ideia de que é verdadeiramente possível educar para a construção de uma cultura de paz; esta não pode ser compreendida pelos nossos jovens, se não fizer parte efetiva das suas aprendizagens, e que estas tenham, como móbil da sua aprendizagem, a experiência real e efetiva da resolução de problemas humanos, com os quais se deparam ao longo do seu percurso escolar, e, por isso, podem ser lugar de aprendizagem e compromisso com a construção de ambientes pacíficos. A escola é o lugar onde os alunos experimentam, de forma orientada, os comportamentos que levam para a vida da sua comunidade.

Se foram grandes as motivações para abordar o tema da paz, numa perspetiva de que a mesma se pode entender como caminho de vivência da espiritualidade para os jovens, não foram menores as dificuldades que encontrei na definição e delimitação do objeto de estudo para o qual, com este relatório se pretende dar um contributo para pensar e refletir o tema e abrir caminho para uma visão de que a paz pode ser, de forma concreta e autêntica, no quotidiano dos nossos jovens, motor de busca de uma espiritualidade juvenil e desta forma fazer vislumbrar um caminho que possa dar sentido à nossa presença como docentes da disciplina de Educação Moral e Religiosa Católica.

Seguramente, que a grande expectativa neste relatório é a de poder trazer, ao meu já longo percurso como professor de EMRC, por um lado a tranquilidade de poder olhar para trás e não sentir que foram anos de expectativas goradas, pela falta de qualidade ou de

conteúdo de tudo o que ajudei a construir, porque penso que o trabalho feito foi seguramente de alguma qualidade. A prova do que acabei de dizer está no facto de sentir e experienciar, em inúmeras situações, de antigos alunos, cujas vidas se tornaram melhores, também pelo contributo que puderam retirar do processo de ensino em que eu participei com cada um deles e terá sido o estruturante dos mesmos, tornando-os pessoas melhores. Por outro lado, olhar o futuro com a perspetiva de poder oferecer mais qualidade e mais maturidade em relação aos conteúdos que nos pedem, as aulas, para ofereceremos.

Este tem sido um caminho difícil, com inúmeras tentativas de abandono pela minha parte, mas em que o esforço divino, quem sabe, e a ousadia de alguns colegas, me têm feito persistir, teimando comigo mesmo que este caminho é para levar até ao fim – este texto é a prova de que todos os esforços dos que me ajudaram resultaram. A justificar estas tentativas de abandono, está a certa noção que tenho de que o curso não é, neste momento da minha vida, e não foi, em nenhum momento do seu percurso, uma prioridade maior do que as outras, porque um indivíduo com a minha idade e as minhas responsabilidades sociais, na área da ação social e educativa, tantas vezes teve de optar pelo apelo dos que tiveram mais força no chamamento que me faziam. Dou como exemplo o meu último ano de licenciatura, no qual senti a obrigação de deixar um pouco mais de lado os estudos, que continuavam na Universidade, para me dedicar às causas que abracei em tempos e que necessitavam mais de mim do que o mero e simples gozo e gosto do saber mais, que a Universidade Católica e os seus docentes me ofereciam. Deixei tanto para fazer em exame, que não pude fazer no tempo das aulas, pois naquele momento de pandemia era necessário fechar-me com os que mais precisavam de mim para passarem a tormenta maior dos confinamentos sucessivos que tivemos.

Mas houve e há expectativas.

Tenho a verdadeira expectativa de cimentar conhecimentos e fi-lo já, neste meu percurso, na partilha que o curso me ofereceu e que fui fazendo com os professores que tive o grato prazer de conhecer e com os colegas que também foram professores na minha vida deste tempo.

Tenho a expectativa de crescer, não só como docente da disciplina de EMRC, mas também como cristão e como homem, e esse é, seguramente um dos aspetos mais consistentes deste meu percurso, porque sinto que já aconteceu em mim o suficiente para que tenha valido a pena estar aqui.

Tenho a expectativa de aprender. Já aprendi, mas todos os dias tenho aprendido, e esse, sei-o bem, é um processo que não tem limite, e, por esse facto há em mim, sinto-o, abertura para tudo o que ainda tenho pela frente como aprendizagens que vou adquirir.

Tenho a expectativa de amadurecer. Na verdade, já amadureci só pelo facto de aqui estar. O processo de amadurecimento dos homens é de uma dinâmica constante e ininterrupta, mas momentos de grande aprendizagem e testemunho, como os que vivi no percurso do curso, fizeram-no um processo sem dúvida mais rico e consistente.

Há, talvez pensada de uma forma definitivamente mundana, a expectativa de consolidar um percurso que é já marcante da minha história como homem, de este desenrolar me poder levar à efetivação como professor da disciplina de EMRC e isso me traga uma tranquilidade que neste momento não tenho.

Valeu a pena, por tudo o que foi e por tudo o que o futuro nos reservar, porque nada do que encontrarmos neste caminho pode ser classificado de “pouco”.

Penso que é urgente tocar a construção de uma sociedade na qual os jovens são os principais arquitetos, na qual se despertem os mesmos para a necessidade de alicerçar as relações humanas em valores que possam garantir uma convivência saudável e pacífica, entre todos. Somos chamados a motivar a nossa juventude, sem dispensa de qualquer condição ou circunstância, a construir uma comunidade na qual se possa fazer caminho, no sentido de os preparar para uma vivência que também é de espiritualidade, porque esta é lastro humano onde se podem plantar os valores que estruturam as relações humanas. Como nos diz Jesus Manuel Garcia no texto que a seguir se transcreve, estamos na presença de um tempo de mudança em que é preciso fazer ver aos homens que o facto de se prostrarem apenas diante de Deus implica ter uma vivência dos valores, como o da paz, de uma forma tão autêntica que possa levar o selo de uma outra relação com Deus, estruturada pela dimensão da espiritualidade, que pode ligar essa relação com Deus à pacífica relação com os Outros.

Uma mudança, somos chamados a testemunhar que espiritualidade é liberdade, é maturidade, é fé adulta e responsável. Precisamos de jovens que não se curvem diante de nenhum homem, mas somente diante de Deus. Que se sintam filhos espirituais e que também comecem a se sentir pais e mães da Igreja. Precisamos de jovens que vivam uma espiritualidade autêntica, capazes de criar e enfrentar os grandes desafios do momento presente.<sup>5</sup>

---

<sup>5</sup> Jesús Manuel García, «¿Qué espiritualidad proponer hoy a los jóvenes?», 2, accedido a 10 de outubro de 2022, [https://donbosco.org.ar/uploads/recursos/recursos\\_archivos\\_1577\\_794.pdf](https://donbosco.org.ar/uploads/recursos/recursos_archivos_1577_794.pdf)

Os nossos jovens necessitam de referenciais que os possam orientar na vida comum com os seus pares. Necessitam de encontrar um bom suporte que os faça fundamentar, sem receios, as suas relações humanas, sob o selo de uma espiritualidade que lhes dá consistência e durabilidade.

Os jovens de hoje estão sedentos de referenciais consequentes com a possibilidade de serem participantes ativos de um mundo melhor, no qual o valor da paz parece ser de extraordinária relevância.

De que forma podemos, com alguma espontaneidade, falar de espiritualidade como experiência que se vive na paz das relações humanas? Os jovens de hoje dão muita importância às relações humanas. Talvez estejamos na presença da maior comunidade, no percurso da história da Humanidade, que dá à relação humana uma importância estruturante do Ser. Mas os jovens de hoje também são, provavelmente, da maior comunidade na qual as relações humanas necessitam de ser pacificadas, porque são, por consequência da vida comunitária e global dos homens, cheias de perturbações e conflitos. Não é fácil a definição de uma espiritualidade nos jovens que não sintam a paz como valor humano fundamental da sua existência e como vivência interior que abre caminho para o sobrenatural. Penso que pode estar aqui a relação da paz com a espiritualidade, como se ambas se pertencessem e fossem lastro onde quer uma, quer a outra, se permitem crescer.

A primeira paz que queremos alcançar é a paz de espírito, que está por isso agarrada à nossa capacidade espiritual. Há um exemplo que perpassa a história de toda a Era Cristã e talvez até se funde nos antepassados de um tempo que parece acompanhar toda a história da Humanidade. Não bastaram dois mil anos de um tempo tocado pela mensagem cristã para que possamos ainda hoje percorrer o caminho de uma Palestina que se repete nos passos de Jesus Cristo em cada um de nós, nos passos que damos nas nossas cidades. Repete-se a imagem de Jesus Cristo e repete-se a necessidade de renovar mensagens que toquem o Homem concreto no seu espaço e tempo de atuação. Mas a nossa ligação com o passado de há dois mil anos não é apenas um passado tocado pela História do povo de Deus, é também fruto de uma memória coletiva que os Homens foram fixando no tempo das suas histórias e memórias pessoais, mais ou menos tocadas pela necessidade de construir mundos novos no mundo novo de todos os dias.

A História é uma árvore com raízes profundas que deve oferecer aos seus homens e mulheres ferramentas para que, com a sabedoria da mensagem cristã, façam eco no coração da sociedade que se move nos valores primordiais que orientam as condutas humanas. A paz é um desses valores, para o tempo que vivemos, neste tempo da nossa existência. A paz é o valor que permite ao Homem preservar a relação que o protege e estrutura como Ser completo do universo, com os outros Seres.

Não pode haver, na verdade, paz sem espiritualidade e esta, apesar de existir sem a paz como condição irreduzível, precisa da paz para que os homens a possam encontrar e dela fazer eco para a descoberta do Ser inteiro e completo que é cada homem.

As pessoas mais influentes da História Humana foram seres com uma espiritualidade indiscutível, que os ajudou a realizar os desideratos das suas vocações, quase todos com grande impacto na vida da comunidade humana e grandes arquitetos de paz, porque facilitadores da vida.

Não é menos verdade que os jovens que encontramos com o selo vivencial de uma espiritualidade são aqueles que se prendem a algumas instituições que promovem, neles mesmos e nos outros, a vivência da espiritualidade, e esses lugares dessas instituições são lugares de vivência de paz. Foi assim ao longo da História Humana e será assim no futuro que se constrói diariamente.

A Igreja, fundada pelos primeiros cristãos, é uma Igreja que procura a paz, vive pela paz e sobrevive na paz que é capaz de construir.

Os jovens são os melhores missionários da paz. A paz constrói-se, melhor, com a alegria da juventude e com o seu vigor físico e músculo espiritual. A aventura é própria dos jovens e o risco e o medo que lhes traz coragem. Nenhum jovem foge da adrenalina da vida e, se é espiritual, então contém em si a capacidade de construir a paz por todo o lado.

Com o tempo da vivência humana o homem deixou de procurar em si o fundamento para a construção de lugares pacíficos onde possa viver. O próprio homem é culpado porque se tem entregado ao consumismo que o desvia da possibilidade de voltar a refletir e refletir-se na realidade. Se pretendemos que os jovens procurem a paz, corremos o risco de os mesmos o fazerem da mesma forma, fora de si e muitas vezes sem sentido ou sentidos que saibam compreender. A espiritualidade pode permitir o regresso a uma procura interior que também coloca o homem em contato com o Outro que o transcende e suplanta.

Não será preciso dizer aos nossos jovens que a paz que procuram é uma construção própria e fundada na sua espiritualidade, eles sabem-no e procuram-na, embora atormentados por um manancial de solicitações que os arrastam para a paz fácil e descartável que dura pouco tempo e tem prazo de validade.

A paz, para os jovens, é uma necessidade que lhes permite usufruir das relações humanas que estabelecem – é isso em primeiro lugar e daí pode partir para uma espiritualidade e ser vivida como fonte que alimenta em si mesmo o desejo de viver de forma pacífica.

Percebeu-se, desde o início deste trabalho, que falar de paz e de espiritualidade não é uma tarefa fácil. Juntar à empreitada de refletir sobre o tema a ideia de uma juventude capaz de contruir a paz pela espiritualidade foi ainda um caminho mais árduo. Porém, não me restam dúvidas de que a espiritualidade é o mais seguro caminho para que os jovens encontrem a paz que procuram e com a qual desejam estabelecer um compromisso de verdade. Nenhum jovem é feliz se não viver em paz interior, consigo mesmo e com os outros que fazem parte da sua vida.

## **1. Reflexão sobre a prática de ensino supervisionado**

No decurso deste capítulo vamos dar conta da forma como decorreu a prática de ensino supervisionado, o contexto em que a mesma ocorreu no espaço da escola Jerónimo Emiliano de Andrade, mas também da forma como as atividades desenvolvidas no decurso do ano letivo foram tendo impactos efetivos nos alunos, tendo em conta as suas envolvências e motivações para a sua participação nas aulas.

### **1.1 Experiência do Núcleo da Prática de Ensino Supervisionado**

A Prática de Ensino Supervisionada (PES) desenvolveu-se no núcleo de estágio da ilha Terceira, mais concretamente na Escola Secundária Jerónimo Emiliano de Andrade, em Angra do Heroísmo. O núcleo de estágio integrou os discentes Filipe Leite, Catarina Amaral e Nelson Lourenço, sob a orientação do Professor Cooperante António Pereira e do Professor Orientador Juan Ambrósio.

As atividades letivas realizaram-se em par pedagógico com uma turma do 7.º ano de escolaridade, decorrendo todas as quintas-feiras entre as 09h45 e as 10h30, após as quais, pelas 11h00, estava agendada uma reunião de análise, reflexão e avaliação da lecionação em causa.

As Unidades Letivas de Referência para esta PES foram as seguintes: UL2 – As Religiões e UL4 – A Paz Universal.

As lecionações das UL cumpriram-se em cada semestre, respetivamente, pelo que, e dada a efetividade do par pedagógico, as restantes UL foram lecionadas pela discente Catarina Amaral.

Penso, ainda, que será relevante fazer aqui uma pequena abordagem sobre o que senti em termos de conduta ético profissional.

Em termos científicos, procuro manter-me atualizado quanto ao conhecimento profissional, científico, pedagógico e didático inerente à minha disciplina, a fim de melhorar as minhas práticas educativas e otimizar o ensino na escola. Exemplo disso é o facto de nos últimos anos ter concluído a licenciatura em Ciências Religiosas e estar neste momento a terminar o mestrado em ensino de Educação Moral e Religiosa Católica (EMRC), na Universidade Católica Portuguesa, plano de que faz parte este relatório final.

As atividades letivas foram concretizadas com sucesso e tal como estavam planeadas. A envolvimento dos alunos nas atividades e o seu nível de permanente participação evidenciam um interesse muito significativo pelos temas abordados. A adesão às atividades planeadas também reforça a ideia de um interesse significativo sobre as temáticas abordadas. Esta concretização só foi possível porque tentei que os alunos se envolvessem nas atividades de forma ativa, de acordo com as suas necessidades, motivando-os para o gosto na realização de um percurso que passou essencialmente pela reflexão orientada dos mais diversos assuntos relacionados com a área dos valores humanos, assim como de outros em foco de discussão na sociedade atual.

Em termos científicos e pedagógicos, posso referir que o trabalho científico, didático e pedagógico desenvolvido ao longo do ano letivo foi fundamentado e construído a partir da leitura, análise e interpretação dos dados pessoais, culturais e contextuais dos alunos e do estabelecimento de ensino que os acolhe e no qual se orientou. A procura e dinamização de atividades que estiveram sempre adaptadas às reais especificidades do nível etário dos alunos, motivaram um conjunto de objetivos comuns a todos os intervenientes, incluindo nos processos não só os alunos, como os restantes colegas da escola e projetos, para que existisse uma efetiva evolução das práticas no âmbito do desenvolvimento integral e das aprendizagens dos alunos e os mesmos se sentissem plenamente integrados nos ambientes que frequentavam, fossem escolares ou exteriores à escola.

A conceção e a posterior dinamização de atividades motivadoras e inovadoras, nas quais o adulto é parte do grupo e não, necessariamente, apenas um líder ou dirigente da ação educativa, mas participa nelas como alguém que se coloca próximo do aluno, pressupuseram o conhecimento da história individual de cada aluno, e tornaram-se, efetivamente, peças chave na promoção de aprendizagens congruentes e de forte implicação no desenvolvimento de competências técnicas, sociais e culturais para os alunos. O professor assumiu uma postura de ser apenas mais um no processo educativo, com o poder de orientar o processo dos alunos. Esta é a minha visão pessoal sobre a missão do professor, que venho construindo ao longo dos anos em que sou professor da disciplina de EMRC.

O processo de ensino aprendizagem decorreu com normalidade. Considero que cumpro os meus deveres profissionais e realizei todas as tarefas que me foram distribuídas. Durante este ano letivo, procurei manter-me atualizado em termos de conhecimento profissional, científico, pedagógico e didático inerente às minhas disciplinas, a fim de melhorar as minhas práticas educativas e otimizar o ensino na escola. Procurei também investir no

desenvolvimento integral do aluno e na qualidade das suas aprendizagens, planificando as atividades letivas em que participei.

As estratégias selecionadas foram ao encontro das necessidades específicas dos alunos e do seu ritmo de aprendizagem, da natureza dos conteúdos e das competências a desenvolver. Aqui surge como estratégia mais apelativa à participação dos alunos o trabalho de grupo para apresentação de conteúdos e a reflexão partilhada em grande grupo com os alunos a participarem de uma forma espontânea sobre as suas vivências do dia-a-dia.

Ao longo de todo o ano, tentei sempre, num processo constante de relação com os alunos, conhecer os interesses, as dificuldades e aptidões de cada um, por forma a poder ajudar os mesmos de uma forma consistente. Fiz sempre os possíveis para ouvir todos e esclarecer as suas dúvidas, estabelecendo o diálogo com a turma, procurando integrar e valorizar todas as intervenções. Procurei também que os alunos estivessem à vontade para, para além de aprenderem, poderem interagir uns com os outros nas aulas.

Tentei, na medida do possível, e sem prejudicar a sua aprendizagem, tomar conhecimento dos problemas dos alunos e, numa postura firme e prestável, tanto quanto atenta e disponível, inculcar-lhes bom senso nas decisões e confiança na resolução dos seus problemas pessoais ou relacionais com os seus pares e familiares. Tentei sempre inculcar nos alunos o quanto era importante se dedicarem para terem um «papel importante» enquanto pessoas na sociedade. Todas as aulas foram planeadas tendo por base o programa da disciplina, mas também as sugestões dos alunos.

A minha relação pedagógica com os alunos foi boa. Ser bom professor não encaixa nos limites da linearidade, prevê um empenho e uma reflexão constantes que deveriam ser um objetivo comum a todo o profissional que exerce a docência. Importa, assim, conhecer o grupo de alunos que temos em cada sala de aula e aproximarmo-nos dos seus interesses. Opostamente aos professores tradicionais, mergulhados em métodos pouco estimulantes, surgem profissionais numa busca incessante de novos métodos que lhes permitam esta aproximação de modo a, não só melhorar esta relação, mas também a serem brindados com realização profissional e a doce sensação de missão cumprida. Ser professor não se confina ao seu comportamento na sala de aula. Não é apenas o ato de ensinar alunos; envolve uma aprendizagem mútua, uma relação de cumplicidade e complementaridade, na qual os alunos sentem que têm uma voz ativa no seu processo de ensino aprendizagem.

Avaliei com seriedade os meus alunos. A utilização das novas tecnologias e a internet são recursos utilizados quando possível para diversificar, aplicar ou reforçar aprendizagens,

motivar e valorizar a autoestima. Observo com frequência os comportamentos dos alunos fora e dentro da sala de aula e muitas vezes procuro individualmente resolver conflitos. Em contexto de sala de aula, aferi o ritmo e nível dos alunos, através da observação, do diálogo com os mesmos e com os seus respetivos titulares de turma e preparei cada aula tendo em vista cada turma e o grupo de alunos que ali estava constituído. A avaliação realizada, muito na ótica de contato direto com o aluno nas diferentes ocasiões em que o docente teve oportunidade de interagir com o mesmo, permite identificar as dificuldades e fazer um balanço com o objetivo de corrigir ou alterar o meu desempenho e reformular o meu trabalho. Faço a avaliação formativa e periódica, através da observação direta das atitudes e evolução de aprendizagens, registando comentários e atitudes de cada aluno.

Promovi o sucesso escolar dos meus alunos, sempre em todas as minhas intervenções com os mesmos.

Este curso resulta como uma formação quase contínua que fui construindo, porquanto as experiências que fomos partilhando com docentes da UCP e outros estagiários se revelaram de uma importância estruturante para mim como profissional.

Sinto que é possível melhorar a cada dia, a cada missão em que nos incluímos no universo da escola. A utilização de recursos informáticos com alunos que apresentam dificuldades de aprendizagem pode ser um poderoso recurso didático para os professores, levando-os à compreensão dessas dificuldades e às razões de existirem, permitindo o planeamento de situações didáticas que auxiliem os alunos na superação das mesmas. Usar novas tecnologias na educação impõe uma revisão dos métodos tradicionais. Não basta o uso de equipamentos e programas modernos. O professor necessita dar um sentido ao uso da tecnologia, produzindo conhecimento com o aluno de forma ativa, incentivando-o à criatividade e à descoberta que são tão importantes para o percurso da disciplina que leciono.

A formação contínua e atualizada à realidade do ambiente escolar é essencial para melhorar o desempenho como docente e como pessoa, podendo mais facilmente contribuir para o sucesso escolar dos alunos. Tenho a noção de que a formação é um instrumento que deve ser utilizado de forma positiva, tendo como objetivo adquirir novas competências sobretudo no que diz respeito às novas tecnologias.

Seguidamente vamos fazer uma pequena caracterização da escola na qual ocorreu a PES, mostrando ainda de forma muito breve o seu contexto geográfico, económico e social, assim como tentar criar uma imagem caracterizadora dos alunos e dos seus agregados familiares, da sua condição perante a religião e grau de satisfação com a disciplina de EMRC.

## 1.2 Caracterização da Escola

### Contexto geográfico e económico – social

*Figura 1 - Escola Secundária Jerónimo Emiliano de Andrade.*



A Escola Secundária Jerónimo Emiliano de Andrade fica situada na cidade de Angra do Heroísmo, na ilha Terceira, no Arquipélago dos Açores. Angra do Heroísmo é o concelho mais populoso da ilha, com cerca de 35.402 habitantes; tem dezanove freguesias e ocupa uma área total de 239,88km<sup>2</sup>.

A paisagem do Concelho é predominantemente rural, com exceção do núcleo urbano da cidade de Angra do Heroísmo, no qual se insere o Centro Histórico classificado como Património da Humanidade, desde 1983. A cidade dispõe-se em torno de uma baía que desempenhou, durante séculos, o papel de entreposto principal das rotas mercantis do Atlântico. Desde muito cedo que o Centro Histórico de Angra do Heroísmo concentrou em si funções económicas, religiosas, políticas, administrativas e militares. A especificidade das suas características naturais e culturais facilitam o incremento do turismo, fazendo deste um dos pilares do tecido económico insular.

Igualmente determinante para a economia açoriana, bem como para o rendimento e bem-estar da população, são os setores da agricultura, da pesca e da pecuária, com particular destaque para o domínio dos laticínios.

A Escola Secundária Jerónimo Emiliano de Andrade resulta da fusão do outrora Liceu Nacional de Angra do Heroísmo e da Escola Industrial e Comercial. O primeiro Reitor do Liceu foi o Padre Jerónimo Emiliano de Andrade, Comissário de Estudos e professor vitalício desde 6 de agosto de 1846. Foi um educador e pedagogo notabilíssimo, com mais de vinte manuais publicados, nos Açores e no País, destacando-se a “Topografia da Ilha Terceira”. Criado em 1844, só abriu as suas portas em 1851. Funcionou, a partir dessa data no Convento de São Francisco, na Ladeira do mesmo nome, freguesia da Sé. Posteriormente operou no Palácio Bettencourt, adjacente à Sé Catedral, onde, durante muitos anos, funcionou a Biblioteca Pública e Arquivo Regional de Angra do Heroísmo. Foi de novo deslocado para o citado Convento e, por último, transferiu-se, definitivamente, para as instalações atuais, sitas na Praça Almeida Garrett, à data da respetiva inauguração, a 9 de outubro de 1969.

Ocupando, então, uma área de 21 500 metros<sup>2</sup>, com uma superfície coberta de 2 800 metros<sup>2</sup>, foi construído entre 1966 e 1969. O imóvel, inicialmente previsto para cerca de 900 alunos, foi ampliado com vista a poder aumentar o seu número para 1200, passando a dispor de uma superfície coberta de 3 320 metros<sup>2</sup>.

Não teve sempre a atual denominação. Quando em 1978 foi posto termo à existência das duas vias de ensino, o liceal e o técnico, foi criada a Escola Secundária de Angra do Heroísmo. Dez anos depois, uma comissão de professores da escola recebeu a incumbência de desenvolver as iniciativas necessárias à adoção do nome do 1.º Reitor do Liceu para patrono, tendo-se para o efeito delineado e concretizado um vasto programa de comemorações. Paralelamente, foi solicitado ao Governo Regional a publicação de diploma que consagrasse a pretendida mudança de nome, o que veio a tornar-se realidade em 1989. No ano de 1994, foi mudada a sua designação para Escola Geral e Básica Padre Jerónimo Emiliano de Andrade, de Angra do Heroísmo. Em 1999, o seu nome foi alterado para Escola Básica 3 e Secundária Padre Jerónimo Emiliano de Andrade, de Angra do Heroísmo.

Finalmente, em 2004, com a publicação do Decreto Regulamentar Regional n.º 10/2004/A, publicado no Diário da República n.º 86, I Série-B, de 12 de abril, a escola foi integrada na rede de escolas secundárias dos Açores com o nome de Escola Secundária Jerónimo Emiliano de Andrade, Angra do Heroísmo. Foi vocacionada, prioritariamente, para preparar os alunos que ingressariam na Universidade, a partir de um plano de estudos de

formação clássica, acabando por desempenhar, também, o papel de fornecedor, tanto dos quadros da indústria, comércio e serviços locais, como da administração pública, no referido nível de ensino. Por ela passaram, ao longo dos tempos, importantes figuras que se distinguiram no âmbito local, regional, nacional e até internacional no panorama económico, político, social, cultural ou religioso.

No ano letivo da realização da PES, existiam na escola 19 turmas do 3.º ciclo do ensino básico (6 turmas do 7.º ano, 7 turmas do 8.º e 6 turmas do 9.º), das quais apenas 4 não possuem alunos matriculados em EMRC. Num universo de 333 alunos do 3.º ciclo de ensino, 106 estão matriculados em EMRC (cerca de 32%). Não existem alunos inscritos em EMRC ou nas turmas do ensino profissional e vocacional, por opção da própria escola e contrariando a obrigatoriedade de oferecer a disciplina como opção a todos os alunos inscritos na escola, sendo certo que o professor que leciona a disciplina de EMRC não era detentor de um horário completo.

A escola na qual a PES foi feita alberga em si alunos com perfis comunitários muito diferenciados, porquanto as turmas são feitas com base numa ideia de integração, incluindo alunos de vários estratos sociais que é a imagem de uma comunidade real. Há alunos do meio rural e do meio citadino e dentro deste da malha citadina mais erudita e de espaços comunitários como os bairros da cidade. Sendo assim o trabalho desenvolvido permite sempre a reflexão e o encontro de diversificadas opiniões e experiências dos alunos, sendo por esse facto muito enriquecedor para o projeto educativo que se propôs desenvolver.

### **1.3 Caraterização da turma**

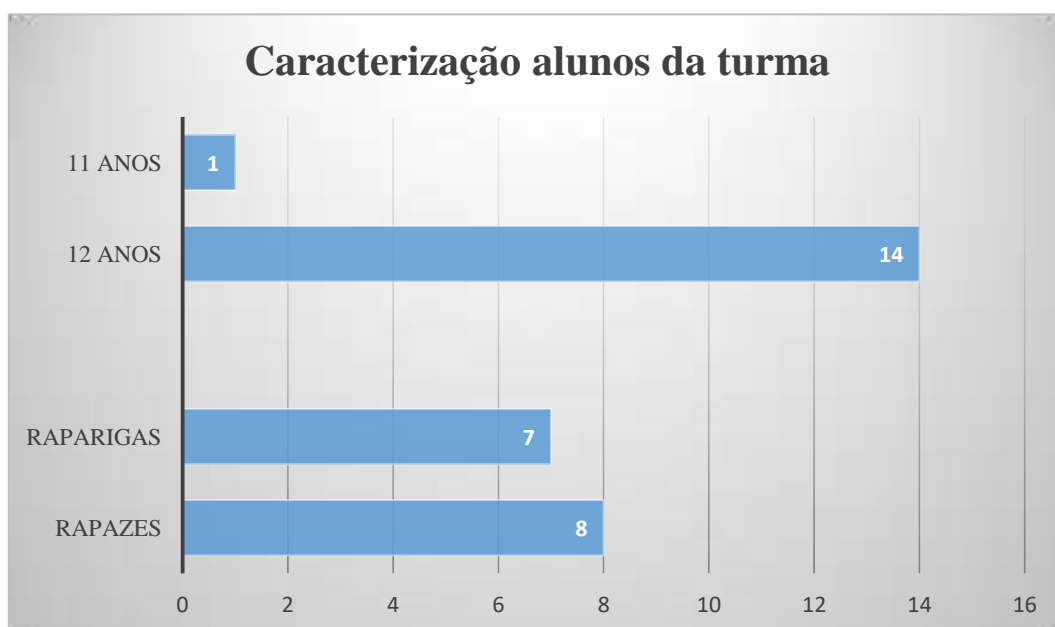
A turma foi constituída por 15 alunos, 11 da turma C e 4 da turma D, num total de 8 rapazes e 7 raparigas. Em termos de distribuição etária a turma é muito homogénea: 14 alunos têm 12 anos e 1 aluno tem 11 anos.

Três alunos residem em freguesias pertencentes à área urbana de Angra de Heroísmo, nomeadamente: Santa Luzia, Sé e Conceição. Sete residem em freguesias adjacentes, como sejam São Carlos, São Mateus, Terra Chã e Posto Santo e 5 residem em freguesias mais distantes, nomeadamente São Sebastião, Porto Judeu, Lajes e Biscoitos.

Tabela 1 - Constituição da turma da prática de ensino supervisionada.

Número	Turma	Nome Alunos
1	7.º C	B. C.
2		B. V.
3		C. A.
4		F. C.
5		H. M.
6		I. A.
7		L. C.
8		L. T.
9		L. A.
10		R. A.
11		V. S.
12	7.º D	F. S.
13		M. N.
14		S. O.
15		T. S.

Figura 2 - Caracterização dos alunos da turma quanto à idade e ao sexo.



A maioria dos alunos (12) integra um núcleo familiar dito tradicional, residindo com a mãe, o pai e os irmãos. Uma aluna indicou residir apenas com a mãe, um aluno com a mãe, a avó e o irmão e outro aluno indicou residir com a mãe e o padrasto.

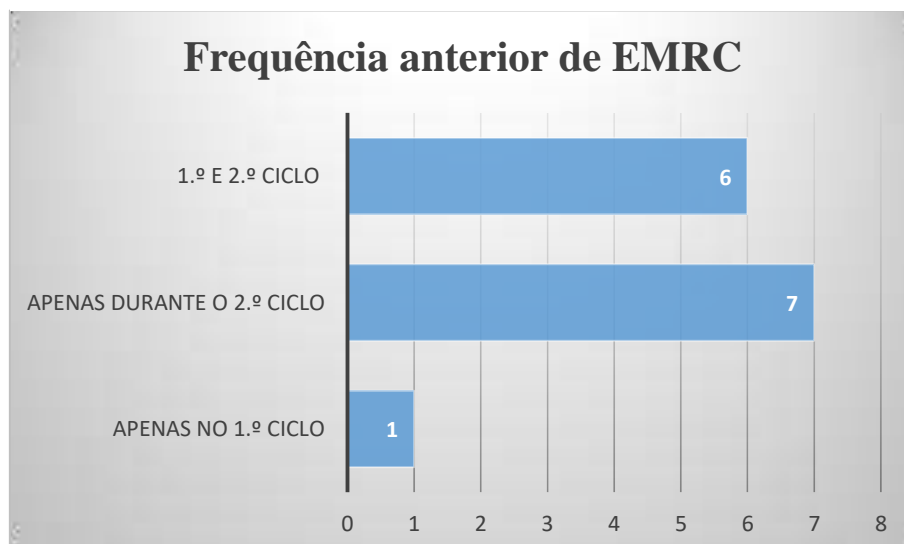
Nenhum dos alunos da turma é repetente e apenas 4 indicaram usufruir de apoio social na escola. Indagados sobre a sua confissão religiosa (Fig. 3), 12 alunos assumiram-se como Católicos, 2 como Cristãos e um não respondeu.

Figura 3 - Confissão religiosa dos alunos da turma.



Apenas um dos alunos frequenta pela primeira vez a área curricular de EMRC. Dos 14 alunos com frequência anterior (Fig. 4), um aluno frequentou a área curricular apenas durante o primeiro ciclo, 7 alunos frequentaram EMRC apenas durante o 2.º ciclo (5.º e 6.º ano) e 6 alunos frequentaram a disciplina ininterruptamente desde o 1.º ano de escolaridade até ao presente ano letivo.

Figura 4 - Frequência anterior da disciplina de EMRC



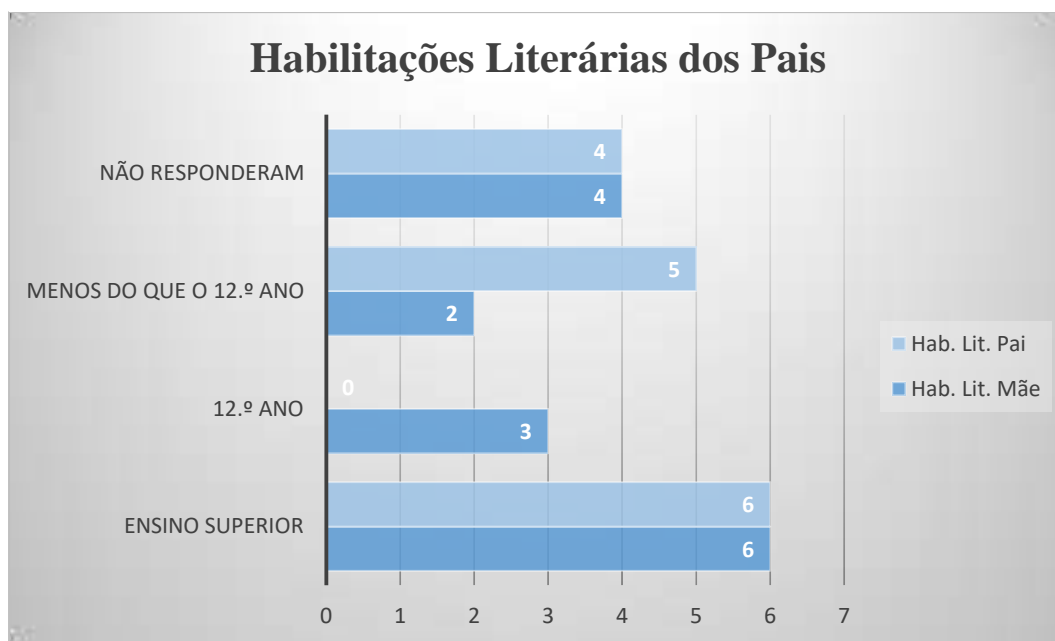
Inquiridos quanto ao grau de satisfação com a disciplina (Fig. 5), a esmagadora maioria dos alunos revela um elevado grau de satisfação. Numa escala de 1 (nada satisfeito) a 5 (muito satisfeito), um aluno aponta o nível 2, 7 alunos o nível 4 e 7 alunos o nível 5.

Figura 5 - Grau de Satisfação com a disciplina.



Relativamente às habilitações literárias dos pais (Fig. 6), 4 alunos não responderam à questão. Seis alunos indicaram o ensino superior como habilitação literária de ambos os pais, 3 alunos indicaram que a mãe possuía como habilitação literária o 12.º ano, um aluno o 11.º ano e um aluno o 9.º ano de escolaridade. Quanto às habilitações literárias do pai, para além dos 6 alunos que indicaram o ensino superior como nível de habilitação escolar, 4 alunos indicaram o 9.º ano e um aluno o 6.º ano de escolaridade. Foram indicadas como profissão das mães: engenheira zootécnica, doméstica, segurança, educadora de infância, enfermeira, engenheira agrícola, professora, assistente de lar, contabilista e jurista. Quanto à profissão dos pais, foram indicadas: professor, engenheiro, electricista, técnico de manutenção de garrafas de gás, técnico de seguros, operário fabril, engenheiro agrícola, economista, engenheiro naval, pedreiro, professor de karaté e advogado.

Figura 6 - Habilitações literárias dos pais.



Dos 15 alunos da turma 12 praticam desporto, tendo sido indicados como desportos praticados: futebol, ténis, ciclismo, equitação, golf, futsal, basquetebol, natação, windsurf, krav maga e karaté. Três alunos indicaram ainda a frequência de outras atividades, nomeando a dança, piano e inglês.

Inquiridos sobre a sua área curricular favorita, mencionaram Inglês, EMRC, Ciências, Português, Físico-química, Geografia, História e Educação Física. Quanto à área curricular que menos gostam, apontam o Inglês, a Matemática, TIC e EVT/ET.

Relativamente ao que mais gostam na escola, os alunos destacam os colegas, os amigos, o campo de futebol, os intervalos, o bar e a biblioteca. Quanto ao que menos gostam na escola, os alunos apontaram o facto de a escola ser muito grande, as muitas escadas que a escola tem, os testes, as injustiças e a obrigatoriedade de estudar.

Todos os alunos indicaram ter telemóvel e computador. Quanto aos meios de transporte utilizados no acesso à escola, 12 alunos deslocam-se em viatura pessoal, dois alunos de autocarro e um aluno desloca-se a pé. Quanto ao tempo de deslocação, 6 alunos referiram demorar em média 20 minutos na deslocação para a escola, 5 alunos demoram 15 minutos, 3 alunos demoram 30 minutos e um aluno não respondeu.

Relativamente ao tempo diário de estudo, 5 alunos mencionaram investir entre 30 a 50 minutos para o seu estudo diário, 5 alunos indicaram estudar diariamente entre 60 minutos a

90 minutos e 3 alunos indicaram estudar durante 120 minutos. Dois alunos não responderam à questão. Indicaram ainda como lugar preferencial para o estudo o seu quarto, a sala e o sofá.

A turma revelou desde cedo uma forte motivação e interesse pela disciplina, que se manteve constante ao longo do ano. De uma forma geral e consistente ao longo do ano letivo, os alunos envolveram-se ativamente nas estratégias de sala de aula propostas por mim, participaram de forma educada, ativa e crítica nas discussões e reflexões conjuntas e cumpriram, na maioria dos casos, com todas as tarefas propostas, tendo muitas vezes superados as expectativas previstas, o que se veio a refletir, naturalmente, na avaliação final dos alunos.

Foi uma turma com quem foi possível estabelecer rapidamente uma boa relação didático-pedagógica, de empatia e companheirismo, permitindo a manutenção de um ambiente descontraído na sala de aula, propícia à troca de experiências e opiniões e, portanto, ao maior envolvimento por parte dos alunos em todas as atividades conduzidas ao longo do ano letivo. Acresce aqui o facto de estarmos na presença de uma turma que, por ser constituída pelos alunos inscritos na disciplina de diversas outras turmas acaba por nos dar um grupo bastante mais abrangente da escola, trazendo para a discussão experiências muito mais abrangentes e demonstrativas de uma comunidade mais alargada.

Não deixa de ser relevante que o tema que serviu de base de trabalho para a realização da PES revelou por parte dos alunos um interesse para as questões tratadas na disciplina de EMRC e favoreceu a ideia de que a disciplina é estruturante e fundamental para a concretização de uma formação integral dos alunos e da sua inclusão responsável na comunidade onde vivem e atuam diariamente.

#### **1.4 A Unidade Letiva 4 – A Paz Universal**

A Unidade letiva de que falaremos no ponto seguinte – a paz universal é um dos mais motivantes temas em exploração no decurso do 7º ano de escolaridade, porquanto ela nos permite a abordagem e reflexão sobre a realidade vivida pelos alunos na sua atualidade. São inúmeros os exemplos que podem ser levados ao conhecimento dos alunos e que servem de exemplo à necessidade de uma abordagem do tema que possa ter consequências concretas na vida dos alunos e das suas comunidades.

### 1.4.1 Enquadramento da unidade letiva

A paz universal surge como tema a abordar no decurso dos temas escolhidos para a constituição do programa de EMRC do sétimo ano de escolaridade. Penso, no entanto, que a abordagem do tema deveria ser transversal a todos os anos letivos, porquanto é um tema de grande importância que a disciplina deveria oferecer em todos os anos e níveis letivos como contributo às escolas, naquilo que considero ser a capacitação da mesma para a construção da mesma como lugar de paz. A paz universal é a unidade letiva de referência escolhida para a elaboração deste relatório final do mestrado. O tema é lecionado tendo em conta os conteúdos definidos no *curriculum* da disciplina, mas com uma abordagem que para além do conhecimento dos aspetos ali enumerados, tenta trazer para a realidade do quotidiano dos alunos a abordagem efetiva do tema, com vista a uma dinâmica que possa ajudar a alterar procedimentos concretos na conduta dos alunos, assim como promover, nos mesmos, aprendizagens que facilitem um empenhamento social na construção de uma comunidade mais pacífica.

A paz, porém, não é apenas dom a ser recebido, mas obra a ser construída. Para sermos verdadeiramente artífices de paz, devemos educar-nos para a compaixão, a solidariedade, a colaboração, a fraternidade, ser ativos dentro da comunidade e solícitos em despertar as consciências para as questões nacionais e internacionais e para a importância de procurar adequadas modalidades de redistribuição da riqueza, de promoção do crescimento, de cooperação para o desenvolvimento e de resolução dos conflitos.<sup>6</sup>

Reconhecer que a paz é um bem universal que deve estar omnipresente na vida dos alunos e de quem os acompanha, sejam estes os seus colegas de escola, ou os seus familiares, ou, ainda, outros que façam parte do seu quotidiano, é em suma a meta mais relevante que poderemos almejar conseguir com a leção desta Unidade Letiva. Depois, fazer desta necessidade uma constante procura de modelos que nos possam ser socialmente dados, sem esquecer a mensagem cristã que lhe pode estar intimamente associada, porque das mais relevantes mensagens de promoção da dignidade humana. Desta forma, permite-se envolver todos na dinâmica de que a paz é, no espectro da sociedade, um valor cimeiro da pirâmide de princípios orientadores da comunidade, nunca dissociado da realidade humana. É necessário

---

<sup>6</sup> Portugal et al., *Queremos Saber!*, 148.

aproveitar a capacidade de aprendizagem dos nossos alunos para neles fazer amadurecer uma responsabilidade perante a sua comunidade, como efetivos construtores de uma sociedade pacífica, que é parte deles e do seu compromisso com o mundo.

Não deixa de ser relevante a possibilidade que temos, de uma forma estruturada e refletida na vida e para a vida, de fazer compreender aos nossos alunos um conjunto de leituras que lhes permita dialogar com as diversas dimensões da realidade, como por exemplo, em estreito diálogo entre a fé e razão, fé e cultura, fé e ciência. Fazê-los reconhecer nesse diálogo que o que mais importa é que a sociedade em que vivem, e, eles próprios, de forma muito particular, devem reconhecer o direito à paz universal, não esquecendo que a mesma depende da sua conduta individual, comprometida com a realidade. Depois fazer partir esse compromisso que se inicia no íntimo de cada um, para a dimensão do universal que se justifica pela consequência de que todos os seres humanos comungam de uma dignidade que lhes dá identidade.

Os nossos alunos necessitam, nas idades em que se encontram no terceiro ciclo escolar, que lhes ensinemos (ajudando) a ser construtores de um bem comum que implica reconhecê-lo em primeira ordem, mas depois serem capazes de o promover junto dos ambientes que ocupam na vida. Não bastará saber que soluções podem ser mais adequadas para a resolução de problemas – é preciso saber fundamentar essas soluções e saber ainda operacionalizá-las no concreto das situações que surgem no quotidiano dos nossos alunos. As sociedades oferecem cada vez mais essa possibilidade, porquanto nos colocam no caminho sociedades multifacetadas no reconhecimento dos princípios orientadores, tanto quanto na possibilidade de estarmos perto de pares que nos oferecem outras visões sobre os próprios valores, por uma questão cultural que os diálogos podem ajudar a resolver.

A visão cristã não pode estar fora deste nosso âmbito de pensamento estruturado que permite pensar a paz, porque nos dá uma possibilidade de caminhada universal, de procura de consensos, mais do que de unanimidades, mas com uma possibilidade segura de construir uma sociedade humana capaz de se reconhecer na sua dignidade. A paz é, neste âmbito, um valor congregador da vontade universal de construir uma sociedade capaz de se reconhecer numa identidade única dos seres humanos. A promoção do diálogo inter-religioso é prova disso mesmo – a nossa capacidade de construir a paz como algo que necessita de todos os homens e de todos os povos constituídos e que só dessa forma se poderá tornar universal.

## 1.4.2 Lecionação

A paz universal é um tema que parece por vezes estar demasiado corroído no que respeita à sua abordagem em ambiente escolar. Um dos aspetos mais relevantes que se considera quando se aborda o tema julgo que tem muito que ver com o facto de se colocar a abordagem do mesmo longe do horizonte dos alunos, não facilitando assim, tanto quanto se desejaria, que os mesmos o olhem com um interesse que ajude a construir comportamentos de compromisso em relação ao próprio valor da paz. Foi com base nesta preocupação que se vislumbrou uma ideia de estudar a paz no âmbito da disciplina de EMRC, trazendo o tema para a efetividade da vida na escola, sem separar o seu estudo da noção tão necessária de que a paz é um valor universal. Se os alunos forem capazes de construir e reconstruir ambientes de paz no seu quotidiano, nomeadamente no seu ambiente escolar, estarão a experimentar, de uma forma efetiva, a própria possibilidade de serem participantes ativos de um mundo melhor e mais pacífico.

Se os nossos alunos souberem identificar a paz como a condição primeira para construção das suas relações humanas, sejam elas de que nível forem, estaremos a participar, garantidamente, na forte possibilidade de permitir aos nossos alunos uma capacidade de aprender a construir ambientes de paz que, a serem capazes de multiplicar nas circunstâncias da vida, são o mais seguro passo para a construção de um mundo melhor e mais justo.

A seguir, podemos ver o conjunto de planificações de que foi alvo o tema da paz Universal no sentido de dar cumprimento ao programa e à orientação que é dada no *curriculum* para a abordagem do mesmo. Não há dúvida de que o tema é pertinente e está bem colocado no conjunto de assuntos a abordar. Os conteúdos são também significativos no sentido que é necessário dar aos alunos uma visão do tema que não se perca no simples conceito, enveredando pelos ambientes, pelas instituições e pelas personalidades que têm importância e relevância no tema, mesmo ao longo do tempo da história. Desta forma, e sem perder o sentido prático de uma abordagem que pudesse trazer ao dia a dia das crianças a compreensão de uma necessidade absoluta de viver a paz na realidade concreta de cada um, fomos passando pela noção universal de paz e, numa visão abrangente da realidade, no concreto da história humana, na forma como a mesma se compreendeu no mundo.

Assim, iniciou-se um percurso que centrou a discussão do tema na visão dos próprios alunos, tendo logo como princípio orientador o facto de que o essencial é refletir a ideia de que a paz é um valor essencial na construção de ambientes, e deve ser uma aprendizagem

capaz de melhorar a vivência dos próprios alunos. O passo mais relevante da nossa discussão foi saber o que pensam os alunos sobre o tema e daí partir para uma motivação no sentido de aprender a construir a paz.

De seguida apresentam-se as planificações de nível I, II que foram elaboradas no início do ano letivo em que decorreu a PES e que foram feitas tendo em conta o período de lecionação da unidade letiva. Apresenta-se também a planificação de nível III, na qual se desenha o itinerário pedagógico a percorrer.

## Planificações de Nível I e II

Tabela 2 - Planificações de Nível I/II.

Calendário							
Mês	21	31	41	51	61	Aulas	
	Setembro	-	14	15	16	17	1
20		21	22	23	24	2	
27		28	29	30	-	3	
Outubro	-	-	-	-	1	4	
	4	5	6	7	8		
	11	12	13	14	15		
	18	19	20	21	22		
Novembro	25	26	27	28	29	6	
	1	2	3	4	5		
	8	9	10	11	12		
	15	16	17	18	19		
	22	23	24	25	26		
Dezembro	29	30	-	-	-	10	
	-	-	1	2	3		
	6	7	8	9	10		
1º Semestre	13	14	15	16	17	12	
	3	4	5	6	7	13	
	10	11	12	13	14	14	
	17	18	19	20	21	15	
	24	25	26	27	28	16	
	31	-	-	-	-		
	Janeiro	-	1	2	3	4	17
		7	8	9	10	11	
		14	15	16	17	18	
		21	22	23	24	25	
	Fevereiro	28	-	-	-	-	19
		-	1	2	3	4	
7		8	9	10	11		
14		15	16	17	18		
21		22	23	24	25		
28		-	-	-	-		
Março	-	1	2	3	4	20	
	7	8	9	10	11		
	14	15	16	17	18		
	21	22	23	24	25		
	28	29	30	31	-		
	-	-	-	-	1		
Abril	4	5	6	7	8	25	
	11	12	13	14	15		
	18	19	20	21	22		
	25	26	27	28	29		
Maio	2	3	4	5	6	28	
	9	10	11	12	13		
	16	17	18	19	20		
	23	24	25	26	27		
	30	31	-	-	-		
	-	-	1	2	3		
Junho	6	7	8	9	10	33	
	13	14	15	-	-		
	-	-	-	-	-		

Total de aulas previstas: 35

Conteúdos		Piano
Unidades letivas	Temas	Actividades
Início das aulas	Acolhimento dos alunos	Notas
Início das aulas	Apresent. do Programa e dos Crit. Av. Disciplina	
Início das aulas	Apresentação dos Professores e Alunos	Dinâmica de grupo
UL1 – As Origens	A origem do Universo: a Teoria do Big Bang	
UL1 – As Origens	A origem da vida. A origem da humanidade.	
UL1 – As Origens	As origens na perspectiva bíblica. A importância do género literário.	
UL1 – As Origens	Elementos simbólicos na narração da criação. Religião e Ciência	
UL1 – As Origens	Criação: um acontecimento inacabado.	Padlet
UL1 – As Origens	Desafios ecológicos: apresentação dos trabalhos de grupo.	Padlet
UL1 – As Origens	Cuidar da criação. A mensagem da <i>Laudato si</i> .	
UL1 – As Origens	Revisão e sintetização dos conteúdos abordados na UL. Exercício Avaliativo.	Kahoot
UL4 – A Paz Universal	Paz: o grande sonho da humanidade. O Direito à Paz e a promoção do bem comum.	
Interrupção letiva do Natal		
UL4 – A Paz Universal	Simbolos da Paz.	
UL4 – A Paz Universal	Personalidades que lutaram pela paz.	
UL4 – A Paz Universal	Instituições de Promoção de Paz.	
Interrupção letiva – Fim 1º Semestre		
UL4 – A Paz Universal	Situações de Ausência de Paz	
UL4 – A Paz Universal	Preparação do trabalho de grupo.	
UL4 – A Paz Universal	Elaboração do trabalho de grupo	
UL4 – A Paz Universal	Avaliação da UL.	
Interrupção letiva do Carnaval		
UL3 – Riqueza e sentido dos afetos	Adolescência fase de crescimento e transformações	
UL3 – Riqueza e sentido dos afetos	A construção da Personalidade	
UL3 – Riqueza e sentido dos afetos	Os grupos que influenciam a construção da personalidade.	
UL3 – Riqueza e sentido dos afetos	Preocupações e desafios da adolescência.	
UL3 – Riqueza e sentido dos afetos	Afetos em Rede	Atividade de escola
Interrupção letiva da Páscoa		
UL3 – Riqueza e sentido dos afetos	Acreditar em Deus... é possível?	
UL3 – Riqueza e sentido dos afetos	O Agir moral e a questão religiosa. Conclusão da Unidade Letiva.	
UL 2 – As religiões	A universalidade do fenómeno religioso.	
UL 2 – As religiões	Introdução às Religiões Abraâmicas. A vida de Abraão.	
UL 2 – As religiões	O islamismo. O juliano	
UL 2 – As religiões	O cristianismo. Apresentação dos trabalhos de grupo.	
UL 2 – As religiões	Eranenismo. Tradições religiosas orientais.	
UL 2 – As religiões	Auto e hetero avaliação. Conclusão do ano letivo	

## Planificações de Nível III das Unidade Lecionadas

Tabela 3 - Planificações de Nível III.

Semana	Aula	Metas	Objetivos	Conteúdos	Estratégias	Obs.
16 dez	1 (12)	Q. reconhecer à luz da mensagem cristã a dignidade da pessoa humana.	1. Valorizar a paz como valor orientador do sentido da realidade humana.	- A paz, o grande sonho da humanidade; - A paz, mais do que ausência de guerra ou de conflito; - A paz como plenitude da vida e realização plena da pessoa; - O direito e o dever da paz.	- Introdução ao tema da paz  - <i>Brainstorming</i> sobre preconceitos e noções dos alunos relativamente à paz e às situações de falência de paz  - Dinâmica de grupo sobre as noções associadas à ausência de paz.	
13 jan	2 (13)	L. Estabelecer um diálogo entre a cultura e a fé.	3 Reconhecer que o direito à paz é universal e deriva da igual dignidade de todos os seres humanos.	- O direito à paz: - A proteção dos inocentes e dos mais vulneráveis; A negociação democrática como instrumento de governo;	- Símbolos da paz	Jogo com símbolos
20 jan	3 (14)	N. Promover o bem comum e o cuidado do outro.	4. Reconhecer soluções fundamentadas para situações de conflito de valores com base no reconhecimento da dignidade da pessoa.	Instituições de promoção e paz no mundo.	- Instituições de promoção da paz: Amnistia Internacional, Fundo Internacional das Nações Unidas para o Auxílio às Crianças, Programa Mundial alimentar da ONU.	
3 fev	4 (15)	N. Promover o bem comum e o cuidado do outro.	4. Reconhecer soluções fundamentadas para situações de conflito de valores com base no reconhecimento da dignidade da pessoa.	A Declaração Universal dos Humanos	Exploração da história dos Direitos Humanos. Declaração Universal dos Direitos Humanos.	DUDH - construção de uma história de Instagram sobre os Direitos Humanos
10 fev	5 (16)	N. Promover o bem comum e o cuidado do outro.	4. Reconhecer soluções fundamentadas para situações de conflito de valores com base no reconhecimento da dignidade da	- Prémios Nobel da paz;	- Personalidades de defesa da paz: Malala, Ghandi, Martin Luther King e Mandela	Vídeos

			<p>peessoa.</p> <p>2. Interpretar criticamente episódios históricos e factos sociais relacionados com a falência da paz.</p> <p>3 Reconhecer que o direito à paz é universal e deriva da igual dignidade de todos os seres humanos.</p>	<p>- A falência da paz: - A rutura das relações interpessoais e das relações ente estados, povos, etnias e culturas; A violência; A guerra; O terrorismo; O genocídio;</p> <p>- O direito à paz: - A proteção dos inocentes e dos mais vulneráveis; A negociação democrática como instrumento de governo;</p>	<p>- Identificação de zonas de conflito atuais/problemáticas sociais associadas ao conflito.</p> <p>Locais de conflito: Síria (refugiados), Rhuanda (genocídio), Israel/Palestina (religião), Espanha ETA (Terrorismo).</p>	<p>- Matriz para trabalhos de grupo</p>
17 fev	6 (17)	<p>O. Amadurecer a sua responsabilidade perante a pessoa, a comunidade e o mundo.</p> <p>L. Estabelecer um diálogo entre a cultura e a fé.</p>				
24 fev	7 (18)	<p>O. Amadurecer a sua responsabilidade perante a pessoa, a comunidade e o mundo.</p> <p>L. Estabelecer um diálogo entre a cultura e a fé.</p>	<p>2. Interpretar criticamente episódios históricos e factos sociais relacionados com a falência da paz.</p> <p>3 Reconhecer que o direito à paz é universal e deriva da igual dignidade de todos os seres humanos.</p>	<p>- A falência da paz: - A rutura das relações interpessoais e das relações ente estados, povos, etnias e culturas; A violência; A guerra; O terrorismo; O genocídio;</p> <p>- O direito à paz: - A proteção dos inocentes e dos mais vulneráveis; A negociação democrática como instrumento de governo;</p>	<p>- Situações e locais de conflito (panorama geral com apresentação de mapa mundo e zonas de conflito) - Indiferença - Genocídio e Holocausto</p> <p>- Preparação dos trabalhos de grupo.</p>	<p>- exploração de vídeos (ONU) sobre a DUDH</p>
3 mar	8 (19)	Todos	Todos	Todos	<p>- Conclusão da aula anterior;</p> <p>- Apresentação de trabalhos de grupo) - Ficha de trabalho para aferir conhecimentos</p>	

A tabela que se segue dá-nos uma visão universal dos domínios de aprendizagem e das metas que orientam a leção de conteúdos aos alunos. O facto de estarem assinaladas todos os domínios e todas as metas deve-se à possibilidade, de em todos os aspetos da leção, tentarmos atingir os mesmos de uma forma direta pela exploração do tema, ou porque no decurso da unidade letiva foi possível trabalhar as mesmas de forma indireta, tendo em conta os referenciais de valores assumidos que os alunos nos trazem. Sempre que abordamos com os alunos a crescente autonomia e a construção de um referencial pessoal de valores éticos e morais, fazemo-lo trabalhando sobre um substrato ético e moral fortemente ancorado na mensagem e cultura cristã, pelo que faz sentido, a meu ver, que todo o referencial esteja assinalado para a leção desta unidade letiva.

## Critérios de Avaliação para a disciplina de EMRC

Tabela 4 - Critérios de Avaliação de EMRC.

Pond.	Domínios de Aprendizagem	Metas Curriculares	Instrumentos de Avaliação	Áreas de Competência do Perfil do Aluno
30%	Religião e Experiência Religiosa	- Compreender o que são o fenómeno religioso e a experiência religiosa.	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Apresentações</li> <li>- Fichas</li> <li>- Testes</li> <li>- Trabalho individual/autónomo</li> <li>- Trabalho de grupo</li> <li>- Portfólios</li> <li>- Relatórios</li> <li>- Participação na aula</li> <li>- Observação direta</li> <li>- Autoavaliação</li> <li>- Heteroavaliação</li> </ul>	<p>                     Linguagens e textos <b>A</b>                      Informação e comunicação <b>B</b>                      Raciocínio e resolução de problemas <b>C</b>                      Pensamento crítico e pensamento criativo <b>D</b>                      Relacionamento interpessoal <b>E</b>                      Desenvolvimento pessoal e autonomia <b>F</b>                      Bem-estar, saúde e ambiente <b>G</b>                      Sensibilidade estética e artística <b>H</b>                      Saber científico, técnico e tecnológico <b>I</b>                      Consciência e domínio do corpo <b>J</b> </p>
		- Construir uma chave de leitura religiosa da pessoa, da vida e da história.		
		- Identificar o núcleo central das várias tradições religiosas.		
30%	Cultura Cristã e Visão Cristã da Vida	- Promover o diálogo inter-religioso como suporte para a construção da paz e a colaboração entre os povos.		
		- Identificar o núcleo central do cristianismo e do catolicismo.		
		- Conhecer a mensagem e a cultura bíblicas.		
		- Identificar os valores evangélicos.		
		- Articular uma perspetiva sobre as principais propostas doutrinárias da Igreja Católica.		
		- Conhecer o percurso da Igreja no tempo e o seu contributo para a construção da sociedade.		
		- Descobrir a simbólica cristã.		
		- Reconhecer exemplos relevantes do património artístico criados com um fundamento religioso.		
- Estabelecer um diálogo entre a cultura e a fé.				
40%	Ética e Moral	- Reconhecer a proposta do agir ético cristão em situações vitais do quotidiano.		
		- Promover o bem comum e o cuidado do outro.		
		- Amadurecer a sua responsabilidade perante a pessoa, a comunidade e o mundo.		
		- Identificar o fundamento religioso da moral cristã.		
		- Reconhecer, à luz da mensagem cristã, a dignidade da pessoa humana.		

Seguidamente apresentam-se os planos de aula e os seus respetivos relatórios, nos quais se dá conta da forma como os mesmos foram sendo desenvolvidos ao longo das aulas e que impactos tiveram nas aprendizagens dos conteúdos abordados por parte dos alunos. Nos relatórios pode ver-se, ainda, o quanto os conteúdos se refletiram como temas aos quais os alunos manifestaram interesse de reflexão e de partilha de informação de que os mesmos alunos já eram detentores pela experiência do mundo em que vivem.

Plano de Aula 1

**Sumário:** - A Paz Universal – Uma introdução dos alunos – Diálogos

Metas	Objetivos	Conteúdos	Estratégias	Tempo	Recursos	Avaliação
Q. reconhecer à luz da mensagem cristã a dignidade da pessoa humana.	1. Valorizar a paz como valor orientador do sentido da realidade humana.	<ul style="list-style-type: none"> <li>- A paz, o grande sonho da humanidade;</li> <li>- A paz, mais do que ausência de guerra ou de conflito;</li> <li>- A paz como plenitude da vida e realização plena da pessoa;</li> <li>- O direito e o dever da paz.</li> </ul>	Acolhimento e sumário	5 m	Quadro	<ul style="list-style-type: none"> <li>Interesse</li> <li>Participação</li> <li>Comportamento</li> <li>Assiduidade</li> </ul>
			Apresentação da temática da Unidade Letiva: A Paz Universal	10 m		
			Dinâmica de grupo “Agarra o Problema” (Nota1*)	25 m	Balões e Canetas de Acetato	
			Síntese conclusiva	5 m	Quadro	
Aprendizagens Essenciais	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Relacionar as mudanças na adolescência com o aumento da responsabilidade pessoal, no Ser e no agir;</li> <li>- Assumir atitudes responsáveis na procura da felicidade pessoal e dos outros;</li> <li>- Identificar a paz como condição essencial para a convivência humana;</li> <li>- Discutir situações reais de falência da paz.</li> </ul>					

**Nota1:** Dinâmica “Agarra o Problema” – Organiza-se a sala de aula de forma que os alunos se possam sentar em círculo no centro da sala, em conjunto com o professor. Distribui-se a cada aluno um balão vazio. Solicita-se que o encha e que escreva na sua superfície um problema vivenciado ou visualizado na sua vivência quotidiana (escola, amigos, família). De seguida, pede-se aos alunos que “chutem” os problemas, fazendo com que os balões se misturem na sala de aula. Pede-se então que cada aluno agarre o 1.º balão que encontrar, e volte ao círculo. Seguidamente, discutem-se os problemas que cada aluno encontrou no balão que agarrou, solicitando que o mesmo opine sobre potenciais estratégias de solução para esse problema.



## Relatório de Reflexão Individual

<b>Unidade Letiva: : UL4 – A Paz Universal</b>		<b>Data:06/01/2022</b>
<b>Professor Estagiário: Nelson Lourenço</b>		<b>Hora: 9h45 – 10h30</b>
<b>Ano: 7.º</b>	<b>Turmas: C e E</b>	<b>Aula N.º: 12 (UL4/A1)</b>

A aula iniciou-se na hora prevista e decorreu de acordo com o plano de aula previamente entregue ao Professor Cooperante.

Após o acolhimento aos alunos e feita a chamada dos mesmos de forma individual o professor estagiário apresentou-se e explicou que iria, nas próximas aulas, desenvolver o novo tema – A paz universal, tendo solicitado aos alunos a sua cooperação nas aulas que se seguiam, das quais apenas esta seria ainda lecionada no mês de dezembro, antes do período de férias de natal.

Seguidamente foi escrito o sumário no quadro da sala: “A paz universal – Introdução ao tema”.

A sala de aula foi rapidamente preparada para a construção e desenvolvimento de uma dinâmica de grupo, tendo sido os alunos colocados em círculo, de frente uns para os outros. Os docentes também se sentaram de forma espontânea interagindo com os alunos na dinâmica preparada.

Foi explicado aos alunos que a aula consistira numa dinâmica a que se deu o nome inicial de “Agarra o Problema”. Esta consistia em encher um balão no qual cada aluno escreveria uma situação de conflito de que tivesse sido vítima ou tivesse sido presenciada por si. Explicou-se aos alunos que seria preferível que anotassem no respetivo balão um acontecimento em que os mesmos estivessem envolvidos. Seguidamente os balões foram atirados ao ar e cada aluno teve de recolher um balão, de forma espontânea, no qual estaria escrita uma situação apresentada por um qualquer colega seu.

Agarrados os novos balões os alunos foram convidados, um a um, a ler o que estava no seu balão e a, de viva voz, tentar encontrar uma solução para o problema que lhe calhara agarrar. Os professores podiam comentar as explicações dos alunos numa atitude instrutiva. O jogo, no fim, passa a chamar-se de “Destrói o teu problema”, fazendo-se a eliminação dos balões numa atitude de brincadeira e espontaneidade.

A atividade teve como objetivo levar os alunos a refletir sobre uma determinada situação de conflito e a procurarem para a mesma uma solução, podendo para o efeito pedir ajuda dos colegas e dos professores que se incluíram na dinâmica.

A atividade que teve como objetivo introduzir o tema da paz permitiu aos alunos uma visão muito realista do tema, porquanto os mesmos foram, durante a atividade, criando uma consciência de que a paz é algo que tem de ser uma realidade nas suas relações diretas com os que vivem consigo na família e na comunidade em que se inclui a escola. Serem capazes de resolver de uma forma refletida os problemas do dia a dia é uma aprendizagem que lhes facilitará a vivência na comunidade e é daí que surge a ideia de se poder construir uma paz universal.

Por fim os professores agradeceram o entusiasmo e envolvimento dos alunos.

Foi distribuído a cada aluno uma pequena lembrança que consistia numa rena a lembrar o natal, na qual estava preso um doce chupa-chupa.

Por último os professores despediram-se dos alunos e deram por concluída a aula.

**Plano de Aula 2**

**Sumário: Os Símbolos de Paz.**

Metas	Objetivos	Conteúdos	Estratégias	Tempo	Recursos	Avaliação
Q. reconhecer à luz da mensagem cristã a dignidade da pessoa humana.	1. Valorizar a paz como valor orientador do sentido da realidade humana.	<ul style="list-style-type: none"> <li>- A paz, o grande sonho da humanidade;</li> <li>- A paz, mais do que ausência de guerra ou de conflito;</li> <li>- A paz como plenitude da vida e realização plena da pessoa;</li> <li>- O direito e o dever da paz.</li> </ul>	Acolhimento e sumário	5 m	Quadro	<ul style="list-style-type: none"> <li>Interesse</li> <li>Participação</li> <li>Comportamento</li> <li>Assiduidade</li> </ul>
			Balanço sobre o tempo da interrupção letiva e recapitulação da aula anterior.	5 m		
			Apresentação do trabalho a desenvolver durante a aula sobre os símbolos da paz e elaboração de grupos de trabalho.	10 m		
			Trabalho de grupo	10 m		
			Apresentação das conclusões de cada grupo	10 m		
			Síntese conclusiva	5 m	Quadro	
			Aprendizagens Essenciais	- Identificar a paz como condição essencial para a convivência humana.		

Recursos: Ficha de trabalho sobre os vários símbolos identificadores da paz.



## Relatório de Reflexão Individual

<b>Unidade Letiva:</b> : UL4 – A Paz Universal		<b>Data:</b> 13/01/2022
<b>Professor Estagiário:</b> Nelson Lourenço		<b>Hora:</b> 9h45 – 10h30
<b>Ano:</b> 7.º	<b>Turmas:</b> C e E	<b>Aula N.º:</b> 13 (UL4/A2)

A aula iniciou-se na hora prevista e decorreu de acordo com o plano de aula previamente entregue ao Professor Cooperante.

Após o acolhimento aos alunos e feita a chamada dos mesmos de forma individual o professor estagiário fez uma pequena revisão do que havia sido desenvolvido na última aula antes do período de férias do natal. A relação foi feita de forma que os alunos percebessem a importância de fazer um estudo do tema da paz por relação com os acontecimentos da vida concreta dos alunos e da comunidade onde estão inseridos. Foi de novo solicitada a participação empenhada dos alunos para que o tema pudesse ser um momento de amadurecimento das suas conceções sobre a paz e a sua importância.

Foi feita uma pequena abordagem do tema do COVID, alertando os alunos no início deste novo tempo de aulas, da importância de se protegerem e protegerem os outros, assim como o facto de os alunos estarem preparados para um eventual contágio e não terem receios sobre essa circunstância.

Seguidamente foi escrito o sumário no quadro da sala: “Símbolos da Paz”.

Os alunos foram convidados a fazer uma pesquisa nos seus aparelhos eletrónicos, que tinha por missão responderem às questões que lhes eram colocadas numa ficha de trabalho sobre os símbolos da paz. Estes foram de forma aleatória distribuídos pelos grupos de trabalho já criados dentro da turma, nas aulas anteriores. Os símbolos que foram propostos foram: cachimbo da paz, Bandeira branca, pomba branca, arco iris, arcos olímpicos e vela branca com chama de luz. Os alunos depois de um tempo de pesquisa apresentaram o resultado das suas pesquisas a toda a turma e o professor foi comentando e complementando, fazendo uma relação com as razões do sentido da paz que estes símbolos representam para os homens.

Os grupos de trabalho foram convidados também a apresentar a resposta a uma mesma questão que se encontrava na sua ficha de trabalho e que era identificarem em poucas palavras o que consideravam ser, nas suas visões, viver em paz.

Da partilha que os alunos fizeram sobre as respostas dadas à pergunta salientou-se o facto de todos referirem que para se viver em paz é preciso estar-se em paz consigo próprio. Que a paz

interior leva a uma paz exterior e que é desta que se parte para a ideia de construção de uma paz universal que embora possa parecer uma utopia pode ser vista como um caminho que nos coloca cada vez mais próximo do objetivo. Não há paz universal sem paz individual.

Foi explicado aos alunos, por recordação da atividade da aula anterior, que a paz é algo que constroem quando são capazes de resolver os conflitos do seu dia a dia.

Por fim os professores agradeceram o entusiasmo e envolvimento dos alunos.

Por último os professores despediram-se dos alunos e deram por concluída a aula.

**Plano de Aula 3**

**Sumário:** Instituições de Promoção da Paz

Metas	Objetivos	Conteúdos	Estratégias	Tempo	Recursos	Avaliação
Q. reconhecer à luz da mensagem cristã a dignidade da pessoa humana.	1. Valorizar a paz como valor orientador do sentido da realidade humana.	<ul style="list-style-type: none"> <li>- A paz, o grande sonho da humanidade;</li> <li>- A paz, mais do que ausência de guerra ou de conflito;</li> <li>- A paz como plenitude da vida e realização plena da pessoa;</li> <li>- O direito e o dever da paz.</li> </ul>	Acolhimento e sumário	5 m	Quadro	<ul style="list-style-type: none"> <li>Interesse</li> <li>Participação</li> <li>Comportamento</li> <li>Assiduidade</li> </ul>
			Revisão da aula anterior.	5 m		
			Apresentação do trabalho a desenvolver durante a aula sobre as instituições promotoras de paz e elaboração de grupos de trabalho.	10 m		
			Trabalho de grupo	10 m		
			Apresentação das conclusões de cada grupo	10 m		
			Síntese conclusiva	5 m	Quadro	
Aprendizagens Essenciais	- Identificar a paz como condição essencial para a convivência humana.					

Recursos: Ficha de trabalho sobre as várias Instituições promotoras da paz.



## Relatório de Reflexão Individual

<b>Unidade Letiva:</b> : UL4 – A Paz Universal		<b>Data:</b> 17/01/2022
<b>Professor Estagiário:</b> Nelson Lourenço		<b>Hora:</b> 9h45 – 10h30
<b>Ano:</b> 7.º	<b>Turmas:</b> C e E	<b>Aula N.º:</b> 14 (UL4/A3)

Em virtude de ter testado positivo à COVID 19 e ter ficado em isolamento profilático durante cinco dias, o plano de aula foi realizado pelo professor Filipe Leite (colega de estágio).

Plano de Aula 4

Sumário: Direitos Humanos

Metas	Objetivos	Conteúdos	Estratégias	Tempo	Recursos	Avaliação
Q. reconhecer a luz da mensagem cristã a dignidade da pessoa humana.	1. Valorizar a paz como valor orientador do sentido da realidade humana.	<ul style="list-style-type: none"> <li>- A paz, o grande sonho da humanidade;</li> <li>- A paz, mais do que ausência de guerra ou de conflito;</li> <li>- A paz como plenitude da vida e realização plena da pessoa;</li> <li>- O direito e o dever da paz.</li> </ul>	Acolhimento e sumário	5 m	Quadro	Interesse
			Pequena revisão dos elementos dados nas aulas anteriores	5 m		
			Introdução aos Direitos Humanos. Diálogo interpelativo com os alunos para definição DH.	5 m		Participação
			Visualização de um vídeo sobre a história e a definição dos DH.	15 m	Vídeo sobre a História dos DH	Comportamento
			Produção de um trabalho Individual sobre os DH para divulgação nas redes sociais	10 m	Equipamentos telefónicos dos alunos	Assiduidade
			Síntese conclusiva	5 m	Quadro	
Aprendizagens Essenciais	- Identificar a paz como condição essencial para a convivência humana.					

Recursos: Equipamentos informáticos dos Alunos.

Visionamento do vídeo produzido pela ONU sobre os Direitos Humanos: <https://www.youtube.com/watch?v=Ka9Y7QY2zTM>



## Relatório de Reflexão Individual

<b>Unidade Letiva:</b> : UL4 – A Paz Universal		<b>Data:</b> 27/01/2022
<b>Professor Estagiário:</b> Nelson Lourenço		<b>Hora:</b> 9h45 – 10h30
<b>Ano:</b> 7.º	<b>Turmas:</b> C e E	<b>Aula N.º:</b> 15 (UL4/A4)

A aula iniciou-se na hora prevista e decorreu de acordo com o plano de aula previamente entregue ao Professor Cooperante e enviado ao Professor Coordenador.

Após o acolhimento aos alunos e feita a chamada dos mesmos de forma individual o professor estagiário fez uma pequena revisão do que havia sido desenvolvido na última aula antes do período da sua ausência. Esta abordagem foi feita nas duas turmas onde o plano de lecionação foi o mesmo e a aula dada pelo mesmo estagiário.

Depois de ter sido feita a recapitulação dos temas dados ao abrigo da Unidade Letiva 4 (A paz universal), foi introduzido o tema da aula em curso – Direitos Humanos. Os alunos foram questionados sobre os mesmos tendo-lhes sido perguntado o que entendiam por direitos humanos? Que direitos humanos conheciam? De que forma os reconheciam no seu dia-a-dia, na realidade concreta dos seus quotidianos. A resposta a estas questões refletiu, por parte dos alunos, um conhecimento muito significativo dos valores humanos.

Foi visionado um vídeo produzido pela ONU no qual foi feita uma abordagem dos Direitos Humanos, da sua História, da sua vivência, enumerando os principais direitos que na atualidade estão em causa por não serem respeitados de uma forma universal. Durante o visionamento do vídeo, no qual foram feitas algumas pausas pelo professor para explicações e interpelações dos alunos, tentando o seu conhecimento, reconhecimento e capacidade de reflexão sobre os mesmos. Percebeu-se que os alunos, de ambas as turmas têm um conhecimento considerável sobre os Direitos Humanos, são capazes de os reconhecer e transportar para a realidade das suas vidas, e, ainda, de os defenderem como garantias universais.

Mais uma vez o professor ligou a temática dos Direitos Humanos com a realidade quotidiana dos alunos alertando para o facto que os conflitos que encontram na sua vida estão muito intimamente relacionados com o desrespeito pelos direitos humanos e que estes são conflitos que os mesmos devem resolver na base do diálogo partilhado sobre esses mesmos conflitos numa perspetiva de repor a vivência e o respeito pelos direitos que foram postos em causa na sua vida e relação com os outros.

Os alunos perceberam que os direitos humanos são universais, mas dependem de uma conduta individual do ser humano para atingirem essa universalidade.

A aula terminou com o convite aos alunos para, através das suas redes sociais, fazerem uma publicação na qual divulgam a ideia de que os Direitos Humanos devem ser respeitados e do conhecimento de todos.

Os alunos saíram da sala de aula de forma ordeira.

Seguidamente foi feita a reunião de núcleo, no qual participou o professor coordenador que esteve presente na segunda aula via ZOOM.

**Plano de Aula 5**

**Sumário:** Construtores da Paz Universal

Metas	Objetivos	Conteúdos	Estratégias	Tempo	Recursos	Avaliação
N. Promover o bem comum e o cuidado do outro.	4. Reconhecer soluções fundamentadas para situações de conflito de valores com base no reconhecimento da dignidade da pessoa.	- Personalidades que influenciaram uma reflexão consistente sobre a paz (Malala, JP II, Luther King e Mandela).  - Nobéis da paz	Acolhimento e Sumário	5 m	Quadro	Interesse
			Pequena revisão da aula anterior (Direitos Humanos)	5 m		
			Trabalho de pesquisa dos alunos sobre: Malala; Mandela; JP II; Luther King	10 m	Equipamentos dos alunos (em 4 grupos)	Participação
			Apresentação da pesquisa dos alunos, com o complemento e recurso aos vídeos seleccionados pelo professor	20 m	Quadro. PC e Tela	Comportamento
						Assiduidade
			Síntese conclusiva	5 m	Quadro	
Aprendizagens Essenciais	- Identificar a paz como condição essencial para a convivência humana.  - Assumir atitudes responsáveis pela construção da paz.					

**Recursos:** Malala (<https://www.youtube.com/watch?v=yBKmxuOuZmY>) Mandela (<https://www.youtube.com/watch?v=OAB4NnKDYOI>) João Paulo II (<https://www.youtube.com/watch?v=W0tXAEJP4Y>) Luther King (<https://www.youtube.com/watch?v=S5MY1eOAsJc>)



## Relatório de Reflexão Individual

<b>Unidade Letiva:</b> : UL4 – A Paz Universal		<b>Data:</b> 10/02/2022
<b>Professor Estagiário:</b> Nelson Lourenço		<b>Hora:</b> 9h45 – 10h30
<b>Ano:</b> 7.º	<b>Turmas:</b> C e E	<b>Aula N.º:</b> 16 (UL4/A5)

A aula iniciou-se na hora prevista e decorreu de acordo com o plano de aula previamente entregue ao Professor Cooperante. Como tem vindo a ser hábito a aula foi dada nas duas turmas de estágio pelo professor estagiário. Em ambas decorreu com normalidade.

Após o acolhimento aos alunos e feita a chamada dos mesmos, de forma individual, o professor estagiário fez uma pequena revisão do que havia sido desenvolvido na última aula. Esta abordagem foi feita nas duas turmas onde o plano de lecionação foi o mesmo e a aula dada pelo mesmo estagiário.

Após a revisão sucinta dos conteúdos os alunos foram elucidados da continuidade do percurso que se pretendia fazer. Foram convidados a refletir sobre quatro figuras centrais e com impacto na construção de um mundo de paz, a partir das respetivas biografias cedidas pelo professor. A saber Malala; Mandela; João Paulo II e Martin Luther King. Cada um dos grupos de três e dois alunos foram convidados a fazer uma pequena reflexão sobre as individualidades referidas, com base numa pequena bibliografia que lhes foi cedida pelo professor e da qual deveriam tirar os aspetos mais relevantes para posteriormente apresentarem aos colegas. Os aspetos que deveriam salientar, além dos aspetos biográficos, deveriam conter os factos e as causas que justificaram o seu impacto na construção da paz no mundo. Às apresentações dos alunos foi junto um pequeno vídeo que estava preparado pelo professor estagiário e que servia de ilustração sobre a vida das personalidades assim como do impacto que tiveram na vida da humanidade. Após cada apresentação foi dado aos alunos um espaço de reflexão e discussão sobre as personalidades apresentadas, com comentários do professor estagiário.

As apresentações decorreram com grande interesse, nas duas turmas, pelo que não foi possível a apresentação dos quatro grupos constituídos, tendo ficado um dos grupos para apresentação no início da próxima aula. Esta circunstância deveu-se ao facto de os alunos se terem envolvido com grande interesse na elaboração do trabalho de grupo, tendo solicitado ao professor mais tempo para a realização do mesmo do que o que estava planeado. As apresentações também foram de grande qualidade, na generalidade dos grupos, pelo que se considerou oportuno deixar os alunos intervirem sem os interromper com a intensão apenas de cumprir o plano, tendo –se considerado mais pertinente aproveitar a sua vontade de participar.

O professor, depois das apresentações que se mostraram de grande qualidade, chamou a atenção para o facto de cada uma das personalidades apresentadas terem sido um exemplo para a humanidade na luta pelo valor da paz numa atitude que começou por ser individual e de capacidade que lhe fora reconhecida de resolver conflitos. Os homens que não são capazes de resolver os seus conflitos particulares não serão obviamente capazes de resolver outros conflitos de maior dimensão como foi o caso das personalidades apresentadas.

A aula terminou com o convite aos alunos para continuarem a procurar conhecer outras figuras da história com impacto na construção da paz universal, nomeadamente outros prémios Nobel da paz.

Os alunos saíram da sala de aula de forma ordeira.

**Plano de Aula 6**

**Sumário:** Construção de um plano de trabalho para estudo dos conflitos

Metas	Objetivos	Conteúdos	Estratégias	Tempo	Recursos	Avaliação
<p>N. Promover o bem comum e o cuidado do outro.</p> <p>O. Amadurecer a sua responsabilidade perante a pessoa, a comunidade e o mundo.</p> <p>L. Estabelecer um diálogo entre cultura e fé.</p>	<p>2. Interpretar criticamente episódios históricos e factores relacionados com a falência de paz.</p> <p>3. Reconhecer que o direito à paz é universal e deriva da igualdade de todos os seres humanos</p> <p>4. Reconhecer soluções fundamentadas para situações de conflito de valores com base no reconhecimento da dignidade da pessoa.</p>	<p>- A Falência da paz</p> <p>- O direito à paz</p> <p>- Diálogo, perdão e reconciliação</p>	Acolhimento e Sumário	5 m	Quadro	<p>Interesse</p> <p>Participação</p> <p>Comportamento</p> <p>Assiduidade</p>
			Apresentação do trabalho do último grupo da aula anterior	5 m	Quadro. PC e Tela	
			Estruturação e explicação do trabalho a realizar pelos alunos sobre Zonas de Conflito	15 m		
			Definição de conflito (Atentados Terroristas; Guerra Civil; Separatismo; Conflito internacional	5 m		
			Apresentação das Zonas de conflito a estudar pelos grupos constituídos (Ruanda; Israel/Palestina; Síria; Espanha)	15 m	Quadro. PC e Tela	
			Síntese conclusiva		Quadro	
Aprendizagens Essenciais	- Assumir atitudes responsáveis pela construção da paz.					

**Recursos:** mapa de conflitos (<https://www.sogeografia.com.br/Conteudos/GeografiaEconomica/geopolitica/geopolitica2.php>); Esquema do trabalho a realizar.



## Relatório de Reflexão Individual

<b>Unidade Letiva:</b> : UL4 – A Paz Universal		<b>Data:</b> 17/02/2022
<b>Professor Estagiário:</b> Nelson Lourenço		<b>Hora:</b> 9h45 – 10h30
<b>Ano:</b> 7.º	<b>Turmas:</b> C e E	<b>Aula N.º:</b> 17 (UL4/A6)

A aula iniciou-se na hora prevista e decorreu de acordo com o plano de aula previamente entregue ao Professor Cooperante.

Como tem vindo a ser hábito a aula foi dada nas duas turmas de estágio pelo professor estagiário. Em ambas decorreu com normalidade.

Após o acolhimento aos alunos e feita a chamada dos mesmos, de forma individual, o professor estagiário fez uma pequena revisão do que havia sido desenvolvido na última aula. Esta abordagem foi feita nas duas turmas onde o plano de lecionação foi o mesmo e a aula dada pelo mesmo estagiário.

No início das aulas, em ambas as turmas, foram apresentados os trabalhos que haviam ficado por apresentar, na aula anterior. Na primeira aula foi apresentado o trabalho sobre Martin Luther King e na segunda turma o trabalho sobre o Santo João Paulo II. Ambos os trabalhos apresentaram uma qualidade considerável, tendo os alunos à imagem dos restantes colegas de outros grupos feito uma boa apresentação da personalidade, evidenciando os factos que ambos despoletaram em prol da construção de paz universal.

Após a revisão sucinta da aula anterior e das apresentações feitas, foi explicado aos alunos o trabalho que se seguiria e que consistia na abordagem de quatro zonas de conflito, nas quais os alunos poderiam perceber a diversidade de conflitos e a sua natureza. Foram apresentados aos alunos os seguintes conflitos: Palestina/Israel, Genocídio no Ruanda, País basco e a questão da ETA e ainda a situação na Síria.

Primeiramente como introdução do tema dos conflitos foram mostrados aos alunos dois mapas nos quais podiam ver a situação atual do mundo em termos de conflitos e tirar como conclusão o facto de que o mundo é bem mais conflituoso do que eles (os alunos) poderiam imaginar ou saberiam. Depois foi apresentado aos alunos um esquema de um trabalho de grupo, sobre as zonas de conflito escolhidas, para que soubessem a forma de trabalhar o tema, tendo sido fornecido a cada grupo de trabalho informação sobre as zonas de conflito a estudar. Foi solicitado aos alunos a execução de um PowerPoint sobre uma das zonas de conflito escolhido, trabalho que deveriam

iniciar em trabalho de grupo a realizar até á próxima aula e que deveria ser concluído na próxima aula em trabalho de sala de aula.

Mais uma vez, e na senda de levar os alunos a uma compreensão de que todos os conflitos humanos têm uma origem comum no individuo que entra em conflito com um dos seus pares ou com a comunidade onde vive e atua, foi possível que os mesmos percebessem, com mais facilidade em alguns dos conflitos estudados, que todos os conflitos têm o seu inicio no homem e dai partem para a comunidade e que sempre que os homens conseguem solucionar os seus problemas de uma forma particular estão a participar na construção efetiva de uma paz comum que se pretende seja por ideal uma paz universal.

A aula terminou com o convite aos alunos para continuarem a procurar conhecer outras figuras da história com impacto na construção da paz universal, nomeadamente outros prémios Nobel da paz.

Os alunos saíram da sala de aula de forma ordeira.

**Plano de Aula 7**

**Sumário:** Ajudar a construir projetos de paz – trabalho de grupo

Metas	Objetivos	Conteúdos	Estratégias	Tempo	Recursos	Avaliação
<p>N. Promover o bem comum e o cuidado do outro.</p> <p>O. Amadurecer a sua responsabilidade perante a pessoa, a comunidade e o mundo.</p> <p>L. Estabelecer um diálogo entre cultura e fé.</p>	<p>2. Interpretar criticamente episódios históricos e factores relacionados com a falência de paz.</p> <p>3. Reconhecer que o direito à paz é universal e deriva da igualdade de todos os seres humanos</p> <p>4. Reconhecer soluções fundamentadas para situações de conflito de valores com base no reconhecimento da dignidade da pessoa.</p>	<p>- A falência da paz</p> <p>- O direito à paz</p> <p>- Diálogo, perdão e reconciliação</p>	Acolhimento e Sumário	5 m	Quadro	<p>Interesse</p> <p>Participação</p> <p>Comportamento</p> <p>Assiduidade</p>
			Trabalho de grupo, em sala de aula. Encontrar e construir a paz	15 m		
			Apresentação dos trabalhos dos alunos. (Ruanda; Israel/Palestina; Síria; Espanha)	20 m	Quadro. PC e Tela	
			Síntese conclusiva	5 m	Quadro	
Aprendizagens Essenciais	- Assumir atitudes responsáveis pela construção da paz.					

**Recursos:** Documentos fornecidos, sobre os conflitos, na aula anterior.



## Relatório de Reflexão Individual

<b>Unidade Letiva:</b> : UL4 – A Paz Universal		<b>Data:</b> 24/02/2022
<b>Professor Estagiário:</b> Nelson Lourenço		<b>Hora:</b> 9h45 – 10h30
<b>Ano:</b> 7.º	<b>Turmas:</b> C e E	<b>Aula N.º:</b> 18 (UL4/A7)

As aulas tiveram início nas horas previstas. O professor estagiário propôs ao professor Cooperante e aos seus colegas estagiários que fosse alterado o plano de lição, tendo em conta os acontecimentos ocorridos no mundo, nomeadamente sobre o conflito armado entre a Rússia e a Ucrânia, e, tendo em conta que o tema em estudo era o tema da paz universal e havia sido pedido aos alunos uma reflexão sobre algumas zonas de conflito.

Como tem vindo a ser hábito a aula foi lecionada nas duas turmas de estágio, pelo professor estagiário. Em ambas decorreu com normalidade, tendo em conta a alteração que foi sugerida, também aos alunos que aderiram com muito interesse e curiosidade à proposta que lhes foi feita.

Foi projetado um mapa atual que ilustrava a geografia dos países envolvidos no conflito. Do mesmo se partiu para uma abordagem histórica que contextualizou as razões e os motivos da invasão russa à Ucrânia. Foram igualmente mostradas aos alunos algumas notícias de jornais de referência portugueses que davam contam, de alguma forma fidedigna, do que se estava a passar nos locais de conflito, nomeadamente sobre as primeiras consequências do uso de armas nas zonas já ocupadas pelas tropas Russas.

O plano de aula foi então adaptado, tendo permitido uma abordagem da situação acima identificada, explicando aos alunos os motivos e causas do conflito e as suas consequências. Percebeu-se que os alunos, principalmente da segunda turma, tinham conhecimento de aspetos relacionados com o conflito. Porém foram corrigidas informações incorretas que alguns alunos traziam como informação.

Os alunos fizeram questões que o professor foi respondendo com a colaboração dos colegas estagiários.

Notou-se por parte dos alunos alguma apreensão sobre a eventual possibilidade que congeminavam de que o facto de viverem numa ilha com uma base militar importante, pudesse trazer algum transtorno às suas vidas.

A aula terminou com o convite aos alunos para continuarem a procurar conhecer outras figuras da história com impacto na construção da paz universal, nomeadamente outros prémios Nobel da paz.

Os alunos saíram da sala de aula de forma ordeira.

**Plano de Aula 8**

**Sumário:** Apresentação dos trabalhos dos alunos. Avaliação

Metas	Objetivos	Conteúdos	Estratégias	Tempo	Recursos	Avaliação
Todas	Todos	Todos	Acolhimento e Sumário	5 m	Quadro	Interesse
			Apresentação dos trabalhos dos alunos sobre as zonas de conflito	20 m	PC, Quadro	
			<i>Kahoot</i> para avaliação de conhecimentos dos alunos	15 m	PC, Quadro e equipamentos telefónicos dos alunos	Comportamento
			Síntese conclusiva	5 m	Quadro	Assiduidade
Aprendizagens Essenciais	- Todas					

**Recursos:** *Kahoot* para avaliação de conhecimento.



## Relatório de Reflexão Individual

<b>Unidade Letiva:</b> : UL4 – A Paz Universal		<b>Data:</b> 03/03/2022
<b>Professor Estagiário:</b> Nelson Lourenço		<b>Hora:</b> 9h45 – 10h30
<b>Ano:</b> 7.º	<b>Turmas:</b> C e E	<b>Aula N.º:</b> 19 (UL4/A8)

As aulas iniciaram-se nas horas previstas e decorreram de acordo com o plano de aula previamente entregue ao Professor Cooperante. Como tem vindo a ser hábito a aula foi dada nas duas turmas de estágio pelo professor estagiário. Em ambas decorreu com normalidade.

Após o acolhimento aos alunos e feita a chamada dos mesmos, de forma individual, o professor estagiário fez uma pequena revisão do que havia sido desenvolvido na última aula. Esta abordagem foi feita nas duas turmas onde o plano de lecionação foi o mesmo e a aula dada pelo mesmo estagiário.

Seguidamente foi dado aos alunos a possibilidade de apresentarem os seus trabalhos de grupo. Apenas dois grupos, em ambas as turmas, tinham os trabalhos prontos a ser apresentados e apresentaram efetivamente os mesmos. As apresentações foram de grande qualidade em ambas as turmas e em todos os grupos que os apresentaram, tendo tido a participação de todos os alunos intervenientes no grupo durante a apresentação. Os conteúdos eram adequados e mostraram que os alunos haviam feito boas pesquisas para a elaboração dos respetivos trabalhos. Os planos de paz apresentados pelos alunos mostraram, da parte dos mesmos, grande preocupação na construção de um mundo mais pacífico.

Às apresentações dos alunos foram sendo feitos comentários por parte do professor estagiário no sentido de esclarecer os conteúdos partilhados pelos alunos nos seus trabalhos ou para complemento dos mesmos com objetivo de que os alunos adquirissem um conhecimento mais profundo sobre os conflitos ali explanados.

Quando se colocam os alunos à procura de soluções ou de tratados simples de paz, para as zonas de conflito estudadas, estamos a trabalhar em cada um dos alunos a sua capacidade de reflexão e de procura de soluções, conjuntamente com os seus pares. Esta aprendizagem é fundamental para que depois possam, nos conflitos da sua vida quotidiana também refletir sobre os seus conflitos e os tentarem resolver pela via da comunicação e do diálogo. Foi explicado aos alunos que a diplomacia com que os conflitos que apresentaram foram tratados se assemelhava á capacidade que cada um deles tinha de discussão e diálogo com os seus pares na tentativa que fizessem de resolver os seus conflitos pessoais.

Depois da apresentação dos trabalhos dos alunos foi distribuída uma ficha de trabalho que foi realizada pelos alunos e que deverá ser corrigida pelo professor estagiário e devolvida aos mesmos no início da próxima aula. A mesma versou todos os conteúdos lecionados e abordados nas aulas referidas à Unidade Letiva 4.

Os alunos saíram da sala de aula de forma ordeira.

### **1.4.3 Avaliação global**

A Unidade Letiva 4 (A Paz Universal) é de uma importância inquestionável no âmbito dos conteúdos que fazem parte dos temas abordados no sétimo ano de escolaridade. A sua presença nos manuais parece-me fazer muito sentido tendo em conta a faixa etária dos alunos do ano em causa e a sua capacidade, evidente, para a abordagem de um tema que toca toda a sua capacidade de relação com os outros, num momento decisivo de construção de relações humanas que se iniciam e que depois vêm a ter impactos nas outras relações já estabelecidas no percurso anterior de vida dos alunos, como as criadas na família. Este facto atrás referido justifica a inclusão do tema nos manuais do sétimo ano de escolaridade. Porém, julgo que o tema deveria ser transversal a todos os anos de ensino da disciplina de EMRC, de todos os anos de ensino em que está presente a disciplina, porquanto a abordagem do tema nos pode facilitar a capacidade de intervir na construção de um ambiente escolar que se pretende pacífico e que sendo pacífico pode facilitar todos os percursos de aprendizagem nas restantes disciplinas e até no próprio processo de construção, na escola, de uma paz que esteja presente no espaço no qual os alunos aprendam a viver em harmonia e daqui possam levar ensinamentos para a vida além da escola. Esta deverá ser uma abordagem adaptada a cada escola e tendo em conta a comunidade em que se insere e também adaptada a cada nível de ensino, tendo em conta as faixas etárias dos alunos. Sugere-se no fim deste relatório um plano de desenvolvimento de uma atividade que serve de exemplo a este desiderato de abordagem do tema em todos os níveis de ensino.

Em todos os momentos da vida dos nossos alunos, surge com uma importância inquestionável a aprendizagem de comportamentos que permitam a construção de uma comunidade pacífica, por isso a sugestão de que é pertinente que o tema da paz seja transversal a todos os anos de ensino da disciplina de EMRC e seja entendido como tema introdutório que possa criar condições para que todo o percurso que se faz com os nossos alunos, ao longo de cada ano letivo, seja facilitado.

Considero que as abordagens apresentadas, através dos conteúdos escolhidos, para a abordagem do tema da paz, são pertinentes e essenciais para um conhecimento do que é a paz, a sua construção, a sua dificuldade de manutenção e a evidente necessidade de um compromisso de todos em relação à edificação e manutenção da mesma, mas penso que se apresenta como uma pequena falha, facilmente colmatável, o facto de não ser dado espaço para uma transposição efetiva das razões do tema para o concreto da

vida dos próprios alunos, com uma abordagem que possa ser mais próxima dos mesmos, porquanto capaz de tocar a sua capacidade de serem, na realidade da sua vida, eles mesmos construtores da paz e capazes de resolver conflitos da sua comunidade e com a sua comunidade.

Quando da lecionação da Unidade Letiva 4 – A paz universal, no núcleo de estágio deste curso, a mesma foi introduzida com uma atividade que tinha como função centrar desde logo o tema no universo da vida dos alunos que ali estavam presentes. Essa aproximação tinha como missão não só dar conta da minha vontade de trazer os alunos a uma discussão que tivesse sentido para a sua vida, como levar os mesmos a perceber que a construção da paz não é algo que esteja distante dos seus horizontes, pois ela é construída nos momentos em que os alunos refletem e resolvem problemas nos quais estão envolvidos de alguma forma.

Quando, sob a forma de um jogo, se pede aos alunos para escreverem num balão um problema em que estiveram envolvidos, do âmbito das suas relações humanas, desde a família aos amigos, e que depois soltem o seu balão para que outro o possa apanhar e expressar-se sobre a forma como resolveria aquele problema, estamos a centrar na comunidade mais próxima dos nossos jovens a capacidade de identificarem os seus problemas, assim como de participarem num diálogo que permita ajudar a resolver os problemas dos que nos são próximos.

Esta é a minha visão sobre a forma como o tema da paz deve ser explorado nas nossas salas de aula. Centrar o tema na dinâmica de vida dos alunos e só daí partir para uma visão e conhecimento dos conteúdos que os compêndios atualmente nos oferecem e que continuam a fazer sentido como ilustração de que a paz universal dependerá sempre de uma capacidade de construir a paz nos espaços que ocupamos.

Os alunos perceberam que a dificuldade de identificar os conflitos não os pode distrair da necessidade de estarem atentos ao que se passa à sua volta. Que a dificuldade de refletir sobre os conflitos da sua vida é fundamental para a construção de um ambiente de paz que seja propício a um desenvolvimento como seres humanos, que é mais próspero se não houver conflitos a perturbar a vida.

De seguida vamos partir para uma tentativa de motivação que possa fazer-nos entender a necessidade de uma nova abordagem do tema da paz, que não seja um derrubar do que está construído sobre a mesma e a forma como ela é apresentada aos alunos, mas possa vir a acrescentar valor no sentido de que a sua abordagem possa vir a ter impacto efetivo na vida dos alunos porquanto os possa ensinar a gerir conflitos.

## **2 Um novo olhar sobre o estudo do tema da paz na escola**

É premente, na comunidade escolar, uma adaptação da missão do professor de EMRC que possa trazer aos alunos, também, um novo olhar sobre a disciplina. O tema da paz é dos que têm mais potencial de exploração porque permite, quando desenvolvido, dar aos alunos uma visão que ultrapasse o estudo dos casos de conflito, das instituições ou das personalidades e possa trazer ao ambiente concreto e circunstancial dos alunos uma prática que os ajude a mediar conflitos concretos em que se envolvem ou são vítimas.

### **2.1 Uma nova abordagem ao tema da paz e a necessidade de um percurso feito pela experiência da paz na escola**

Urge encontrar uma forma eficaz que permita aos nossos alunos identificar e identificarem-se com a ambição de que são as pessoas, na sua dimensão de relação com os outros, os primeiros construtores da paz que se deseja.

O principal objetivo da educação é suscitar e favorecer a harmonia pessoal, a verdadeira autonomia, a construção progressiva e articulada dos aspetos racional e volitivo, afetivo e emocional, moral e espiritual. Desta harmonia pessoal decorre a participação social e feliz, cooperante e solidária, que resulta na harmonia social.<sup>7</sup>

É urgente, tanto quanto a informação está tão próxima de nós quanto o tempo que levamos a fazer um clique, que se construa uma nova forma de abordar o tema da paz na escola. O facto de os nossos alunos terem à sua disposição um conjunto de ferramentas que os colocam com possibilidades de conhecimento do mundo, que antes não lhes eram disponibilizadas, oferece-lhes um conhecimento de realidades sobre as quais é preciso uma reflexão orientada para que as possam compreender. Os nossos alunos eram, antes, confrontados com uma realidade sobre a qual não lhes era possível ter outro conhecimento que não fosse o que os docentes lhe davam. A proximidade do mundo que agora lhes é facultada pelos meios de comunicação era muito mais restringida no passado. Este facto leva a que tenha de haver, por parte dos professores,

---

<sup>7</sup> Conferência Episcopal Portuguesa, «Educação, direito e dever: missão nobre ao serviço de todos», 3, acedido a 30 de janeiro de 2022, <http://www.conferenciaepiscopal.pt/v1/educacao-direito-e-dever-missao-nobre-ao-servico-de-todos/>.

um cuidado muito significativo, porquanto os próprios alunos procuram uma informação que entra, ou pode entrar, em confronto com aquela que lhes é dada nas aulas. O nível e a dimensão quantitativa de informações que os alunos levam para a sala de aula, como conhecimento, é muito superior à que levavam no passado. O olhar crítico que se pede aos alunos é, hoje mais do que no passado, sobre um conjunto de realidades muito mais significativa e demonstrativa da nossa universalidade como seres humanos. Os alunos precisam de uma abordagem que, para além do conhecimento das realidades existentes e que podem ser estudadas, lhes ofereça um olhar crítico sobre a mesma realidade e daí possam deduzir as razões que levam o ser humano a situações de egoísmo e violência, de que os próprios alunos são replicadores na sua vida.

Não é possível refletir sobre o sentido profundo da paz sem levar os alunos à verdadeira consciencialização de que ela só é possível se comprometida com as suas realidades concretas. A paz tem de ser dada aos nossos alunos como uma oportunidade para construir ambientes nos quais o ser humano possa viver em harmonia com os seus pares, nas suas comunidades concretas, de que a escola é lugar de experimentação e realização da paz.

[a]os jovens, é preciso dar-lhes a hipótese de construírem alternativas que os convençam da necessidade de atuarem, de acreditarem que o seu destino, enquanto pessoas, e mais tarde famílias, está nas suas mãos; convencerem-se de que é possível encarar as dificuldades da vida com uma nova maneira de estar e de ser.<sup>8</sup>

Temos de aproveitar a oportunidade de termos os jovens connosco, para lhes mostrarmos que é na construção de modelos de resolução de conflitos que está a oportunidade decisiva de construir um mundo melhor.

Há que aproveitar a oportunidade e usar a exploração do tema para ajudar o aluno a desenvolver-se como pessoa, num amadurecimento que lhe permita ser responsável perante a realidade da sua comunidade e depois do mundo. Há que fazer refletir para poder partir para a valorização do valor da paz como o orientador de sentido para realidade circunstancial humana.

---

<sup>8</sup> Isabel Vilaça e Vitor Carmona, «Os contextos pedagógicos e educativos da Educação Moral e Religiosa Católica», *Pastoral Catequética*, nº5 (2006): 91, [https://www.educris.com/v3/centrorecursos/download.php?t=doc&f=pastoral\\_catequetica\\_5\\_2106250348\\_26.pdf](https://www.educris.com/v3/centrorecursos/download.php?t=doc&f=pastoral_catequetica_5_2106250348_26.pdf)

A escola, nas suas diversas disciplinas, como já se disse, predominantemente as da área das ciências humanas, dão aos alunos um conhecimento de realidades, sejam históricas, sejam do seu quotidiano mais próximo, com os quais ironicamente parecem não se identificarem por si só.

Estes factos atrás assumidos fazem-nos acreditar que, para além de um conhecimento histórico da realidade, os alunos têm de aprender a gerir em prol de uma vivência saudável os acontecimentos da sua realidade e só daí partirem para uma compreensão da realidade histórica ou quotidiana em que não são participantes ativos.

Se é verdade que sobre os valores humanos, e nomeadamente o da paz, muito se pode aprender pela experiência da sua história, não será menos verdade que essa história se altera pela conduta dos homens em cada momento, com o impacto que os mesmos produzem na realidade. É por isso que urge dar aos jovens, mais do que conhecimento sobre a evolução da paz no mundo, utensílios, competências e argumentos para que a construam eficazmente na sua vida e desta forma alterem a mundo nessa dimensão.

Parece-me suficiente o facto de a comunidade escolar ser cada vez mais reflexo da comunidade em que a mesma se insere e não só, ser também condicionadora de uma imagem que se constrói pela capacidade de formar e educar para a comunidade. Os novos referenciais legais que regulam a educação no nosso país têm dado cada vez mais ênfase a uma escola que se pretende seja inserida no seu território de implantação, condicionada pela necessidade da geografia que ocupa na comunidade, como resposta mais segura e evidente de que os homens e mulheres que se formam na comunidade escolar têm depois um impacto significativo e comprometedor da comunidade maior em que a escola se insere. Os nossos alunos são reflexo do que a sua comunidade lhes dá. Na realidade aqui estudada, uma comunidade insular de pequenas dimensões, os seus progenitores são já, em grande parte, antigos alunos da mesma estrutura escolar.

A escola reflete por isso a sociedade em que está inserida, e esse facto é da mais relevante importância para que a mesma escola possa criar, fruto da sua autonomia, um conjunto de respostas que sejam adequadas e oportunas para fazer face às necessidades das instituições que os nossos alunos integram.

A aprendizagem através da resolução de problemas favorece o desenvolvimentos e competências de pesquisa e de resolução de problemas, os comportamentos e competências sociais associados a papéis de adulto e as competências de aprendizagem autónoma e independente. No âmbito de resolução de problemas podemos destacar a educação pelo

serviço, que desenvolve um amplo conjunto de competências intelectuais, sociais e sociopolíticas ao envolver os alunos em atividades de voluntariado e serviço ao próximo. Trata-se de uma forma de educação experiencial que tem por objetivo enriquecer a aprendizagem dos alunos, tanto do ponto de vista das referidas competências sociais, morais, ou outras, como da aplicação de determinados conteúdos curriculares, tanto de índole humanística como, até, científica. A diferença crítica da educação pelo serviço é que esta colca a ênfase tanto na aprendizagem que o aluno faz diretamente, como na aprendizagem do que significa responder às necessidades da comunidade que, de outra maneira, estariam omissas da vida da escola. E como os alunos trabalham com problemas reais, a aprendizagem torna-se mais relevante e, simultaneamente ensina, aprofunda e treina competências sociais, a capacidade analítica, a responsabilidade ética e cívica, a auto-eficácia, providenciando, ainda, experiências que podem ser cruciais para a estruturação de uma identidade vocacional. Grande parte da sua riqueza advém da necessidade de os alunos participarem no desenvolvimento dos seus próprios objetivos de aprendizagem e de confrontarem com vida real, num modo de encarar o ensino e aprendizagem que desafia eficazmente as suas assunções e o pensamento crítico.<sup>9</sup>

*O Referencial de Educação para o Desenvolvimento*<sup>10</sup>, constitui-se como documento orientador com o objetivo de enquadrar as intervenções pedagógicas da Educação para o Desenvolvimento, na sua dimensão de Educação para a Cidadania, para além de prever a sua implementação nos diversos níveis de ensino. Define, na sua introdução, a possibilidade de “ser utilizado de forma flexível e livre em diversos contextos, quer no quadro das escolas quer como instrumento de trabalho para outras entidades e agentes educativos com interesse na área da Educação para o Desenvolvimento.”<sup>11</sup>, e na definição dos temas a abordar pelo mesmo define no seu ponto 6 a paz. Desta forma se entende que a promoção da paz é essencial no desenvolvimento educacional das crianças e jovens e faz parte do universo de temas que devem ser abordados no sentido do desenvolvimento dos alunos e da sua formação como cidadãos ativos e responsáveis de uma sociedade mais bem construída, porque sobre a base de valores que são determinantes da capacidade de relação humana.

---

<sup>9</sup> Secretariado Nacional de Educação Cristã, *Programa de Educação Moral e Religiosa Católica* (Lisboa: SNEC, 2014), 158.

<sup>10</sup> Referencial aprovado em Agosto de 2016, elaborado pelo Ministério da Educação através da Direção Geral da Educação, em parceria com o Camões – Instituto da Cooperação e da Língua, I.P., o CIDAC – Centro de Intervenção para o Desenvolvimento Amílcar Cabral e a Fundação Gonçalves da Silveira. António Torres et al., *Referencial de Educação para o Desenvolvimento* (Lisboa, Direção Geral da Educação, 2016),

[https://www.dge.mec.pt/sites/default/files/ECidadania/educacao\\_desenvolvimento/Documentos/referencial\\_de\\_educacao\\_para\\_o\\_desenvolvimento.pdf](https://www.dge.mec.pt/sites/default/files/ECidadania/educacao_desenvolvimento/Documentos/referencial_de_educacao_para_o_desenvolvimento.pdf)

<sup>11</sup>. António Torres et al., *Referencial de Educação para o Desenvolvimento*, 7

## **2.2 A escola, espaço de mediação para a promoção de uma cultura de paz num processo educativo que promove a capacidade de gerir os conflitos na vida**

A escola é a comunidade por excelência onde os jovens aprendem a construir relações, por demais diferentes das que lhes foram impostas no agregado familiar, e com as quais precisam de aventurar uma postura de cordial relacionamento.

A Escola pode sempre ser um local de Formação da Pessoa, de Construção do Futuro, de Criação lúcida da Esperança, de Experiência do Convívio e do Respeito, de Alegria na Partilha, de Aceitação das Diferenças, de Esforço na Descoberta, de Vida Democrática, de Dignidade. Cremos que a Pedagogia do Serviço, ancorada no melhor da reflexão filosófica, política e científica sobre a escola, os alunos e os professores – encontrando eco nos esforços de democratização e participação societal e combinado harmoniosamente os princípios cognitivistas com as teorias humanistas do desenvolvimento da personalidade – tem muito a oferecer à Escola e à sociedade, e de um modo acessível aos professores, às famílias, às comunidades educativas e às comunidades envolventes.<sup>12</sup>

As nossas crianças, quando partem para o mundo escolar, partem também para o mundo das descobertas. É o conhecimento sobre a realidade que lhes é oferecido nas mais diferentes disciplinas do conhecimento. Mas a escola é também lugar de descobertas autónomas pela capacidade de oferecer um espaço de relações humanas de todos os géneros para as quais os nossos jovens não se encontram preparados. É a escola que os prepara pela capacidade de lhes permitir um ambiente que seja acolhedor e propício à vida naquele espaço de vivência.

Falar da paz como o conceito base deste trabalho implicará, sempre, procurar uma visão que a interligue aos outros dois conceitos: espiritualidade e juventude. Vejamos o que nos diz o Papa Francisco sobre a paz e a forma como a une a um potencial que me parece ser património indiscutível da juventude:

O mundo dá-te “paz interior”, estamos a falar disto, da paz da tua vida, deste viver com “o coração em paz”. Dá-te paz interior como uma tua posse, como algo que é teu e te isola dos outros, mantém-te em ti mesmo, é uma aquisição tua: eu tenho paz. E sem perceber, fechas-

---

<sup>12</sup> Cristina Sá Carvalho, «Pedagogia do Serviço: uma perspetiva de planificação e de implementação» *Pastoral Catequética* 41 (2018): 49-130.

te nesta paz, é uma paz para ti, para um, para cada um; é uma paz sozinha, é uma paz que te deixa calmo, até feliz. E nesta tranquilidade, nesta felicidade, põe-te a dormir um pouco, anestesia-te e faz-te ficar contigo mesmo numa certa tranquilidade. É um pouco egoísta: paz para mim, fechado dentro de mim. É assim que o mundo a dá. É uma paz dispendiosa porque temos de mudar constantemente os “instrumentos da paz”: quando uma coisa te entusiasma dá-te paz, depois acaba e tens de encontrar outra...<sup>13</sup>

Podemos facilmente ver nas palavras do Santo Padre a construção de um percurso que conduz a paz universal à condição única e individual de cada homem (entendamos aqui essa condição do Ser numa dimensão da juventude), na sua identidade própria. Este colocar da paz na dimensão humana da individualidade parece ser, na minha compreensão da mensagem de Francisco, a criação de uma possibilidade necessária de encontro da paz com a capacidade espiritual do homem. A espiritualidade é condição individual de cada Ser. Na verdade, a paz é uma dimensão fundamental da espiritualidade, porquanto ela é paralela à condição de todos as pessoas e lhes é intrínseca como desejo, como é a sua espiritualidade.

Toda a escola, todo o seu espaço e todo o seu tempo são o universo de aprendizagem e educação. Se é verdade que a escola no seu passado, não muito longínquo, formava apenas e a educação era apenas competência da família, hoje a escola foi convidada a ter também a missão nobre de educar:

A cada situação vivida, os nossos jovens aprendem por experiência repetida a gerir os seus conflitos. Não haverá melhor forma de experimentar a capacidade de gerir as situações difíceis da nossa existência do que tropeçar nas várias e variadas circunstâncias do nosso percurso vivencial e sermos capazes de ir construindo caminhos de paz em cada momento da sua ausência.

A necessidade de encontrar um ambiente que por ser pacífico permite que o nosso desenvolvimento seja mais seguro e promissor é fundamental.

Os nossos jovens podem e aprendem a gerir a paz como uma realidade na sua vida, primeiro pela capacidade de resolver problemas e conflitos e depois pela capacidade de reconhecerem que é mais fácil crescer e vencer as batalhas da vida se à sua volta for real um mundo de paz.

---

<sup>13</sup> Francisco, *A Cultura do Cuidado como Percurso de Paz*. Mensagem para o 54º Dia Mundial da Paz (1 de janeiro, 2021). Acedido a 3 de setembro de 2022, [https://www.vatican.va/content/francesco/pt/messages/peace/documents/papa-francesco\\_20201208\\_messaggio-54giornatamondiale-pace2021.html](https://www.vatican.va/content/francesco/pt/messages/peace/documents/papa-francesco_20201208_messaggio-54giornatamondiale-pace2021.html)

### **2.3 Contributo da disciplina de EMRC na construção de uma cultura escolar de paz promovendo a prática de uma experiência de resolução de problemas**

A disciplina de EMRC é, em todos os seus conteúdos, uma disciplina que conduz à descoberta e vivência dos valores humanos, orientadores da conduta humana.

Atendendo à natureza religiosa e ético-moral dos conteúdos e das Metas que estes concretizam, desde a etapa inicial de construção desta disciplina se tem considerado que a lecionação cumpre melhor os objetivos propostos quando se apoia em modelos de ensino centrados nos alunos, já que, através destes, se pode agir para melhorar o desempenho escolar, desenvolver as competências sociais e a capacidade de agir em cooperação com o outro.<sup>14</sup>

A compreensão dos valores humanos não pode ser feita sem uma operacionalidade que acontece na vida dos alunos e, a forma como a disciplina está presente na vida dos alunos, quer pelos conteúdos, quer pelas dimensões em que os mesmos são colocados ao seu dispor na vida, como fontes de orientação para a conduta dos seus comportamentos é, sem sombra de dúvida, o melhor contributo que a disciplina pode dar na construção de uma cultura de paz que começa na escola, é estruturada na escola, influencia a escola e parte dela para a vida na comunidade.

Dar aos Jovens uma espiritualidade que, como nos diz Jesus Manuel Garcia, celebre com a vida um compromisso de salvação de cada homem individualmente e no seu todo como comunidade é condição essencial da vida. Esta expressão apenas parece incorreta no sentido de que não damos aos jovens a espiritualidade, ela é-lhes subjacente como elemento constituinte da sua existência e da sua essência definidora – dá-lhe profundidade e capacidade de olhar o mundo para além da condição restrita da sua mundividência, que não é sequer possível porque não pode nenhum Ser alienar de si essa qualidade humana:

uma espiritualidade que celebra e transfigura a vida terrena sem condenar nenhum de seus aspectos vitais; que ajude os jovens a serem pessoas livres, criativas, autónomas; que educa

---

<sup>14</sup> Secretariado Nacional de Educação Cristã, *Programa de Educação Moral e Religiosa Católica* (Lisboa: SNEC, 2014), 157.

o olhar contemplativo; uma espiritualidade alegre que favorece a auto-realização e, ao mesmo tempo, orienta o compromisso; uma espiritualidade que recupera a centralidade de Cristo como experiência de libertação e relacionalidade. Tudo isto suscita a necessidade de um acompanhamento espiritual e de um modelo de espiritualidade corporificada que encontre na relação com o Outro/outro o modelo para experimentar a salvação.<sup>15</sup>

É certo que os jovens de hoje são tomados pela feroz centralidade da razão humana que tudo quer explicar. Porém, sabemos há muito, que o homem é muito mais do que apenas a sua razão, o seu corpo, a sua ética, o seu psíquico, a sua consciência, ele é também a sua espiritualidade, que lhe dá dimensão sobrenatural e transcendente. A razão não é capaz de explicar, nem de construir sob o seu jugo limitativo um mundo que em tudo possa ultrapassar a mera e simples condição da realidade. Este facto atira-nos para a necessidade de os jovens descobrirem a sua espiritualidade e a colocarem ao serviço de uma possibilidade consistente de construir valores humanos e consequentemente construir e viver a paz.

Na verdade, em nada a espiritualidade obstrói a capacidade de compreender, mas acrescenta capacidade de trazer novos ideais para a humanidade, como se a espiritualidade humana, que serve de suporte a uma paz interior, fosse capaz de ser suporte também de uma paz universal.

Vimos, anteriormente, que o Papa Francisco nos havia conduzido à possibilidade de entender a paz como algo que parece ser interior antes de ser uma realidade exterior e universal. Percebemos que para encontrar a paz interior precisamos de nos abrir à espiritualidade, porque ela nos predispõe para a sua vivência. Podemos então deduzir que esta é, na sua essência, o caminho para a dimensão da paz que tem de ser vivida e vivenciada pelos jovens.

Não são poucos os elementos encontrados nos currículos das diversas disciplinas, principalmente nas da área das ciências humanas, onde os valores se encontram como referencial, assumindo uma função de ajuda que condiciona a proposta dos professores aos seus alunos no que respeita à abordagem das suas matérias e à passagem de conhecimento. A paz surge, no mundo global em que a escola se encontra, como um dos mais relevantes valores a serem ensinados.

---

<sup>15</sup> Jesús Manuel García, «¿Qué espiritualidad proponer hoy a los jóvenes?», 1, acedido a 10 de outubro de 2022, [https://donbosco.org.ar/uploads/recursos/recursos\\_archivos\\_1577\\_794.pdf](https://donbosco.org.ar/uploads/recursos/recursos_archivos_1577_794.pdf)

Os valores humanos que orientam a vida dos nossos jovens podem e devem ser aprendidos na sua forma e no seu conteúdo, mas, mais do que aprendidos, têm de ser apreendidos como circunstância da vida. O não conhecimento e reconhecimento dos valores impede a sua vivência. Os jovens têm de conhecer e reconhecer os valores para depois os operacionalizarem nas suas vivências pessoais com os seus pares.

A paz não é um valor menor. A paz é um valor maior da convivência humana.

## **2.4 O papel do professor de EMRC como embaixador da paz na escola**

Nunca olhei o professor de EMRC como um professor normal. Entenda-se aqui a noção de normalidade como a de o enquadrar no modelo de professor de outra disciplina qualquer. Penso que o fato de estarmos na presença de um docente que é escolha dos alunos na perspetiva que a disciplina é uma opção dos mesmos, coloca este professor como alguém que, como acontece nas outras disciplinas, não é imposto, mas escolhido. Este facto é já, por si só, elemento diferenciador deste em relação aos outros. Na realidade as propostas que a disciplina faz são também diferentes na medida em que possibilitam uma flexibilidade que pode ir ao encontro da necessidade dos alunos e não estar definitivamente agarrada a um plano do qual não se pode fugir, como acontece com os colegas de outras disciplinas. Ele tem de ser para além da normalidade que se impõe aos docentes das diversas disciplinas, que ele também é, um elo constante com os alunos no intento perfetivo de que a sua intervenção deve facilitar, aos mesmos, capacidade de descoberta e caminho autónomo nas propostas que a disciplina oferece:

Um educador é uma árvore que anda. Oferece sombra a uma comunidade de crianças. Renova-se sem cessar nos seus ramos e nas suas folhas para poder comunicar à criança a coragem de ser, para poder comunicar a sua energia de vida. Isso significa que se situa sempre ao lado dos jovens que se movimentam. Não pode deter-se ou deixar-se enferrujar sempre no mesmo lugar. O seu passo é o de um companheiro de caminhada. Esta árvore alimenta-se de seiva interior. Não pode deixar de sobreviver a mais do que uma estação. E, finalmente, o educador enraíza-se tão bem no céu como na terra. Tem raízes na sua disciplina, nos seus conhecimentos, na realidade da vida dos jovens, mas também, e talvez mais, no céu! Porque cada criança é um dom de Deus. Que o educador não esqueça nunca

que deve agradecer a Deus com os braços erguidos bem alto! Essa abertura dos ramos e das raízes é o símbolo da hospitalidade à qual somos chamados.<sup>16</sup>

Ser professor de EMRC inclui um papel que se acrescenta ao de um outro professor de outra disciplina qualquer. Se é certo que a missão do docente é a de ser personagem atenta à realidade escolar e interventivo na mesma, num plano de intervenções na vida escolar que seja facilitador de boas reações dentro da escola e desta para o seu exterior, na família e na comunidade, também é certo que há muito o deixaram de ser, tanto que a sua capacidade de relacionar as obrigações docentes, cada vez mais volumosas, com as de simples educador. Os docentes de EMRC ainda preservam alguma desta capacidade de se adaptarem às solicitações dos alunos o que para os restantes docente não será tarefa fácil.

O professor de EMRC traz consigo também, para o campo do ensino, a dimensão da espiritualidade que a disciplina também oferece aos alunos. Se o tema da paz pode ser abordado nas mais diversas disciplinas é apenas na de EMRC que essa abordagem se deixa tocar pela dimensão de uma visão espiritual. É papel do professor de EMRC trazer o aluno a uma compreensão da paz numa dinâmica tocada pela vivência de uma espiritualidade que lhe pode servir de substrato e ser seu alicerce. É uma nova visão que é dada aos alunos.

A espiritualidade não se opõe à matéria nem ao corpo nem à história. A espiritualidade de que a gente fala não acontece fora do mundo; vive-se aqui, “pé-no-chão”, no dia-a-dia da vida humana, trabalhadora, militante, de luta e festa, de vida e morte e de Vida! A espiritualidade de uma pessoa é o mais profundo de seu próprio ser: suas motivações maiores, seu ideal, sua mística de vida, a utopia que a dinamiza e empolga. Ter “espírito” e ter “espiritualidade” equivalem praticamente. “Espírito é substantivo concreto”. “Espiritualidade é o substantivo abstrato.”<sup>17</sup>

É esta dimensão do ser humano que nos pode parecer, numa primeira abordagem, difícil de conciliar com o ideal de uma sociedade na qual a paz seja princípio orientador da condição humana, nomeadamente com forte premência nos nossos jovens, porque a sociedade atual lhes oferece um largo conjunto de novas

---

<sup>16</sup> Etienne Verhacq, «A missão dos educadores cristãos: “Caminhar como árvores”», *Pastoral Catequética*, n.º 27 (2013): 106.

<sup>17</sup> Pedro Casaldáliga e José Maria Vigil. *Espiritualidade da Libertação*. (Petrópolis: Vozes, 1996), 35.

experiências que parecem tomar o lugar da espiritualidade. Algumas delas desagarradas de qualquer projeto educativo, sem fundamentos consolidados numa dinâmica capacitada para a formação dos jovens.

A grande questão é a de saber de que forma o humano se deixa contagiar e influenciar por uma dada espiritualidade que parece nascer com o próprio homem e faz parte do seu ADN, como diz o texto, assumindo-se como o mais profundo do seu próprio ser e, por esse facto, poder ser o substrato capaz de sedimentar, não só a vivência da condição espiritual do homem, como a sua capacidade de construir a paz interior espiritual, e dessa caminhar para a dimensão da sua exterioridade, que é suporte para a construção da paz nas comunidades e sociedades humanas.

Se há uma certeza sobre o homem, é a indiscutível estrutura multidimensional em que se inclui a essência de uma espiritualidade que, apesar de ser desenvolvida ao longo da vida e do que lhe é ensinado sobre a realidade, é já parte integrante da sua identidade e tem de ser apenas desenvolvida como um fôlego capaz de motivar o homem para a vivência e compreensão do mundo. Nenhum homem se pode destituir da sua espiritualidade e, por esse facto, também não poderá compreender a sua capacidade de construção de realidades sem a incluir, por inerência da circunstância de que atua como um todo em todos os aspetos da vida.

Se a paz é condição para a convivência humana, é na espiritualidade que encontramos suporte para a sua consolidação no Ser como valor orientador da vida.

### **2.5 A vivência de uma construção da paz em ambiente escolar como proposta para a comunidade e a proposta de desenvolvimento do processo de mediação de conflitos**

Se é certo que a escola é parte integrante, de relevo, da estrutura da comunidade, não há comunidade sem escola, nem escola sem comunidade; pode aduzir-se com alguma propriedade que se a escola for um espaço de relações pacíficas elas terão impacto na comunidade, como referencial formativo da mesma comunidade.

As escolas ocupam, em tempo e espaço, um lugar de relevo na vida dos nossos alunos. As barreiras definidoras dos tempos em que os alunos por ela andam e o espaço que a mesma ocupa no seio de uma comunidade são, indiscutivelmente, o melhor lugar

onde se operacionalizam as próprias aprendizagens que os mesmos fazem no seu seio. Se a escola for um lugar de segurança e de paz, a comunidade para onde partem diariamente os seus alunos será uma comunidade tocada por uma motivação que estes levam da escola para as suas outras relações humanas.

A construção da paz só faz sentido se vista como atitude ou conjunto de atitudes que os jovens assumem no seu dia a dia e que podem ser aprendidos no decorrer das suas vivências pessoais. Nenhum jovem incapaz de resolver os seus conflitos será capaz de compreender os conflitos que o circundam. Segundo nos diz João Zanetti e Tobias Correia no resumo do seu trabalho - *Resolução Alternativa de Conflitos: A cultura da paz em meio a Adolescentes* - «A construção da paz começa a partir de uma atitude pessoal que pode se refletir em diversos campos da vida, no meio ambiente, na sociedade, na saúde coletiva, entre outros.»<sup>18</sup>. Pode incluir-se, por isso, aqui, também a dimensão da vida no que respeita à sua vivência de espiritualidade. Na verdade, os jovens podem ser motor propulsor, perfeito, para a construção de uma sociedade pacífica, porquanto sejam capazes de construir ambientes de existência pacífica e essa será tão mais duradoura e consistente quanto estiver alicerçada numa espiritualidade que lhes confere compromisso seguro de relação com os outros e com o transcendente.

A capacidade de diálogo é uma das características mais significativas dos jovens dos nossos tempos; a educação, não apenas como espaço privilegiado de vivência de relações para os jovens, mas como potencial de passagem de conhecimentos e trabalho para o qual os jovens se preparam como uma das circunstâncias mais relevantes da sua vida em comunidade, parece ser o espaço certo para a exploração da sua ânsia e desejo de paz. ▲ proposta de Francisco pode ser a resposta mais segura de que os jovens não só não devem demitir-se dessa missão construtora de paz, como são um dos seus mais seguros arquitetos, porque a aprendem e depois a operacionalizam no quotidiano das suas relações humanas.

Na sua mensagem, o Papa quer propor três caminhos para a construção duma paz duradoura. Primeiro, o diálogo entre as gerações, como base para a realização de projetos compartilhados. Depois, a educação, como fator de liberdade, responsabilidade e desenvolvimento. E, por fim, o trabalho, para uma plena realização da dignidade

---

<sup>18</sup>. João Neto e Tobias Corrêa, «Resolução Alternativa de conflitos: A cultura da Paz em meio a Adolescentes», acedido a 5 de novembro de 2022, <https://www.publicacoeseventos.unijui.edu.br/index.php/salaoconhecimento/article/view/17396/16078>

humana. Ao longo do seu discurso o Papa menciona os jovens, repetidas vezes. Sempre que encontramos um grupo de jovens e lhes perguntamos, nas aulas, o que pensam ser um bom sonho para a humanidade, temos como resposta frequente que a humanidade deve conquistar a paz como a sua vocação primordial. Porém também vemos nos jovens um desencanto com o que acontece na sociedade. Estes parecem sentir-se impotentes para resolver o problema do conflito constante que a sociedade lhes oferece nas mais diversas circunstâncias da vida. Estas considerações advêm do facto de os jovens em geral viverem muito sob a influência da realidade e por vezes distraídos da possibilidade de fuga para a dimensão do que os suplanta.

Conheci muitos jovens que se tornaram indisponíveis para a vivência de uma espiritualidade que não estivesse agarrada aos factos da vida, que não lhes trouxesse nada de novo e de melhor para a sua existência como ser, ou que não pudesse melhorar o mundo das suas vivências humanas a todos os níveis em que se integram socialmente. Porém, se lhes oferecemos uma espiritualidade fundada na necessidade que lhes advém deles mesmos, temos como possibilidade a construção de um mundo melhor que todos procuram, na boa vontade que parece ser o que de melhor têm os homens.

A paz não pode estar desligada da busca de sentido que os jovens tanto procuram para a sua vida. A busca de sentido que os jovens procuram para a sua vida não pode estar desligada de uma espiritualidade que temos a obrigação de os ajudarmos a descobrir no seu íntimo. Se é verdade que os jovens de hoje, de uma forma mais evidente que os do passado deixam-se mover por uma orientação social desenfreada que parece tudo resolver e deixa a ideia de espiritualidade de fora dos seus contextos, também é verdade que, se os levarmos à origem dos acontecimentos da vida, podemos fazê-los constatar a terrível perda de valores, como o da paz, que é preciso reconstruir no seu memorial, e, tornar presente no seu dia a dia. Quem sabe se não estará aqui a possibilidade de comprometer os jovens com a paz que lhes é tão necessária para a vida das suas relações humanas e a espiritualidade de um caminho que a pode oferecer como um valor espiritual inestimável, que devem depois operacionalizar com benefício para a sua vida no concreto das várias realidades humanas que integram.

Fica em aberto a possibilidade de os jovens serem discípulos e missionários de uma ideia de paz que concretizam na sua vivência das relações que estabelecem com o universo. Eduardo Pinheiro da Silva diz-nos que «Três elementos são fundamentais para isso: a consciência da fé, a certeza da esperança, a vivência do que se acredita. Estes

elementos alicerçam a espiritualidade juvenil para os nossos tempos.»<sup>19</sup>. É preciso, então, enveredar por uma motivação para a paz que seja fruto da sua fé, da sua esperança e alicerçada na sua realidade, nas vivências que estabelecem no concreto das suas relações humanas, com todos os que fazem parte da sua comunidade.

Depois desta abordagem sobre a possibilidade de construir uma visão nova sobre a lecionação do tema da paz na disciplina de EMRC partimos no capítulo seguinte para a apresentação de uma abordagem do tema que ultrapassa a dimensão que é dada ao professor da sala de aula. Vamos falar da experiência de construção de um espaço de discussão e reflexão de comportamentos que pode ser a forma como as abordagens concretas explanadas em sala de aula, sobre o tema da paz, são trazidas para a vida concreta da comunidade escolar e dos seus alunos, continuando a visão da disciplina de poder concretizar uma formação nos valores humanos com aplicação prática que pode ser aprendida.

Surgem com muita frequência na comunidade escolar conflitos que, ou tiveram a sua origem no interior da mesma comunidade, ou têm a sua origem, não menos vezes, na vivência que os alunos trazem do exterior da escola para o seu interior, tantas vezes da comunidade familiar. Este facto alicerça a necessidade de a escola estar preparada e porque preparada apta a dar uma resposta capaz de resolver estes problemas que surgem cada vez mais no interior da comunidade educativa.

Se considerarmos que o aluno deve ser visto e acompanhado como um Ser que traz consigo a história das suas relações humanas, devemos estar aptos a facultar-lhe capacidade de gestão dos conflitos que essas mesmas relações naturalmente ou não, lhe trazem no dia a dia. Resolver problemas é uma das competências mais relevantes da formação da personalidade dos nossos jovens. Se aprendem a resolver questões ao longo da sua vida ficam com uma aprendizagem que os prepara para todos os outros embates da vida, sejam conflitos com os outros, sejam conflitos interiores advindos do seu processo de crescimento.

---

<sup>19</sup> Eduardo Pinheiro da Silva, «Espiritualidade juvenil: a alegria de ser firme na Fé», *Encontros Teológicos*, n.º 63, Ano 27, Número 3 (2012): 1, <https://facasc.emnuvens.com.br/ret/article/viewFile/176/167>

### **3 A construção de um gabinete de Mediação de Conflitos**

Parece-nos evidente que a escola se assume hoje, mais do que no passado, como um espaço de profunda vivência social entre os seus diversos intervenientes. Os agentes educativos têm de ter essa noção, tanto quanto o comportamento da escola como espaço de relações humanas, fruto do longo tempo que todos passam no ambiente escolar, é cada vez mais importante. Assim surge a necessidade de se encontrar uma resposta que possa ser facilitadora da vivência e das relações no espaço escolar, e, seja por vezes instrumento equilibrador dessas mesmas relações.

#### **3.1 Refletir sobre comportamentos com vista a uma consciencialização e capacitação dos alunos para a prática escolar**

Factos decorrentes da vida da escola onde leciono, no fim do ano lectivo de 2022/2023 trazem consigo a necessidade de uma reflexão orientada sobre os comportamentos humanos dos nossos alunos. A direcção da escola depara-se, não com nenhum aumento de violência, mas com factos de alguma gravidade, isolados, que levaram inclusive a chamadas de atenção vindas do exterior da escola, da comunidade onde a mesma está implantada.

Na sequência do acontecimento acima referido o grupo de professores de EMRC da escola propôs leccionar uma aula orientada para a reflexão de comportamentos por parte dos alunos. A aula foi projectada e leccionada no fim do ano lectivo e integra-se nas dinâmicas do gabinete de mediação de conflitos que está a cargo dos professores de EMRC na minha escola.

Estabeleceu-se com dinâmica que os professores de EMRC voltariam a leccionar a aula aqui apresentada com proposta no início de cada ano lectivo, o que aconteceu já no ano de 2023/24.

**Plano de Aula - Extra****Unidade Letiva: 4****Sumário: Mede o teu comportamento**

Metas	Objetivos	Conteúdos	Estratégias	Tempo	Recursos	Avaliação
N. Promover o bem comum e o cuidado do outro.	4. Reconhecer soluções fundamentadas para situações de conflito de valores com base no reconhecimento da dignidade da pessoa.	- Abordagem de um conjunto de comportamentos humanos que sustentam a possibilidade de conflito entre os alunos.	Acolhimento e Sumário	5 m	Quadro	Interesse
			Apresentação da régua de comportamentos	2 m	Quadro. PC e Tela	Participação
			Apresentação de um PowerPoint com a definição dos comportamentos	25m	Quadro. PC e Tela	Comportamento
			Realização de uma ficha de trabalho	10m	Ficha de trabalho	Assiduidade
			Síntese conclusiva	3m	Quadro	
Aprendizagens Essenciais	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Identificar a paz como condição essencial para a convivência humana.</li> <li>- Assumir atitudes responsáveis pela construção da paz.</li> </ul>					

## Régua “Mede o teu Comportamento”



## Apresentação PowerPoint para aula “Mede o teu Comportamento”



### Objetivos

Tendo como finalidade a intervenção e prevenção de comportamentos na comunidade educativa, surgiu o projeto “mede o teu comportamento”, em forma de escala, que resulta de um processo de investigação. O objetivo é identificar comportamentos eticamente inaceitáveis na comunidade, alertar e avaliar o risco.

A escala, foi repensada e adaptada de um modelo desenvolvido por uma universidade Mexicana, Instituto Politécnico Nacional, e consiste numa escala gráfica em forma de régua, no qual se visualizam manifestações de violência.







## Chantagear

*Comportamento que pode ter a intenção de prometer ou ameaçar fazer ou dizer algo a alguém, de modo a condicionar as ações de outra pessoa.  
Pode ter como (intensão) objetivo extorquir algo, bens ou dinheiro a alguém, sob ameaça de tornar público ou revelar informações ou factos pessoais ou escandalosos, sendo eles verdadeiros ou não.*

EBIPV - EMRC - "mede o teu comportamento"



## Mentir ou ludibriar

*Mentir: Negar algo que corresponde à verdade; Dizer como se fosse verdade algo que na realidade não é.  
Ludibriar: enganar; iludir; induzir alguém em erro.*

EBIPV - EMRC - "mede o teu comportamento"



## Desprezar ou Ignorar

*Comportamento em que se faz de conta que não se conhece alguém, não dar importância;  
Falta de apreço ou de consideração por alguém;  
Poderá existir um sentimento de superioridade em relação a alguém.*

EBIPV - EMRC - "mede o teu comportamento"



## Ciúmes e Inveja

*O ciúme é uma emoção que provoca em alguém o sentimento de posse e exclusividade, com a intenção de provocar nessa pessoa o sentimento de dúvida, a falta de confiança e a dependência.*

EBIPV - EMRC - "mede o teu comportamento"



## Culpar

*Ação ou comportamento de atribuir a responsabilidade a alguém que causou algum prejuízo material ou moral. O sentimento de culpar alguém, mesmo de forma intencional e fazendo-a sentir responsável por erros ou imperfeições.*

EBIPV - EMRC - "mede o teu comportamento"



## Inferiorizar

*Comportamento de rebaixar outra pessoa e causar nela um sentimento de inferioridade. Depreciar, dar menos valor a alguém, baixar a sua reputação e a sua estima. Diminuir a sua dignidade e respeito.*

EBIPV - EMRC - "mede o teu comportamento"



## Ferir “a brincar”

*Comportamento de prática agressiva causando no outro danos físicos e emocionais, de forma propositada e alegando que foi em contexto de brincadeira.*

EBIPV - EMRC - “mede o teu comportamento”



## Humilhar

*Comportamento de humilhação, inferiorizar, desonrar e de desigualdade entre as pessoas, provocando no outro sentimentos de vergonha, culpa e inferioridade. Poderá ocorrer em contexto público e nas redes sociais de forma a ter mais impacto.*

EBIPV - EMRC - “mede o teu comportamento”



## Intimidar / Ameaçar

*Comportamento intimidatório com a intenção de causar receio e medo de danos físicos ou emocionais no outro. Objetivo de oprimir para que alguém se sinta amedrontado ou assustado, cumprindo e agindo de acordo com a vontade do(a) agressor(a).*

EBIPV - EMRC - “mede o teu comportamento”



## Sê Corajoso!

RESOLVE E NÃO TE DEIXES INTIMIDAR

EBIPV - EMRC - "mede o teu comportamento"



## Destruir Bens Pessoais/Materiais

*Comportamentos destrutivos relativamente a bens ou objetos de uma pessoa, com intuito de a prejudicar, diminuir ou perturbar.*

EBIPV - EMRC - "mede o teu comportamento"



## Controlar / Manipular

*O comportamento de controlo está relacionado com a necessidade de domínio de uma pessoa sobre outra. O/A agressor/a pode fazer uso da manipulação para assim controlar a vítima de forma a condicionar a sua liberdade, levando a que a mesma se sinta oprimida e aprisionada.*

EBIPV - EMRC - "mede o teu comportamento"



## Gozar

*Comportamento que explora as características da personalidade (física ou psíquica) de alguém, na sua maneira de ser e agir, com a intenção de ridicularizar, de forma a incentivar o riso. Pode ter a forma de rebaixar, menosprezar e ofender o outro.*

EBIPV - EMRC - "mede o teu comportamento"



## Excluir

*Excluir propositadamente do nosso grupo social ou de amigos e/ou forçar o afastamento dos amigos ou das pessoas que nos são mais próximas.*

EBIPV - EMRC - "mede o teu comportamento"



## Discriminar

*Tratar de forma injusta ou desigual uma pessoa ou um grupo de pessoas, por motivos relacionados com suas características pessoais específicas (cor de pele, nível social, religião, sexualidade etc.).*

EBIPV - EMRC - "mede o teu comportamento"



## Invadir a Privacidade

*Gravar conversas, fotografar ou filmar, sem consentimento. Divulgar, utilizar ou permitir a divulgação ou utilização de conversas, fotografias ou imagens através do meios de comunicação e informação. Aceder ao telemóvel ou computador de terceiros, e às suas passwords para entrar nas suas contas pessoais ou fazer facejacking.*

EBIPV - EMRC - "mede o teu comportamento"



## Difamar ou Injuriar

*Espalhar rumores, inventar mentiras, denegrir, dizer mal ou incitar à violência ou ao ódio por causa da sua raça, cor de pele, origem étnica ou nacional, ascendência, religião, sexo, orientação sexual, identidade de género ou deficiência física ou psíquica. Pode compreender o uso a recursos tecnológicos e outros meios de comunicação.*

EBIPV - EMRC - "mede o teu comportamento"



## Agredir Verbalmente

*Comportamento de violência verbal. Agressão de carácter verbal, insultar por causa da sua raça, cor, origem étnica ou nacional, ascendência, religião, sexo, orientação sexual, identidade de género ou deficiência física ou psíquica.*

EBIPV - EMRC - "mede o teu comportamento"



**Ferir**

*Causar danos físicos noutra pessoa. Comportamento que envolve qualquer tipo de violência física: esbofetear; pontapear; esmurrar; golpear; apertar; beliscar; pisar; empurrar e magoar; ...*

EBIPV - EMRC - "mede o teu comportamento"



**PEDE AJUDA!**

*NÃO FIQUES SÓ, PEDE AJUDA E DENUNCIA.*

EBIPV - EMRC - "mede o teu comportamento"



**Confinar ou Prender**

*Limitar as ações ou comportamentos de uma pessoa, impedindo a sua liberdade física. Restringir o espaço de outra pessoa, com recurso à violência física e psicológica.*

EBIPV - EMRC - "mede o teu comportamento"



## Ameaçar com Objetos

*Intimidar alguém com objetos não letais, que não têm a capacidade de ferir gravemente.  
Este comportamento tem a intenção e o objetivo de gerar medo e forçar a outra pessoa a agir ou comportar-se de acordo com a vontade do(a) agressor(a).*

EBIPV - EMRC - "mede o teu comportamento"



## Ameaçar com Armas

*Intimidar alguém com recurso a armas que podem causar lesão ou morte.  
Comportamento ameaçador que tem a intenção de gerar medo ou terror e forçar a outra pessoa a agir de determinada forma.*

EBIPV - EMRC - "mede o teu comportamento"



## Ameaçar de Morte

*Intimidar e criar medo em alguém afirmando que a sua vida, ou a de alguém próximo, está em causa.  
O(a) agressor(a) tem a intenção de forçar ou manipular os comportamentos do outro.*

EBIPV - EMRC - "mede o teu comportamento"



## Forçar uma Relação Sexual

*Comportamento violento e de coerção física e psíquica. O(a) agressor(a) age de forma a usar a força ou a induzir/manipular a vítima a ter relações sexuais, apesar da resistência e da negação da vontade da vítima.*

EBIPV - EMRC - "mede o teu comportamento"



## Abuso Sexual

*Comportamento de abuso físico de caráter sexual de/entre adulto ou outra criança/jovem contra a sua vontade e o seu consentimento. O abuso sexual implica tocar no corpo, nos órgãos genitais, de alguém sem a sua permissão, despir a roupa de uma pessoa sem que esta queira ou autorize e, também, a exposição de alguém a materiais sexuais, como filmes ou vídeos.*

EBIPV - EMRC - "mede o teu comportamento"



## Violar

*A violação inclui qualquer ato em que a vítima é forçada a ter relações sexuais sem o seu consentimento. É praticada de forma violenta, com o uso de agressão física e de ameaças graves.*

EBIPV - EMRC - "mede o teu comportamento"



**Causar Lesão / Mutilar**

*Causar danos ou ferimentos graves no corpo de outra pessoa por meio de força física ou de objetos.*

EBIPV - EMRC - "mede o teu comportamento"



**Matar**

*Provocar a morte de outra pessoa.*

EBIPV - EMRC - "mede o teu comportamento"



**Obrigado**

Bibliografia:  
Lei Tutelar Educativa  
Lei de proteção de crianças e jovens em perigo  
INSTITUTO POLITÉCNICO NACIONAL - México

EBIPV - EMRC - "mede o teu comportamento"

## Ficha de Trabalho para aula “Mede o teu Comportamento”

### EMRC | AULA: “mede o teu comportamento”

NOME: \_\_\_\_\_ TURMA: \_\_\_\_\_

## Prevenção da Violência Interpessoal

SAUDÁVEL

NÃO SAUDÁVEL

### COMPORTEMENTOS INTERPESSOAL - SAUDÁVEL / NÃO SAUDÁVEL

		VIOLÊNCIA FÍSICA, VERBAL, EMOCIONAL E PSICOLÓGICA.
		RESPEITO PELAS OPINIÕES DE CADA UM.
		HUMILHAÇÃO, ATRAVÉS DE CRÍTICAS E COMENTÁRIOS NEGATIVOS (EX.: “NÃO VALES NADA.”).
		CONFIANÇA, MESMO QUE HAJA OPINIÕES, COMPORTAMENTOS OU GOSTOS DIFERENTES.
		APOIO E ENTREAJUDA.
		CONTROLO E INTIMIDAÇÃO, ATRAVÉS DE AÇÕES VERBAIS OU FÍSICAS QUE CAUSAM MEDO.
		SEGURANÇA E PARTILHA DE MOMENTOS LIVRES DE VIOLÊNCIA.
		HONESTIDADE E CONVIVÊNCIA SEM JULGAMENTOS, MANIPULAÇÕES OU INSINUAÇÕES.
		ISOLAMENTO E CONTROLO DAS ATIVIDADES E AMIZADES DA OUTRA PESSOA.
		RESPONSABILIDADE E CONSCIÊNCIA PELOS PRÓPRIOS COMPORTAMENTOS E ATITUDES.
		LIBERDADE PESSOAL, SEM INVASÕES AO ESPAÇO DO OUTRO E SEM VIOLÊNCIA.
		NEGAÇÃO DO IMPACTO NEGATIVO QUE OS COMPORTAMENTOS AGRESSIVOS, INTIMIDATÓRIOS OU VIOLENTOS TÊM NA OUTRA PESSOA.
		CONFLITOS E DESENTENDIMENTOS, QUE SE RESOLVEM ATRAVÉS DA NEGOCIAÇÃO E DA PROCURA CONJUNTA DE SOLUÇÕES, RECUSANDO SEMPRE A VIOLÊNCIA.
		CIÚME, SEM NUNCA O UTILIZAR COMO DESCULPA PARA AGREDIR.
		AMEAÇAS E PRESSÕES.
		VIOLÊNCIA SEXUAL.
		MAGOAR, ASSUSTAR OU HUMILHAR A OUTRA PESSOA.

## A TUA OPINIÃO É IMPORTANTE

Segundo a escala de comportamentos, escolhe um nível e partilha a tua opinião, como prevenir e agir?

---



---



---



---



---

escala de comportamentos



### **3.2 Apresentação de uma experiência concreta de mediação de conflitos na escola**

Na escola Francisco Ornelas da Câmara, onde leciono desde 2010, e por iniciativa minha, foi constituído um projeto de criação de um Gabinete de Mediação de Conflitos que tinha por missão na altura da sua criação permitir aos alunos a resolução de pequenos problemas. A ideia veio a ser desenvolvida aos longo dos anos e o projeto acaba por ser integrado no grande projeto de Gabinete do Aluno, espaço que alberga um conjunto de valências, incluindo a de Mediação de Conflitos que se anexou ao então criado pela Direção Regional de Educação, Gabinete do Aluno.

Um jovem é perturbado pela sua incapacidade de reconhecer no outro o direito à paz. Fruto de uma circunstância que tem vindo a aprender por imitação de comportamentos que traz consigo do agregado familiar, perturba o outro numa tentativa de lhe roubar a paz, porque precisa dela. É sobre este entendimento e com um olhar muito atento aos perturbadores da paz alheia que se encontram os lugares e tempos de mediação de conflitos. Não são só as vítimas que precisam de restabelecer a sua paz, aquela que lhes foi roubada, também os agressores, com muito poucas experiências de paz na sua vida, precisam não só de a restabelecer como de a encontrar e recolocar nas suas vivências, quem sabe até de a aprender.

Esta forma quase poética de dizermos que a falta de paz parece ser sempre fruto de uma falta de reconhecimento da sua importância, ou de não a termos ainda experienciado como valor fundamental da vivência humana, coloca-nos na senda de problemas concretos que podemos ajudar os nossos jovens a resolver.

Valerá a pena aqui evidenciar a experiência criadora de um espaço a que chamámos na altura, decorria o ano 2010, Gabinete de Mediação de Conflitos. Eu integrava o corpo docente da escola Básica Integrada da Praia da Vitória, na ilha Terceira. Havia sido convidado para lecionar a disciplina de EMRC naquela escola. A minha formação de base era na altura Filosofia, com especialização em Política e Cidadania e com uma Pós-graduação concluída em Bioética.

A iniciar a minha caminhada como docente e porque no meu primeiro ano de ensino não era detentor de um horário completo, aventurei-me numa proposta de criação de um espaço no qual os alunos pudessem resolver problemas que surgiam entre eles, de uma forma racional e voluntária, mas também tocados pelo sentido de uma espiritualidade que sempre ajuda a procurar bons comportamentos.

Feita a proposta, a mesma foi aceite pelo executivo da altura, que a considerou desde logo como uma oportunidade de criação de um espaço que fosse facilitador da construção de ambientes de paz.

Criou-se um espaço que, para além de conter em si a possibilidade de encontro com os problemas e com os outros com quem esses problemas existiam, também era um espaço acolhedor, no sentido que se percebeu que a resolução de problemas em concreto necessitava de um lugar que motivasse um ambiente promotor de diálogo.

Percebeu-se que os alunos, de idades diferentes no percurso escolar nem sempre aderiam, com facilidade, de forma absolutamente voluntária, à mediação de um conflito. O processo de mediação de conflitos não era um procedimento ao qual se aderisse de forma espontânea. Sendo certo que os alunos não aderiam à mesma de forma voluntária e necessitavam de ser orientados para a mesma. Depois era colocá-los a conversar de forma racional e de acordo com um pequeno conjunto de regras que lhes eram dadas no início da conversa. E raras vezes o problema não foi resolvido.

O Gabinete de Mediação de Conflitos tem como espaço físico, de referência para os alunos, um local na escola, sala própria de receção aos alunos, aos encarregados de educação e aos outros elementos da comunidade educativa. Os docentes afetos ao Gabinete de Mediação de Conflitos asseguram a abertura, disponibilidade, confiança e confidencialidade exigida aos assuntos tratados naquele espaço. Quando as questões colocadas pelos alunos ultrapassarem a competência dos professores mediadores, os alunos são encaminhados para estruturas que os possam apoiar de forma especializada, como o Serviço de Psicologia e Orientação da Unidade Orgânica.

Definem-se como objectivos do Gabinete de Mediação de Conflitos: contribuir para a melhoria das relações interpessoais entre os alunos e todos os elementos da comunidade educativa; promover a educação para a cidadania, para os valores e para os hábitos saudáveis; oferecer aos alunos um espaço de diálogo e reflexão, ao qual podem espontaneamente aceder, permitindo que se abordem os assuntos alvo da sua preocupação, nomeadamente problemas que resultem da sua relação com a família, os amigos, os professores, relações afetivas, entre outros e, ainda, colaborar na resolução eficaz dos problemas atuais dos alunos, mas também desenvolver competências para que resolvam autonomamente problemas futuros.

O Gabinete de Mediação de Conflitos tem como princípios fundadores possibilitar aos alunos a efectiva mediação de conflitos escolares, nas quais não tenham

ocorrido graves atos de violência física. Nos casos em que isto aconteça, as situações serão encaminhadas de imediato para o Conselho Executivo da escola para tratamento disciplinar na valência de encaminhamento disciplinar. A Mediação é democrática, voluntária e confidencial pelo que qualquer sessão de mediação só é realizada por vontade expressa de ambas as partes intervenientes no conflito, podendo, no entanto, a mesma ser sugerida às partes por um terceiro elemento. O mediador é neutro e imparcial, procurando que as partes encontrem soluções mutuamente satisfatórias.

Os procedimentos de operacionalização do processo de mediação de conflitos resulta da vontade expressa de qualquer aluno da escola e/ou encarregado de educação se poder dirigir ao Gabinete do Aluno para apresentar uma queixa sobre uma situação decorrida na escola. No Gabinete do Aluno estão disponíveis folhas de registo de ocorrência para Alunos e folhas de registo de ocorrência para Encarregados de Educação, de modo a que as queixas possam ser feitas por escrito. Os docentes presentes no Gabinete do Aluno devem ajudar no preenchimento de execução da queixa e receber as mesmas, deixando-as posteriormente no Gabinete de Mediação de modo a que as mesmas possam ser analisadas pelos mediadores. É sempre dado conhecimento aos Diretores de Turma dos alunos dos registos que envolvam alunos da sua direcção de turma. Quando os registos apresentados são referentes a alunos de turmas diferentes, um dos mediadores fica encarregue de, em horário oportuno para ambos e depois de contactado o respectivo Diretor de Turma, ir buscar os alunos à sala de aula de modo a que possam resolver o conflito em conjunto e em processo de mediação já acordado e combinado com ambos.

O processo de mediação desenvolve-se em nove etapas que se considera ser muito importante sejam sequencialmente cumpridas, a saber: preparação da mediação com um diálogo particular e individual com os directores de turma dos alunos intervenientes e com os próprios alunos, no sentido de adquirir dos mesmos uma vontade expressa de realizar a mediação do seu conflito; exposição por parte do mediador escolhido para a realização da mediação, das regras da mediação – um diálogo racional com uma comunicação e exposição de factos por parte dos intervenientes e das suas reais preocupações ou motivações para o conflito; assegurar que os intervenientes foram compreendidos nas suas exposições do seu problema; assegurar que no momento da exposição dos factos, por parte dos intervenientes, os mesmos se ouvem com cuidado e atenção, sem interrupções e estão atentos ao que cada um diz sobre os factos;

assegurar que cada um dos intervenientes compreendeu e entendeu o que o outro disse, de forma clara e consistente; facilitar uma abordagem conjunta em que ambos os intervenientes são capazes de identificar o problema e as suas origens ou motivações; evidenciar uma reflexão que permita a procura conjunta e soluções para o conflito; promover uma negociação, em que o mediador pode ter uma intervenção mais ativa, no sentido de se definirem procedimentos de relação para o futuro, na relação de um com o outro; promover por parte dos intervenientes e do mediador uma avaliação do processo de mediação, nos dias seguintes à sua realização, garantindo que a mediação surtiu efeito positivo no estabelecimento de uma relação pacífica entre os intervenientes, levando ao fecho do processo e seu arquivamento como concluído.

É esta experiência, concreta e com provas dadas na sua prática diária da vida da escola Francisco Ornelas da Câmara que julgo poder vir a ser uma mais valia para outras escolas e outras Unidades Orgânicas, nomeadamente aquela em que o meu estágio foi realizado (Escola Secundária Jerónimo Emiliano de Andrade), porquanto se tem demonstrado eficaz na resolução de problemas e conflitos dos alunos, dando-lhes uma experiência concreta e real de como podem corrigir comportamentos e resolver outros conflitos que possam vir a ter no futuro.

Podemos aqui mostrar, de uma forma consistente, os resultados da experiência que tivemos durante alguns anos com a criação do Gabinete de Mediação de Conflitos numa escola pública. Os dados aqui referenciados são um estudo referente ao desenvolvimento do Gabinete de Mediação de Conflitos no decurso do ano letivo de 2021/22, na escola onde há uns anos, como já se referiu, foi lançada a semente de um espaço no qual os alunos se sentam à volta de uma mesa e com a ajuda de um mediador dialogam sobre os motivos dos seus conflitos, de forma democrática e voluntária, assumindo os mesmos o protagonismo da resolução dos seus problemas, ou dos problemas que têm com os seus pares.

Começamos, pois, por fazer uma análise apreciativa sobre a Mediação de Conflitos Escolares, tendo em conta a quantidade de processos que foram encaminhados para a mediação, voluntária e democrática, dos alunos.

A escola onde leciono há cerca de 14 anos e que não foi a escola na qual decorreu o estágio, em todas as circunstâncias, promove uma efetiva preferência pela resolução voluntária e democrática dos conflitos que surgem entre os seus alunos, sendo certo que com esta evidente preferência, associada à vontade dos próprios alunos em

dialogar sobre as situações de conflito em que se encontram, tem conseguido que haja um crescente de situações que se resolvem pela via da mediação de conflitos.

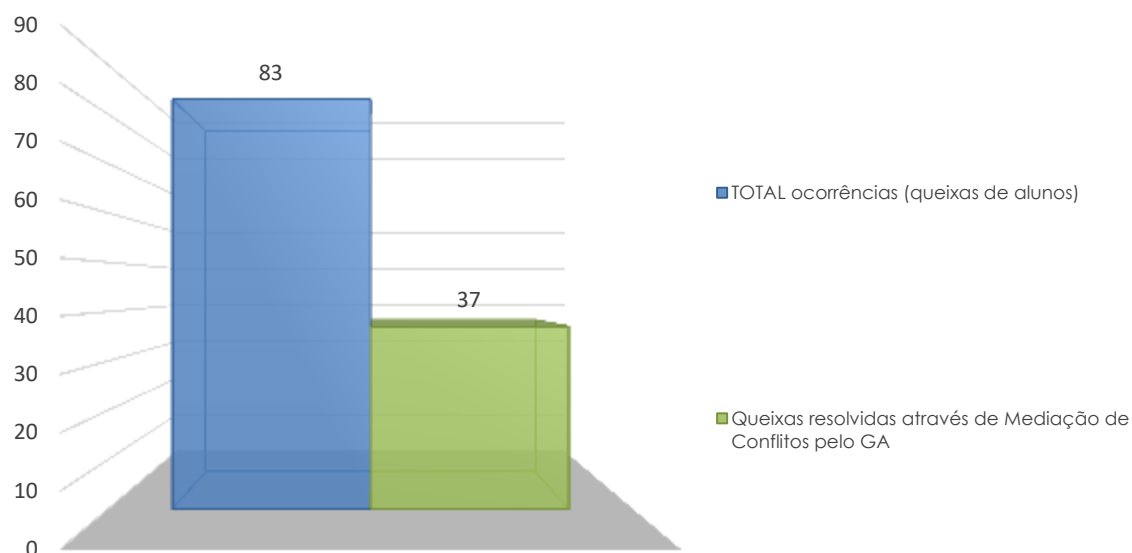
Aos alunos, salvo situações de evidente contorno de gravidade que exija outro tipo de intervenção, é dada sempre a hipótese de poderem optar por uma possibilidade de serem os próprios a resolverem os seus conflitos com os seus pares. Esta abordagem é sempre feita junto dos mesmos e é-lhes sempre facilitada quando se comprova a vontade de o fazer, motivação essencial para que se possa promover uma mediação coerente e consistente, em que os vários elementos consideram ser possível pela via do diálogo encontrar soluções pacíficas de convivência entre os elementos em conflito.

O conjunto de gráficos que a seguir se apresentam permitirão fazer uma análise apreciativa do processo de Mediação de Conflitos Escolares, também numa dimensão quantitativa, que nos oferece uma visão rigorosa sobre os processos desenvolvidos na escola onde leciono no período de tempo de um ano letivo, 2021/22 e, de uma forma muito evidente, perceber a necessidade e a urgência da existência de um gabinete de mediação de conflitos.

## Mediação de Conflitos em Processo de Mediação de Conflitos

O gráfico que a seguir se mostra é claro. Das 83 ocorrências feitas no decorrer do ano letivo, 37 foram resolvidas em processo de Mediação de Conflitos.

Figura 7 - Processos em Mediação de conflitos.



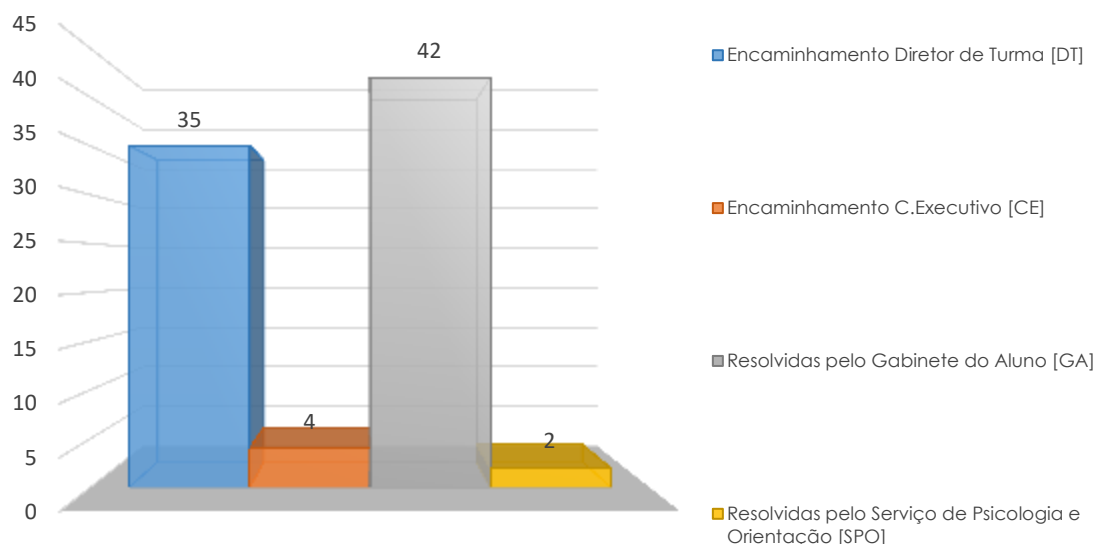
Este facto demonstra, com forte evidência, que o processo de Mediação de Conflitos, feito de forma estruturada e não de forma espontânea, pelos diversos agentes educativos, oferece os instrumentos para a resolução dos seus conflitos e os prepara para uma intervenção social responsável e competente, facilitando a eventual resolução de outros conflitos que possam ter no futuro. Penso que estamos na presença de um projeto que deve estar presente nas escolas como possibilidade formadora dos alunos, na medida em que os mesmos são intervenientes principais no processo de resolução dos seus problemas, como se demonstra ser, também, formador da consciência dos alunos e promotor da paz na escola e desta com influência no ambiente familiar e comunitário.

### Tipo de encaminhamento das queixas

Verificamos ainda, numa perspetiva de análise quantitativa, que de um universo de 83 ocorrências referentes a queixas de alunos sobre os seus pares, em que estavam anotadas expressões de conflito entre os mesmos, as mesmas, depois de verificadas,

foram encaminhadas para resolução da seguinte forma, como se verifica no gráfico que a seguir se apresenta:

Figura 8 - Encaminhamento das queixas



No departamento do Gabinete do Aluno, valência de Mediação de Conflitos Escolares, na qual se registara, durante o ano letivo de 2021/22, da escola Francisco Ornelas da Câmara, onde exerço as funções de docente de EMRC Católica, 83 ocorrências, referentes a queixas de alunos, procedeu-se ao encaminhamento de 35 mediações a resolver pelo Diretor de Turma, por se tratarem de pequenos conflitos entre elementos da mesma turma; 4 a resolver pelo Conselho Executivo da Unidade Orgânica, em virtude de não ter havido por parte dos alunos disponibilidade para uma mediação voluntária e democrática, e 42 queixas que foram resolvidas pelo Gabinete do Aluno na valência de Mediação de Conflitos.

Sendo assim, 42 queixas foram destinadas a uma resolução em que os principais protagonistas foram os alunos e não os seus professores ou outros agentes educativos, apenas com a presença de um mediador que teve como missão a definição das regras da mediação e o controlo dos alunos para que os processos de diálogo entre ambos pudessem ser concretizados com sucesso.

Da leitura do gráfico anterior, que apresenta uma distribuição dos processos por nível e local de resolução, é possível constatar que a maioria das queixas efetuadas foram resolvidas em processo de mediação, tendo-se dado a oportunidade aos alunos de resolverem o conflito em que estavam envolvidos de uma forma voluntária e

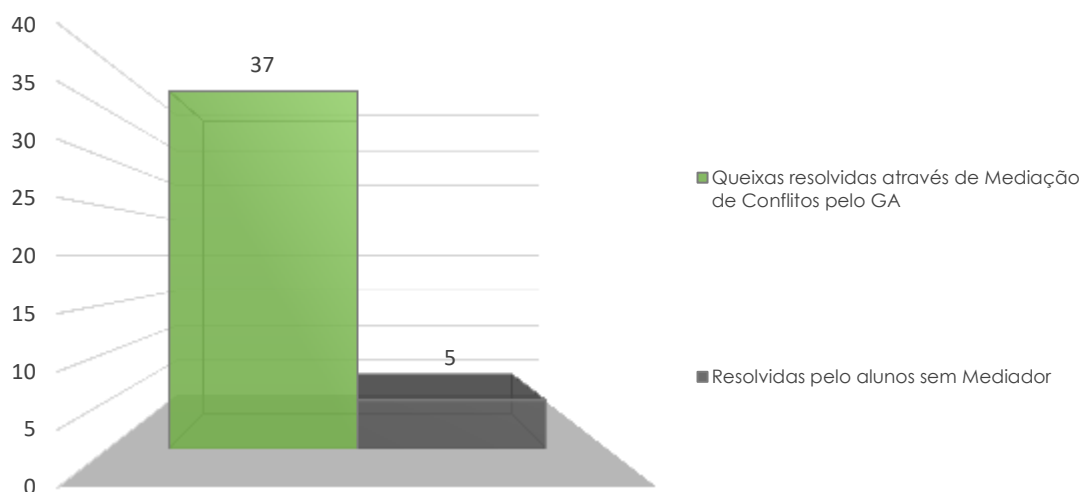
democrática, em que a ação dos próprios intervenientes se assumiu como a chave efetiva de resolução do conflito.

A constatação anteriormente referida, sobre a maioria dos processos terem sido resolvidos com a participação ativa dos alunos em processo de mediação, faz-nos entender que o processo de mediação de conflitos, que anteriormente não existia na escola de forma orgânica e estruturada, se mostra como o mais eficaz promotor da paz escolar, porquanto os alunos que se disponibilizam para a resolução dos seus problemas pela via do diálogo e da comunicação com o outro, principal eixo da mediação de conflitos, tem impacto muito positivo na vida dos alunos, na sua formação como cidadãos responsáveis e, conseqüentemente, nos ambientes em que vivem, com predominância no estabelecimento da paz na família, pois levam da escola uma aprendizagem muito significativa de como é possível a resolução de problemas pela via da disponibilidade para um diálogo com o outro.

### Queixas Mediadas em Processo de Mediação de Conflitos

Fazendo agora uma análise tendo em conta os valores apurados anteriormente, que definem os processos que foram alvo de uma intervenção do gabinete de Mediação de Conflitos, verificamos que das 42 queixas realizadas por alunos e que foram entregues à mediação escolar para que providenciasse as respetivas mediações, verificamos que 37 foram resolvidas através de Mediação, com a intervenção de um Mediador nomeado pelo gabinete e que as restantes 5 queixas foram resolvidas pelos próprios alunos sem intervenção de um Mediador.

Figura 9 - Queixas mediadas em processo de mediação



Com esta leitura de dados, podemos verificar que houve, por parte dos alunos, sempre que solicitados para a abordagem da possibilidade de mediação, uma adesão de 100% ao processo, pese embora em quase todos os casos os alunos não tivessem um grande conhecimento sobre a forma como o seu problema seria resolvido. Notou-se por parte dos alunos uma vontade muito evidente de resolver o seu problema com o seu par, de forma a que o mesmo problema não viesse a ter outros contornos de resolução como a intervenção dos encarregados de educação ou do Conselho Diretivo da unidade Orgânica.

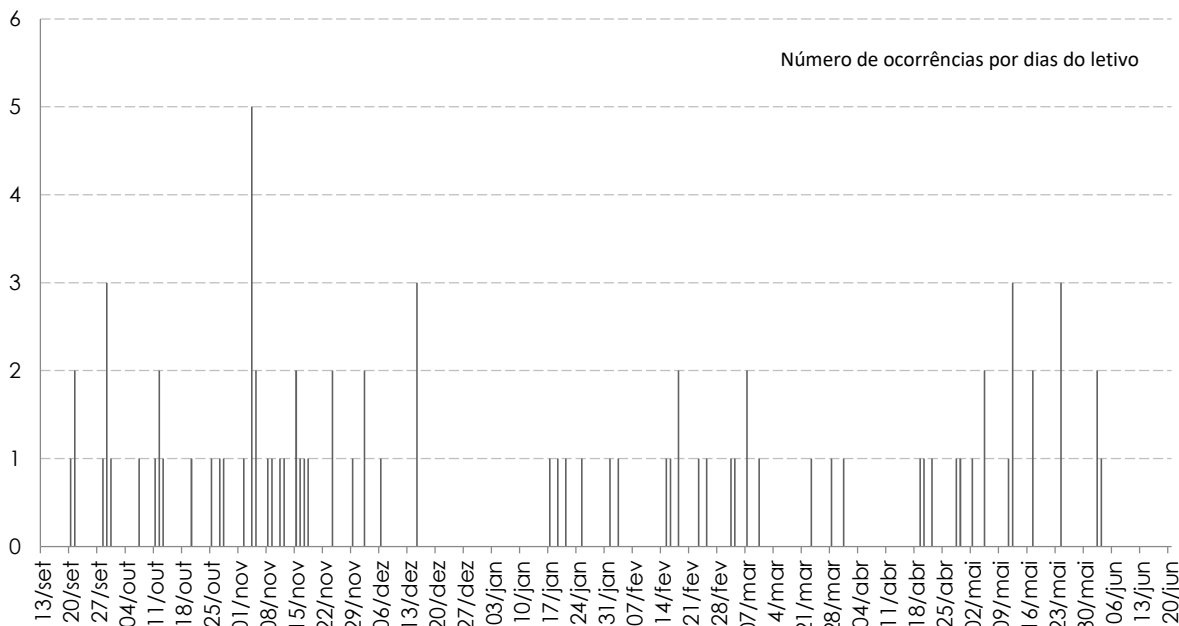
Em todos os casos os alunos mostraram disponibilidade absoluta e saíram com a ideia de que haviam sido capazes de resolver o seu problema de uma forma que consideraram ser vantajosa para ambos os intervenientes. Há ainda a registar o facto de que, em alguns casos e fruto de uma maior maturidade por parte dos alunos envolvidos, foi possível a resolução dos conflitos sem a presença de um mediador, embora o processo tenha tido o seu início no gabinete de mediação de conflitos e aí tenha sido proposto pelos pares envolvidos um diálogo ordeiro sem a necessidade de presença de um mediador, que posteriormente verificasse se houve ou não acordo das partes envolvidas na resolução do problema que existia entre ambos.

### **Análise temporal das ocorrências no decurso do ano letivo**

O gráfico que a seguir se apresenta mostra-nos de que forma as ocorrências acontecem no decurso do ano letivo, sendo evidente que há períodos em que são mais frequentes os conflitos, havendo para isso justificações muito evidentes.

Quando se verificam as datas das ocorrências, notamos que há uma maior incidência de conflitos nos momentos de avaliação dos alunos nas diferentes disciplinas. Por esse facto, e porque a escola funciona em três períodos letivos, as participações surgem nos meses de avaliação das diferentes disciplinas em cada um desses períodos, novembro, março e maio, meses em que se fazem as primeiras avaliações curriculares das quais resultam os níveis a atribuir aos alunos em cada período letivo.

Figura 10 - Análise temporal das ocorrências durante o ano letivo 2021/2022.



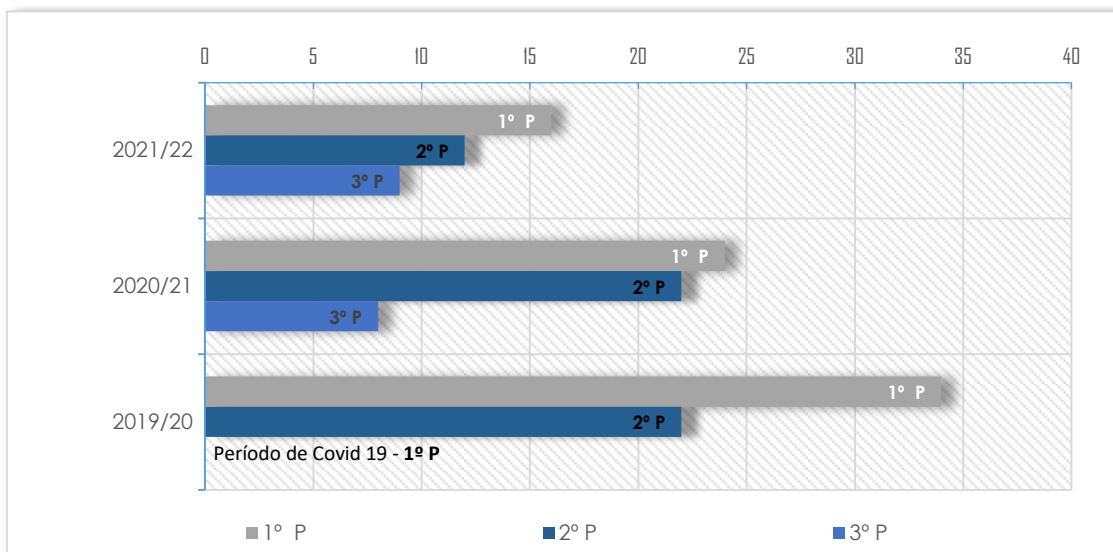
Em conclusão e face à análise temporal anual, o Gabinete do Aluno recebe, em média, 1 aluno em cada dois dias letivos. Passaram pelo GA um total de 189 alunos envolvidos em queixas registadas. A este facto é necessário juntar a informação de que a Unidade Orgânica estudada tem cerca de 1000 alunos no seu edifício sede. Este facto permite-nos entender a dimensão dos números aqui registados.

Não estão contabilizadas as queixas apresentadas verbalmente.

### Análise temporal e comparativa – Mediação de conflitos escolares

Se verificarmos e fizermos uma comparação com dados recolhidos em anos anteriores (2019/20, 2020/21, 2021/22), para tentarmos concluir sobre a eficácia do processo, verificamos que ao longo dos anos tem vindo a decrescer o número de queixas por comparação com anos anteriores, o que nos leva a pensar que o projeto de mediação de conflitos, tal como o concebemos, tem tido um impacto formador na comunidade educativa.

Figura 11 - Análise temporal e comparativa - queixas



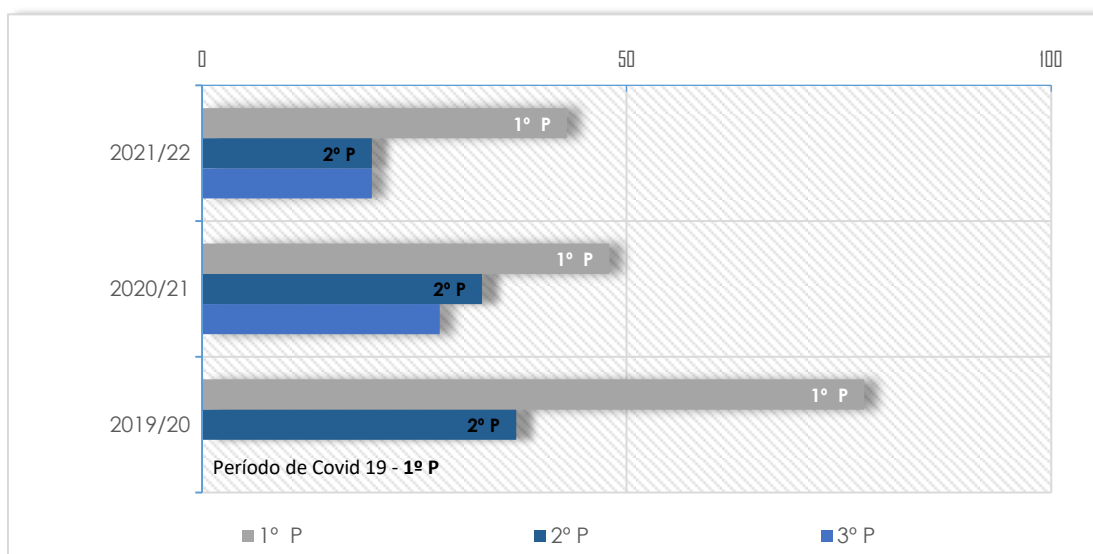
Aqui poderia juntar-se como evidência consistente o facto de os alunos que foram protagonistas dos processos, e que continuam o seu percurso académico na Unidade Orgânica, não repetirem o processo e terem alterado a sua postura perante os conflitos. A Unidade Orgânica permite a cada aluno fazer um percurso que vai desde o pré-escolar até ao fim do terceiro ciclo preparatório – o 9.º ano de escolaridade.

No presente ano, e comparativamente ao ano letivo anterior, verificaram-se menos 26 queixas e ainda menos 23, comparativamente ao ano 2019/20. Resulta que no terceiro período escolar do ano letivo 2019/20, em virtude do confinamento, não foram contabilizadas quaisquer ocorrências. A redução de ocorrências não tem relação com o confinamento, mas com o trabalho desenvolvido no âmbito da Mediação de Conflitos.

### Mediação de Conflitos Escolares

No gráfico seguinte, verificamos que, quanto à mediação de conflitos, aumentou o valor comparativamente ao ano letivo anterior.

Figura 12 - Mediação de conflitos escolares – Processos mediados

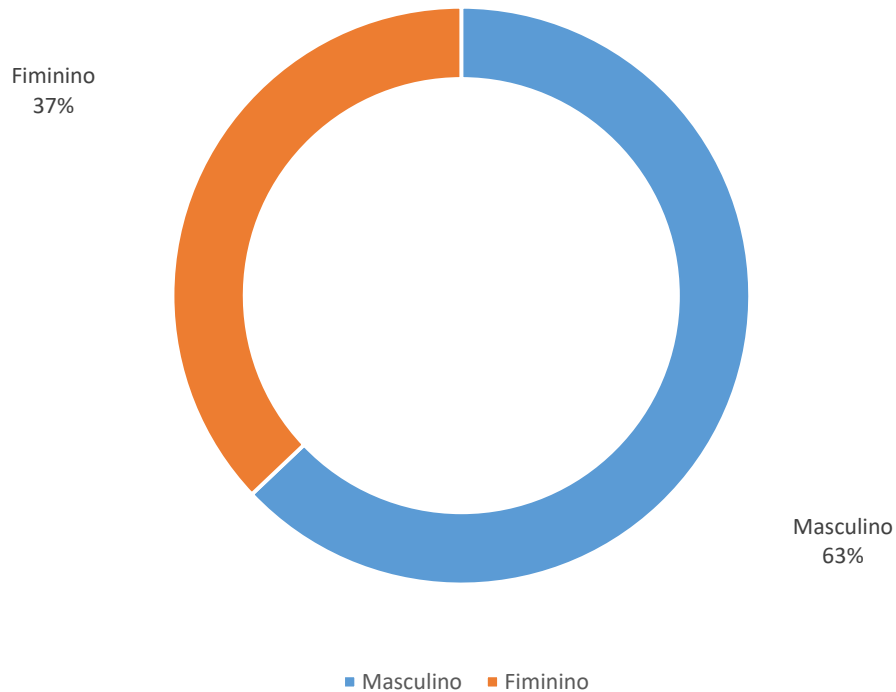


Também este dado é reforço para uma ideia de valorização do projeto de mediação de conflitos na escola, porquanto se entende que cada vez mais é preferência dos alunos serem eles próprios a resolver os seus problemas de uma forma democrática e voluntária, à qual a escola dá preferência, numa atitude formadora dos seus alunos, na capacidade de criar uma comunidade educativa mais capaz e mais pacífica.

### **Análise de género quanto aos alunos que realizam a queixa**

Julgámos importante verificar, em termos quantitativos, o número de alunos que realizaram as queixas por género. Verifica-se que são sempre mais os rapazes a elaborar queixas, uns sobre os outros e também sobre as raparigas.

*Figura 13 - Análise quanto ao género dos queixosos*

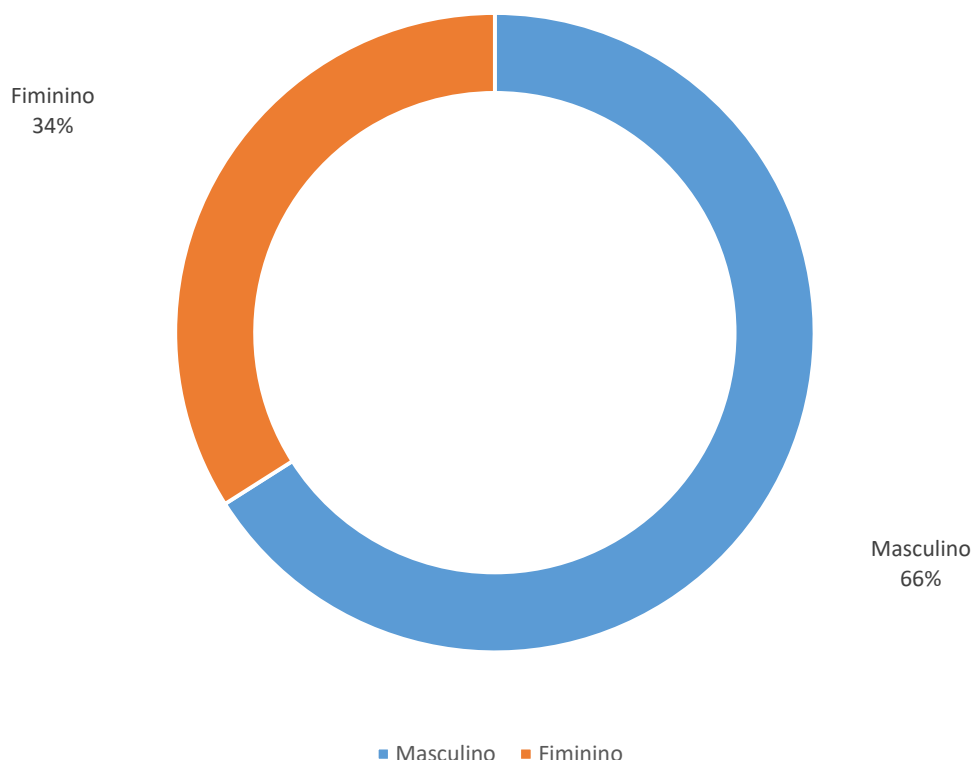


Apenas 37% das queixas efetuadas são feitas por meninas e 63% feitas por rapazes. Julga-se que a Psicologia é capaz de dar um forte contributo no entendimento e compreensão da situação. Os rapazes têm um amadurecimento mais lento e com a mesma idade das raparigas têm um conjunto de comportamentos que levam ao conflito entre género e géneros. Apenas cerca de um terço das queixas são elaboradas pelas raparigas.

### Alvos das queixas efetuadas por género

Dos alunos que se queixam, notamos que a maioria das queixas são feitas sobre os rapazes.

Figura 14 - Alvos das queixas efetuadas por género

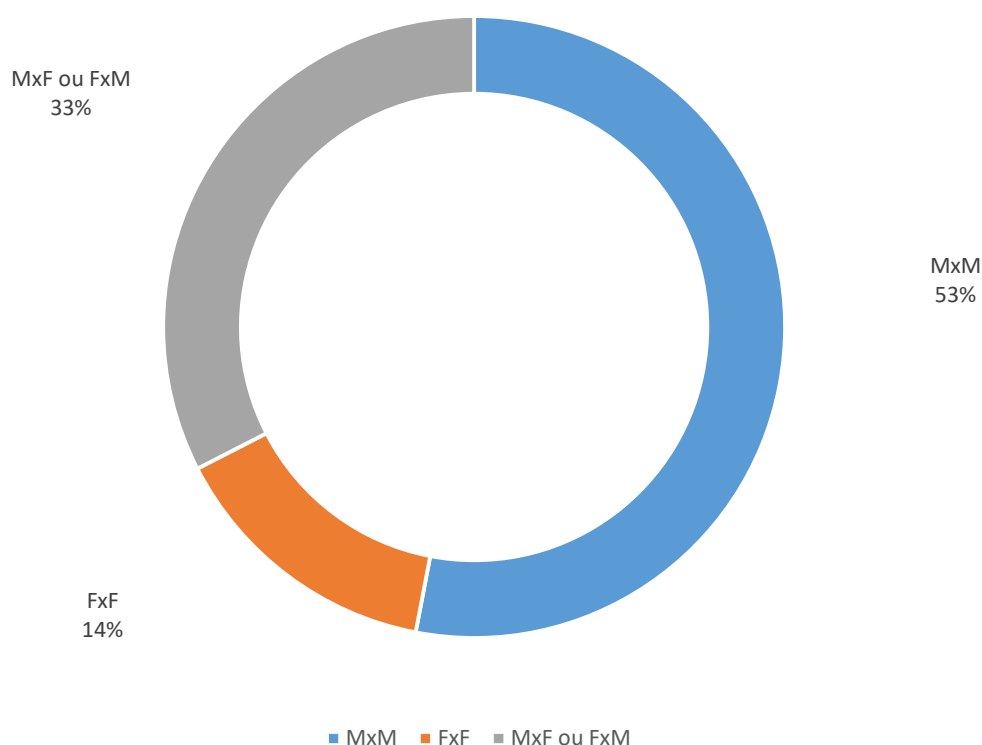


Em termos quantitativos, o número de alunos que são alvos das queixas por género é superior nos rapazes em relação às raparigas. Fica evidente que são os rapazes os mais identificados como promotores de comportamentos que exigem uma queixa. Como já se poderia verificar nos gráficos anteriores, os rapazes são mais queixosos, mas também sobre os quais recaem mais queixas, sejam elas feitas por meninas ou por outros rapazes. Sobre esse aspeto, veremos os números posteriormente. Aqui convém registar que as queixas feitas sobre meninas são apenas 34% do total de queixas feitas, e sobre rapazes 66% do total. Poderia depreender-se desta evidência que é um facto que a preocupação com os comportamentos escolares deverá recair com maior atenção sobre os rapazes.

## Sobre aos géneros dos alunos envolvidos em casa situação

Pensamos ser interessante também verificar de que forma as queixas são elaboradas em relação com os seus intervenientes. Este aspeto é muito complementar do anterior, porque nos ajuda a compreender de que forma os conflitos surgem e daí podermos trabalhar também as temáticas que podem ser motivadoras de comportamentos ou de correção de comportamentos. Neste gráfico, observa-se especificamente o género de quem efetuou a queixa e do alvo da queixa que nela estão envolvidos.

Figura 15 - Géneros dos alunos envolvidos por situação

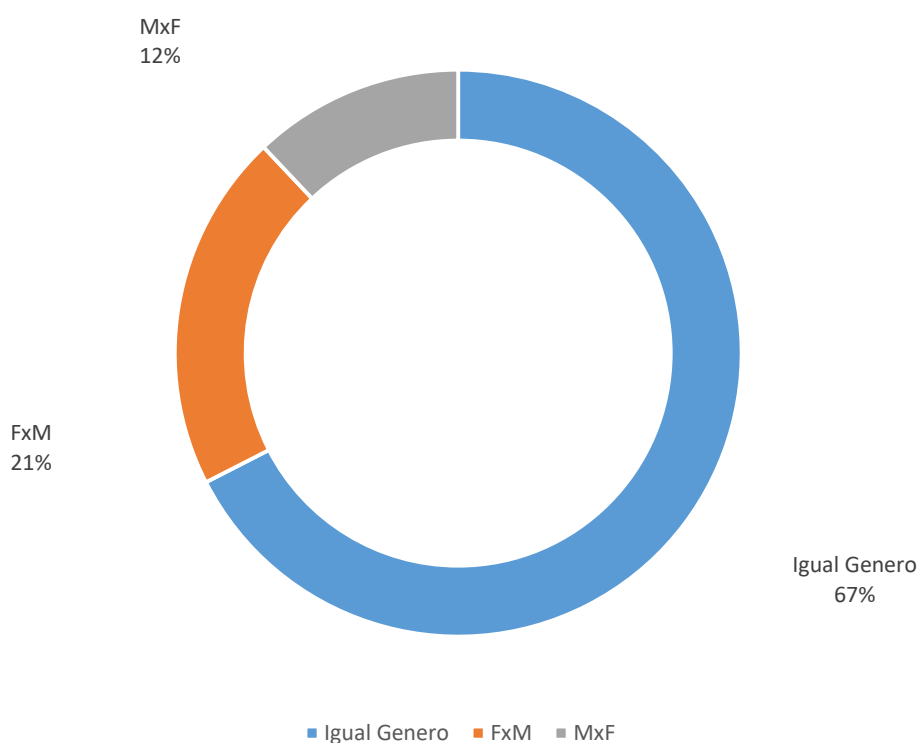


O resultado em relação à igualdade de género é maioritariamente de masculino para masculino, com 53%, como se verificou no gráfico anterior que a maioria das queixas é de género masculino. Com resultado inferior de feminino para feminino, com 14%, e com diferente género contabiliza-se 33% de masculino para feminino e de feminino para masculino. Deduzimos com pertinência informativa que são sempre os rapazes os mais conflituosos, mesmo entre si.

## Alunos envolvidos quanto ao seu género

Apresentemos ainda um gráfico que ajuda a compreender o anterior. Na análise específica quanto à diferença de género, verifica-se que dos 33% referidos no gráfico anterior 21% são de feminino para masculino e 12% de masculino para feminino.

Figura 16 - Género dos alunos por situação

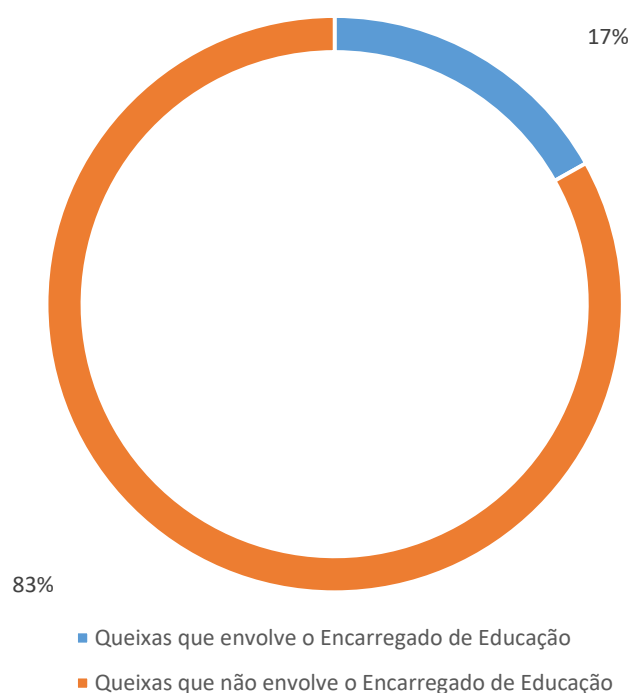


Este é um facto curioso, porque quando se trata de queixas entre géneros diferentes são mais as raparigas a queixarem-se sobre os rapazes do que o contrário. Talvez possamos apreender como motivo cimeiro desta situação, que é evidente durante todo o processo em estudo, que são as questões de maturidade as que mais servem de suporte ao aparecimento de conflitos escolares.

### **Análise quanto ao envolvimento do agregado familiar**

Pareceu-nos importante saber de que forma os Encarregados de Educação estão presentes no processo de Mediação de Conflitos ou fazem parte do mesmo. Verifica-se que, das 83 queixas, apenas 14 envolvem Encarregados de Educação, perfazendo um total de 17% dos nossos casos.

*Figura 17 - Envolvimento do agregado familiar*

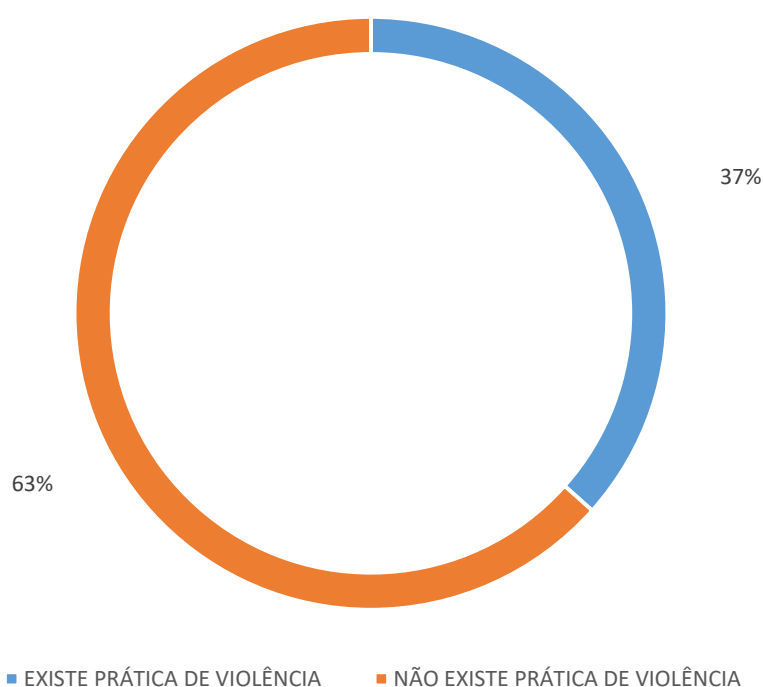


Justificam estes casos o facto de os próprios alunos informarem os seus encarregados de educação do conflito em que se encontram envolvidos e terem tido alguma intervenção no processo que aqui não se especifica.

### **Análise comportamental quanto à existência de violência física**

A maioria das queixas não inclui prática de violência física. Apenas 37% das queixas são sobre situações onde a violência física é evidente. Em 66% das queixas efetuadas, não há prática alguma de violência física.

*Figura 18 - Análise comportamental quanto à existência de Violência física*



Este facto pode demonstrar também alguma evolução positiva em relação ao trabalho efetuado no Gabinete de Mediação de Conflitos. Não existe um gráfico a demonstrá-lo, porque verificamos, quando identificamos os queixosos, que nunca existe uma nova queixa sobre o mesmo indivíduo por reiteração de comportamento conflituoso em relação ao seu par com o qual entrou em processo de mediação.

### **Conflitos quanto ao comportamento evidenciado**

Terminemos a nossa abordagem estatística com uma apreciação, muito pertinente, dos motivos das queixas, o que nos pode dar uma imagem muito segura dos aspetos que podem ser tratados de forma preventiva nas aulas de EMRC e quando da lecionação da unidade Letiva paz universal.

Na análise efetuada, foram definidos critérios comportamentais que nos ajudam a qualificar as queixas que deram entrada no Gabinete do Aluno e foram encaminhadas para a valência da mediação de conflitos. Assim, foram definidos comportamentos agressivos com o uso da força física, verbal, relacional, psicológica, sexual, *bullying* e *ciberbullying*.

A maior parte das queixas, 63%, não se enquadram com o tipo de comportamentos onde há algum tipo de violência, representando um universo de pequenas queixas nas quais não se identificam com os comportamentos categorizados anteriormente, refletindo comportamentos de menor importância para a boa convivência e paz escolar. Estas queixas são reconhecidas como pequenas queixas, feitas pelos alunos, no Gabinete do Aluno, que embora registadas são de resolução imediata pelos docentes que as recebem. Muitas vezes a abordagem imediata feita pelo docente que se encontra no Gabinete do Aluno é suficiente para que as mesmas situações sejam de imediato resolvidas, não dando azo a qualquer intervenção em Mediação Escolar ou procedimento disciplinar.

FÍSICO - Ataque físico contra um colega (corpo ou sua propriedade), com 22% das queixas;<sup>20</sup>

VERBAL - Ataques verbais contra um colega, com uso de expressões ofensivas sobre o mesmo ou seus familiares, 5% das queixas apresentadas;<sup>21</sup>

RELACIONAL - Manipulação da rede de amizade com intenção de causar isolamento social da vítima, 1% das queixas apresentadas;<sup>22</sup>

PSICOLÓGICO - Combinação de comportamentos de intimidação, ameaça e humilhação das vítimas, 4% das queixas apresentadas;<sup>23</sup>

SEXUAL - Comportamento agressivo com teor sexual, palavras, ações ou imagens de natureza sexual, 1% das queixas apresentadas;<sup>24</sup>

---

<sup>20</sup> Luís Fernando e Sónia Seixas, *PLANO BULLYING: como apagar o bullying da escola* (Lisboa: Plátano Editora, 2012), 24

<sup>21</sup> Fernando e Seixas, *PLANO BULLYING*, 24

<sup>22</sup> Fernando e Seixas, *PLANO BULLYING*, 24

<sup>23</sup> Fernando e Seixas, *PLANO BULLYING*, 24

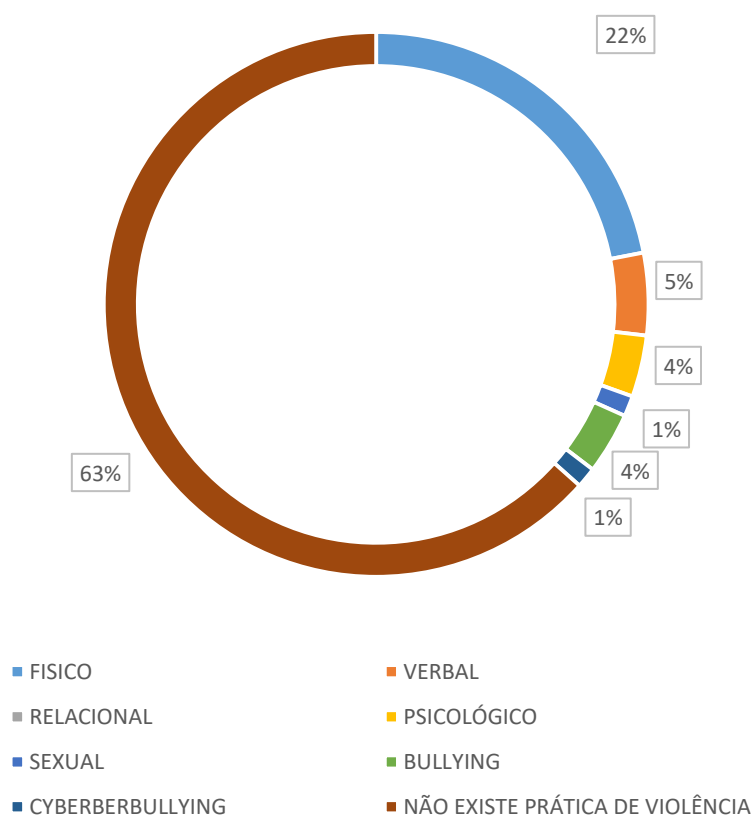
<sup>24</sup> Fernando e Seixas, *PLANO BULLYING*, 24

*BULLYING* - Comportamento intencional, de caráter repetitivo e sistemático e com existência de desigualdade, 4% das queixas apresentadas;<sup>25</sup>

*CYBERBERBULLYING* - Comportamento de *Bullying* com suporte a tecnologias de informação e comunicação, com ênfase nas redes sociais, 1% das queixas apresentadas.<sup>26</sup>

Cada um dos comportamentos apresenta as seguintes percentagens no cômputo da totalidade das queixas apresentadas.

Figura 19 - Conflitos quanto ao comportamento evidenciado



<sup>25</sup> Fernando e Seixas, *PLANO BULLYING*, 24

<sup>26</sup> Fernando e Seixas, *PLANO BULLYING*, 24

### **3.3 Conclusões sobre o percurso de desenvolvimento de um gabinete de mediação de conflitos**

Há todo um conjunto de factos que nos ajudam a perceber a dimensão de grandeza da existência na escola de um espaço de mediação de conflitos, no qual os nossos jovens possam ser eles mesmos, apesar da sua parca autonomia, a construir pelo encontro de soluções um espaço de paz onde tudo é melhor. Aprende-se melhor em paz. Encontram-se os outros mais facilmente na paz. Compreende-se melhor a família em paz. A sociedade é contagiada, positivamente, pela paz que aprendo a construir.

O Gabinete do Aluno, estrutura de apoio à comunidade escolar no que respeita à gestão de conflitos, propondo-se nas valências do mesmo contribuir para a prevenção, acompanhamento e resolução dos mesmos conflitos. Na escola Francisco Ornelas da Câmara este tem tido uma intervenção pertinente, no sentido de trabalhar a regulação emocional destes alunos, para conseguirem resolver os seus conflitos e frustrações de uma forma mais eficaz. É importante investir neste campo e trabalhar a empatia e as relações interpessoais, para minimizar comportamentos desestabilizadores e até de risco entre os alunos, pois só assim os professores poderão trabalhar com os seus alunos de forma a poder potenciar as suas aprendizagens com menos situações de conflito.

No decorrer do ano letivo de 2021/22, na escola Francisco Ornelas da Câmara, deparamo-nos com algumas situações e desafios que envolveram responsabilidades mais acrescidas, por parte do gabinete, devido ao facto de serem assuntos do foro psicológico, o que originou o tratamento de questões mais sensíveis que requereram uma atenção mais consciente e empática, por parte dos vários intervenientes, de forma a normalizar o bom ambiente escolar; para tal foram tomadas medidas e acordos que visam garantir a integridade e o bem-estar dos alunos na comunidade educativa. Importa salientar que os desafios foram superados, após um envolvimento conjunto e profícuo dos elementos da estrutura que envolve o GA.

Ao longo do ano letivo, alguns alunos revelaram dificuldades em reconhecer a autoridade dos docentes, devido às suas vivências; urge, assim, a necessidade de incutir nos mesmos a importância de respeitar todos de igual forma. Somos da opinião de que o Conselho de Turma tenha elementos com um perfil empático e assertivo, para darem um

reforço positivo aos alunos com carências emocionais e afetivas, que por sua vez prejudicam o seu comportamento e desempenho escolar.

No final do ano letivo, no âmbito do programa do Gabinete da Prevenção da Violência e Promoção da Cidadania em Meio Escolar em parceria com o Gabinete do Aluno e o apoio do SPO, realizou-se um torneio de futsal, para os alunos da escola. A atividade teve como principal objetivo motivar os alunos a adotar comportamentos pacíficos, assim como, promover o seu bem-estar na comunidade escolar e no meio envolvente. O projeto “jogar contra a violência” foi bem-sucedido; houve uma grande adesão por parte dos alunos, bem como de toda a comunidade educativa. Esta atividade proporcionou aos participantes, assim como a todos os que assistiram e se envolveram neste projeto, um entretenimento saudável, com boa disposição e foi sobretudo muito gratificante para todos, especialmente para nós, que o organizámos com muito entusiasmo e dedicação.

«O estatuto do aluno, publicado pelo Decreto Legislativo Regional n.º 12/2013/A de 23 de agosto, define a forma de procedimento disciplinar aplicável aos alunos, mas alerta para a necessidade de o mesmo prosseguir as finalidades pedagógicas da escola, no que respeita a preservação da autoridade dos professores e dos demais funcionários; o normal prosseguimento das atividades da escola; a correção do comportamento perturbador; o reforço da formação cívica do aluno; o desenvolvimento equilibrado da personalidade do aluno; a capacidade de relacionamento com os outros; a plena integração do aluno na comunidade educativa; o sentido de responsabilidade; as aprendizagens previstas para cada ciclo ou nível de ensino»<sup>27</sup>. Diz ainda que «As medidas disciplinares devem ser aplicadas em coerência com as necessidades educativas do aluno e com os objetivos da sua educação e formação, no âmbito do desenvolvimento do plano de trabalho da turma e do projeto educativo da escola.»<sup>28</sup> Ora nesta perspetiva a criação de um Gabinete de Mediação de Conflitos na escola pode fundar-se na ideia que a mediação pode substituir o procedimento disciplinar, garantindo ao aluno a possibilidade de resolução de problemas, sendo certo que a mesma garante mais eficazmente a prossecução das finalidades pedagógicas. A experiência vivida, da qual aqui se dá uma imagem concreta, mostra que em muitos

---

<sup>27</sup> Direção Geral da Educação, «Estatuto do Aluno e Procedimento Disciplinar», acedido a 3 de maio de 2022, <https://edu.azores.gov.pt/seccoes/estatuto-do-aluno-e-procedimento-disciplinar/>

<sup>28</sup> Direção Geral da Educação, «Estatuto do Aluno e Procedimento Disciplinar», acedido a 3 de maio de 2022, <https://edu.azores.gov.pt/seccoes/estatuto-do-aluno-e-procedimento-disciplinar/>

casos se pode substituir o procedimento disciplinar pela mediação de conflitos democrática e voluntária, trazendo esta uma aprendizagem que se repercute na vida da escola como espaço de paz e tem impactos na formação efetiva do aluno e na sua participação comunitária como elemento capaz de gerir situações de conflito.

Os conflitos de que se vem falando são conflitos que consubstanciam as infrações que são consideradas como tendo necessidade de uma intervenção e em que algumas até poderiam ser sujeitas a procedimento disciplinar, excluem-se evidentemente as que não há evidência de violência, mas, mesmo assim, a decisão dos mediadores definiu como estratégia a realização de uma mediação para resolução do problema. Se os alunos em mediação conseguirem resolver o conflito o mesmo não é alvo de procedimento disciplinar, ficando a situação resolvida pelos mesmos de forma democrática e voluntária. É assim facultado aos alunos a possibilidade de cooperarem entre si no sentido de resolver o conflito, porquanto a escola entende que não deve negar aos mesmos a oportunidade de aprendizagem e crescimento que lhe traz um processo desta natureza. O procedimento disciplinar e a mediação são instrumentos com objetivos diferentes, mas que se substituem como solução para os problemas dos alunos. Sempre que um conflito possa ser solucionado por via da mediação, deve ser esse o procedimento e instrumento adotado, porque o mesmo é estruturante da sua personalidade e dá-lhe instrumentos para desenvolver as suas competências na resolução de problemas, de uma forma que o procedimento disciplinar não consegue. Haverá seguramente casos em que ambos os instrumentos devem ser mobilizados, quando e se a mediação não surtir o efeito de resolução do conflito, partindo-se daí para o instrumento disciplinar. Pensemos no caso de dois alunos de sexos diferentes, em que o rapaz tenta beijar a rapariga (ex-namorada), contra a vontade da própria. Tendo em conta que a tentativa de mediar a situação não surtiu efeito, o caso seguiu para processo disciplinar sancionatório de suspensão. Se os alunos tivessem, no processo de mediação, resolvido o problema, o mesmo não teria procedimento disciplinar.

Uma abordagem do último ano letivo, na escola onde leciono há cerca de uma quinzena de anos, e onde criámos a valências de mediação de conflitos; é um bom exemplo de como a criação de um gabinete de mediação de conflitos pode ser mentor essencial de uma manutenção da paz na escola, mas também da sua recuperação quando posta em causa e, com este espaço de reconstrução da paz, a mesma surge como capacitada de estratégias que os nossos alunos levam para a vida e para a comunidade.

## **Conclusão**

Pode assim concluir-se, sobre o tema abordado neste relatório, que a paz é o valor que serve de fundamento e alicerce de uma escola na qual se pretende criar um ambiente que seja propício ao crescimento saudável dos alunos e facilitador do processo educativo.

A paz é, por isso, alicerce no qual é possível estruturar comportamentos, promover empatias favoráveis à anulação de qualquer sofrimento advindo dos naturais conflitos humanos, que dificultem o processo educativo, promovendo-se, ainda, uma intervenção junto dos discentes no sentido de um compromisso que facilite a construção de uma escola pacífica, e, disseminar um conjunto de estratégias que apreendidas, pelos alunos, os ajudem na escola e na comunidade a lidar com os inevitáveis conflitos que os fazem vítimas e agressores em tantas circunstâncias.

Formar para o valor da paz é educar para a construção de um mundo melhor, e, ajuda a combater comportamentos indesejáveis que dificultam e perturbam o desenvolvimento na comunidade e da comunidade na qual os alunos vivem e se tornam cidadãos. Este trabalho permite compreender a necessidade de que todos, na comunidade educativa, estejam envolvidos com o compromisso da construção de uma escola pacífica, que seja base para a dinamização de todo o processo educativo, facilitando também o alcance dos objetivos de cada escola como entidade formadora para a comunidade onde se insere e, por essa via, dos seus alunos.

O trabalho desenvolvido com os alunos em ambiente de sala de aula, na exploração dos temas propostos pela disciplina de EMRC, nomeadamente o tema da paz, permite apetrechar os alunos de instrumentos capazes de os ajudar na gestão de conflitos, dentro e fora da escola. Mostrar aos alunos a importância da construção da paz, de acordo com os manuais escolares, na forma como estes se encontram estruturados, não deixa de ser relevante, mas é necessário operacionalizar conhecimentos numa prática do dia-a-dia que os treine para um diálogo e comunicação que gere frutos, positivos, no quotidiano dos alunos. Por isso experimentar a resolução de problemas é a forma mais eficaz de promover uma aprendizagem que tenha impactos assertórios, mais ainda quando os alunos têm como instrumento de trabalho situações da

sua vida real. Assim a construção de um gabinete de mediação de conflitos que auxilie a escola na manutenção do espaço pacífico e que possibilite aos alunos experimentar um diálogo facilitador da resolução de problemas mostrou-se ser fundamental. Foi assim que do sentimento de que era necessário se partiu para a efetiva criação de uma estrutura na qual pode acontecer um diálogo voluntário e democrático, com vista a resolução de situações concretas do dia-a-dia dos alunos na escola. Estamos a falar da mediação escolar que surge no espaço da escola, integrada no Gabinete do Aluno, pensado para promoção de um diálogo em situações de conflito, com vista à resolução desses mesmos conflitos em que os alunos são os protagonistas e os educadores os seus mediadores, apenas.

A escola tem de olhar a paz que se vive no seu espaço como uma oportunidade para formar os homens e mulheres do futuro, assim como o processo de resolução de problemas também deverá ser entendido como oportunidade educativa. É preciso ensinar a paz, não esperar que a mesma seja entendida como um acontecimento isolado da realidade, mas também ensinar a construí-la no momento em que se resolvem problemas pelo diálogo voluntário e democrático que o gabinete de mediação de conflitos veio possibilitar.

Uma escola pacífica é um lugar mais propício à realização do processo educativo. Nós os professores de EMRC temos de saber aproveitar os conteúdos dos manuais, os temas que ali se enumeram, nomeadamente o tema da paz universal, para potenciarmos a construção de uma comunidade que, não deixando de ser laica na sua conceção de paz, também bebe, ou pode beber, façamos nós um bom trabalho, nos fundamentos cristãos que são alicerce estruturante da disciplina. A nossa presença na escola tem, também, essa missão, porquanto a nossa comparência perante um horário que nos é dado no início de cada ano letivo não se restringe à sala de aula. Uma atenção aos problemas da escola faz-nos ser mais ativos na participação organizada no todo da comunidade. Este facto levou a que se construísse uma aula sobre o tema da paz, em que se reflete com os alunos sobre atitudes e comportamentos, como complemento aos conteúdos da disciplina, que ajuda a mentalizar para o significado dos comportamentos.

O trabalho desenvolvido pelo Instituto Politécnico Nacional do México, que deu origem e serviu de fundamento para a anteriormente referida aula extra, leccionada no final do ano lectivo de 2021/22 e no início do ano lectivo de 2022/23 e que tem sido usado em algumas escolas como plano para a consciencialização dos alunos, para o

impacto que podem ter os seus comportamentos, vislumbra, na sua adaptação, criar um modelo de intervenção junto dos alunos que lhes permite, através do material criado (régua de comportamentos), dar a conhecer aos alunos que os seus mais variados comportamentos podem refletir-se no outro como uma manifestação implícita e/ou explícita de violência, algumas delas tornadas naturais no quotidiano dos alunos e da sua comunidade. Em anexo damos conta dessa aula que os professores de EMRC prepararam para ser lecionada em todos os anos letivos, desde o primeiro ano do primeiro ciclo de ensino até ao nono ano do terceiro ciclo de ensino, no início do ano letivo, adaptada a cada faixa etária, como forma de evidenciar a importância do comportamento e da construção de uma escola pacífica. O documento que aqui se apresenta é o lecionado nas turmas dos anos do terceiro ciclo de ensino.

Se é certo que este relatório final assenta, na sua primeira parte, na exploração do tema da paz que nos é dado pelo manual de EMRC do 7º ano de escolaridade, e, esses conteúdos são já lecionados numa perspetiva de os relacionar sempre com a realidade concreta em que vivem os nossos alunos, numa segunda parte vai assentar na ideia de construção de um gabinete de mediação escolar como espaço de promoção de uma capacitação dos alunos para a resolução de conflitos, de forma voluntária e democrática, sem perder o sentido cristão da relação humana.

Descobre-se, assim, em todo este percurso feito, que a nossa intervenção na escola como professores deve superar a sala de aula e mostrar atenção a todos os momentos e espaços da comunidade educativa com especial atenção aos nossos alunos. A criação deste gabinete de mediação de conflitos é o facto que comprova esta nossa possibilidade de intervir de uma forma estruturada, fora da sala de aula e fora do plano curricular da disciplina, podendo intervir junto dos alunos com instrumentos concretos que possam operacionalizar os conteúdos dados em sala de aula, neste caso com uma relação concreta ao tema da paz. A pequena estatística apresentada evidencia esta possibilidade como facto que comprova esta realidade com o sucesso que a mesma evidencia, ficando demonstrado que o gabinete criado traz forte e seguro benefício à escola no que respeita à resolução de conflitos e, mostrou ser ainda formador de uma consciência que tem depois implicações positivas na futura integração dos alunos na realidade das suas comunidades.

O trabalho aqui apresentado não é fruto de nenhuma pesquisa, mas fruto de uma experiência concreta com alguns anos, mais de uma década, de operacionalização na

escola em que leciono, no decurso dessa referida década. Neste momento falar de paz na escola, em sala de aula, na exploração dos temas que a disciplina nos sugere passou a ser insuficiente no que respeita à formação dos alunos. A criação do gabinete de mediação de conflitos permitiu contribuir para uma compreensão do tema da paz e permite aplicar conhecimentos na prática do dia-a-dia dos alunos. Não se tratou de uma descoberta, mas tão só de dar resposta a uma necessidade que a escola apresentava na altura, para a qual não tinha nenhuma resposta organizada, e que com a criação deste gabinete se deu resposta. Hoje fruto da criação da estrutura do gabinete do aluno, estrutura que inclui a valência de mediação de conflitos, já algumas escolas, ainda poucas, incluem esta ideia que surge na escola onde leciono, desde sempre, e em que o mesmo projeto teve início.

Tratando-se de um trabalho pioneiro, há altura (ano letivo de 2010/11), percebe-se que o mesmo tem feito uma evolução significativa ao longo do tempo, no qual as limitações advenientes do facto de ser sempre motivado pela vontade dos alunos em resolver problemas, de uma forma voluntária e democrática, nem sempre nos permite trazer a esta possibilidade do gabinete todos os alunos que são vítimas ou agressores. Aqui, neste passo tão significativo do processo de mediação, assentar nos princípios da voluntariedade e da democracia, por vezes traz-nos a dificuldade de uma adesão espontânea dos alunos e perdem-se oportunidades de desenvolver o processo em todos os casos que podem surgir na escola. Esta limitação é por vezes suplantada como uma intervenção junto dos alunos no sentido de os motivar a estarem disponíveis para entrar no processo de mediação. Neste aspeto poderia entender-se que se perde o sentido voluntário absoluto de procurar a valência para resolver problemas, porquanto é necessário intervir motivando a que sejam voluntários.

Julgamos que este projeto, pelos bons resultados que demonstrou conseguir junto dos nossos alunos, será uma mais valia na qual se deveria investir como projeto da própria disciplina, associando-o ao tema da paz que se estuda nos diversos anos letivos. Faz por isso todo o sentido que se acrescente à missão da disciplina esta missão de ajudar a escola a promover um ambiente escolar pacífico e uma comunidade na qual os seus intervenientes são detentores de aprendizagens que lhes facilitam o crescimento pessoal e os ajuda a desenvolver relações sociais saudáveis e estruturadas no valor da paz.

## **Bibliografia**

### **Documentos Eclesiais**

Conferência Episcopal Portuguesa, «Educação, direito e dever: missão nobre ao serviço de todos», acessido a 30 de janeiro de 2020, <http://www.conferenciaepiscopal.pt/v1/educacao-direito-e-dever-missao-nobre-ao-servico-de-todos/>.

Conselho Episcopal Latino – Americano. *Civilização do Amor–Tarefa e Esperança. Orientações para a Pastoral da Juventude Latino-Americana*. Seção Juventude –SEJ, (São Paulo: Paulinas, 1997).

Francisco, *A Cultura do Cuidado como Percurso de paz*. Mensagem para o 54º Dia Mundial da paz (1 de janeiro, 2021). Acessido a 3 de setembro de 2022, [https://www.vatican.va/content/francesco/pt/messages/peace/documents/papa-francesco\\_20201208\\_messaggio-54giornatamondiale-pace2021.html](https://www.vatican.va/content/francesco/pt/messages/peace/documents/papa-francesco_20201208_messaggio-54giornatamondiale-pace2021.html)

Francisco, *Diálogo entre gerações, educação e trabalho: instrumentos para construir uma paz duradoura*. Mensagem para o 55º Dia Mundial da Paz (1 de janeiro, 2022). Acessido a 3 de setembro de 2022, <https://www.vatican.va/content/francesco/pt/messages/peace/documents/20211208-messaggio-55giornatamondiale-pace2022.html>

### **Outros documentos**

António Torres, Ilda Figueiredo, Jorge Cardoso, Luísa Pereira, Maria José Neves, Rosália Silva. *Referencial de Educação para o Desenvolvimento*. Lisboa: Direção Geral da Educação, 2016,

[https://www.dge.mec.pt/sites/default/files/ECidadania/educacao\\_desenvolvimento/Documentos/referencial\\_de\\_educacao\\_para\\_o\\_desenvolvimento.pdf](https://www.dge.mec.pt/sites/default/files/ECidadania/educacao_desenvolvimento/Documentos/referencial_de_educacao_para_o_desenvolvimento.pdf)

Decreto Legislativo Regional 12/2013/A de 23 de agosto, Artigo 21º. *Estatuto do Aluno dos Ensinos Básico e Secundário*. Publicado no Jornal Oficial I Série - Número 99, 26 de agosto de 2013.

*Dicionário Universal da Língua Portuguesa Integral*. Texto Editora (2005).

Direção Geral da Educação, «Estatuto do Aluno e Procedimento Disciplinar», acessido a 3 de maio de 2022, <https://edu.azores.gov.pt/seccoes/estatuto-do-aluno-e-procedimento-disciplinar/>

## **Estudos e Ensaios**

Cristina Sá Carvalho, «Pedagogia do Serviço: uma perspetiva de planificação e de implementação» *Pastoral Catequética* 41 (2018): 49-130.

Etienne Verhack, «A missão dos educadores cristãos: caminhar como árvores», *Pastoral Catequética* 9, 27 (2013): 98.

Fernando, Luís e Sónia Seixas. *PLANO BULLYING: como apagar o bullying da escola*. Lisboa: Plátano Editora, 2012.

Isabel Vilaça e Vitor Carmona, «Os contextos pedagógicos e educativos da Educação Moral e Religiosa Católica», *Pastoral Catequética*, nº5 (2006): 89 – 96, [https://www.educris.com/v3/centrorecursos/download.php?t=doc&f=pastoral\\_catequetica\\_5\\_210625034826.pdf](https://www.educris.com/v3/centrorecursos/download.php?t=doc&f=pastoral_catequetica_5_210625034826.pdf)

Jesús Manuel García, «¿Qué espiritualidad proponer hoy a los jóvenes?», acessido a 10 de outubro de 2022, [https://donbosco.org.ar/uploads/recursos/recursos\\_archivos\\_1577\\_794.pdf](https://donbosco.org.ar/uploads/recursos/recursos_archivos_1577_794.pdf)

João Neto e Tobias Corrêa, «Resolução Alternativa de conflitos: A cultura da paz em meio a Adolescentes», acessido a 5 de novembro de 2022, <https://www.publicacoeseventos.unijui.edu.br/index.php/salaoconhecimento/article/view/17396/16078>

Pedro Casaldáliga e José Maria Vigil. *Espiritualidade da Libertação*. (Petrópolis: Vozes, 1996), 35.

Pinheiro da Silva, Eduardo. «Espiritualidade juvenil: a alegria de ser firme na Fé». *Encontros Teológicos*, n.º 63, Ano 27, Número 3 (2012): 49-66, <https://facasc.emnuvens.com.br/ret/article/viewFile/176/167>

Portugal, Maria Margarida, José Luís Dias, Isabel Maria Mesquita, Gisela Filipa Fialho e Mário Miguel Rodrigues. *Queremos Saber!* (Lisboa: Fundação SNEC, 2021).

Secretariado Nacional de Educação Cristã. *Programa de Educação Moral e Religiosa Católica*. Moscavide: Gráfica Almondina, 2014.

Verhack, Etienne, «A missão dos educadores cristãos: “Caminhar como árvores”», *Pastoral Catequética*, n.º 27 (2013): 99-111.

### **Fontes lidas, mas não citadas**

Ambrósio, Juan. «A Educação Moral e Religiosa Católica na Escola Pública». *Communio*, 5, Ano XVIII (2001): 437-449.

Ambrósio, Juan. «As religiões na escola». *Revista Portuguesa de Ciência das Religiões*, 2 (2002): 59-63.

Arends, Richard I. *Aprender a ensinar*. Mcgraw Hill (1995).

Baptista, Isabel. *Capacidade ética e desejo metafísico: uma interpelação à razão pedagógica*. Porto: Afrontamento (2007).

Bergolio, Jorge Mario. *Educar para uma esperança ativa*. Águeda, Paulinas (2013).

Boff, Leonardo. *A oração de São Francisco, uma mensagem de paz para o mundo atual*. 3ª ed. Rio de Janeiro: Sextante (1999).

Brito, Brígida. «Sociologia da Paz e dos Conflitos - Ficha de apoio n.º 7». Em *Educação para a paz/cultura da paz*. Universidade de Évora, Ano Letivo 2011/2012.

Carvalho, José Ornelas, «A utopia da paz na Bíblia. Em *Cadernos do Instituto S. Tomás de Aquino*». n.º9, [http://www.triplov.com/ista/cadernos/cad\\_09/ornelas\\_01.html](http://www.triplov.com/ista/cadernos/cad_09/ornelas_01.html)

Delors, Jaques, *Educação: um tesouro a descobrir*. Relatório para a UNESCO da Comissão Internacional sobre Educação para o Século XXI. 7ªed. Porto: Edições Asa, (2001).

Eleutério, João. «Religioso e moral no mundo contemporâneo: perspectivas sobre o ensino da EMRC». *Pastoral Catequética*, 8 (2007): 27-44.

Galtung, Johan. *Paz por medios pacíficos. Paz y conflicto, desarrollo y civilización*. Gernika: Bakeaz-Gernika Gogoratu (2003).

Giussani, Luigi. «Educar é um risco». Em *Bullying manual anti-agressão*, Casa das Letras, Lisboa (2009).

Leandro, I. «O lugar do Evangelho na missão da Escola Católica. A educação segundo o Papa Francisco». *Revista de Catequese e Educação*, 37-38 (2017) 33.

Neves, Joaquim Carreira das. *A força do shalom bíblico*. Fátima: Fátima e Paz (1993).

Rodrigues, David. *Perspetivas sobre a Inclusão – Da Educação à sociedade*. Porto, Porto Editora (2003).

Sacristán, José Gimeno. *Educar e conviver na cultura global*. Porto, Asa Editores (2002).

Salgado, Cristina. *Ensaio sobre o amor na Educação - formar pessoas ensinando*. Lucerna, Cascais (2017)

Secretariado Coordenador dos Programas de Educação Multicultural. *Educar para a tolerância – Actas da Conferência*. Lisboa (1995).

Secretariado Nacional da Educação Cristã, *Forum de Educação Moral e Religiosa Católica*. Lisboa: SNEC (2005): 141-146.

Selaub, Bento. *Educação inclusiva e educação para a paz- relações possíveis*. EDUFMA. São Luís (2009).

Serralheiro, Deolinda. *O Acto Educativo, Religioso e Moral*. Lisboa: Secretariado Nacional da Educação Cristã (1996).

Soromenho-Marques, Viriato. *Conflitos pela Paz: Ética, Relações Internacionais e Cooperação Compulsiva*. Universidade dos Açores (2010).

Wiberg, Håkan. «Investigação para a Paz: Passado, presente e futuro». *Revista Crítica de Ciências Sociais*, 71 (2005): 21-42.

Ventura, Fernando. «A paz messiânica, a Utopia de Deus». *Bíblica*, Série científica, nº11 nº 283, Ano 48.